UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA – PPGLL

SUZIANE DE OLIVEIRA PORTO SILVA

O USO DOS PRONOMES PESSOAIS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA POSIÇÃO DE SUJEITO EM CARTAS PESSOAIS NO ESTADO DE ALAGOAS

MACEIÓ/AL
2024

SUZIANE DE OLIVEIRA PORTO SILVA

O USO DOS PRONOMES PESSOAIS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA POSIÇÃO DE SUJEITO EM CARTAS PESSOAIS NO ESTADO DE ALAGOAS

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório

MACEIÓ/AL

2024

Catalogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586u Silva, Suziane de Oliveira Porto.
O uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na posição de sujeito em cartas pessoais no estado de Alagoas / Suziane de Oliveira Porto Silva. – 2024.
102 f. : il.

Orientadora: Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório.
Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2024.

Bibliografia. f. 97-102.

1. Sociolinguística. 2. Pronome pessoal. 3. Tu e você. 4. Carta pessoal. I. Título.

CDU: 81’27(813.5)

TERMO DE APROVAÇÃO

SUZIANE DE OLIVEIRA PORTO SILVA

Título do trabalho: "O USO DOS PRONOMES PESSOAIS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA POSIÇÃO DE SUJEITO EM CARTAS PESSOAIS NO ESTADO DE ALAGOAS"

TESE aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTORA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

gov.br Documento assinado digitalmente
ELYNE GISELLE DE SANTANA LIMA AGUIAR VITO
Data: 10/06/2024 14:57:44-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

gov.br Documento assinado digitalmente
CLAUDIA ROBERTA TAVARES SILVA
Data: 12/06/2024 15:16:09-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Claudia Roberta Tavares Silva (UFRPE)

gov.br Documento assinado digitalmente
RAFAEL BEZERRA DE LIMA
Data: 12/06/2024 19:37:13-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Rafael Bezerra de Lima (UFAPE)

gov.br Documento assinado digitalmente
ALDIR SANTOS DE PAULA
Data: 14/06/2024 16:36:44-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)

gov.br Documento assinado digitalmente
ADEILSON PINHEIRO SEDRINS
Data: 24/06/2024 13:12:42-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (PPGLL/Ufal)

Maceió, 10 de junho de 2024.

Ao meu filho, Levi Alencar, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Nesses anos de doutorado, marcados por estudo, dedicação e empenho, gostaria de expressar minha gratidão àqueles que foram fundamentais na realização deste sonho.

Primeiramente, minha eterna gratidão a Deus, por iluminar meu caminho, zelar por mim e revelar a força que eu desconhecia, capaz de me permitir conciliar tantas responsabilidades.

Ao meu querido filho, Levi Alencar, agradeço por sua presença constante e inspiradora desde a gestação, estando ao meu lado em cada etapa do doutorado, dormindo ou brincando em meu colo enquanto eu estudava. Ele foi meu maior incentivo e a razão de tudo ser tão valioso.

Ao meu esposo, Diogo Alencar. Companheiro incansável, foi meu alicerce, oferecendo amor, apoio e compreensão, sempre confiante em meu potencial. Agradeço por toda paciência e compreensão nos momentos em que precisei abdicar do nosso tempo. Sua dedicação em cuidar de nosso filho e seu apoio incondicional foram essenciais nessa jornada.

À minha mãe, Rejane Porto, expresso meu amor e gratidão por adotar meus sonhos como se fossem seus, nunca hesitando em oferecer o apoio necessário. Sua ajuda foi fundamental, especialmente no cuidado com meu filho, permitindo que eu conseguisse me dedicar aos estudos e ao trabalho.

Aos meus irmãos, Larise e Mailson, pelo apoio constante e torcida entusiasmada.

Ao meu pai Jackson, e todos os familiares que sempre vibraram por mim.

Aos meus amigos de vida, colegas de trabalho e de estudos, pelo incentivo e por estarem sempre dispostos a me ouvir.

À todos os professores que fizeram parte da minha jornada acadêmica e contribuíram para a minha formação, lembro com carinho de cada um deles.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela oportunidade de realização desta pesquisa.

À minha orientadora, Elyne Vitório, meus sinceros agradecimentos pela orientação no doutorado e pelo apoio contínuo ao longo de uma década, desde a graduação. O aprendizado adquirido sob sua orientação foi imenso, ampliando minha experiência acadêmica e profissional. Sua paciência, empatia e compreensão foram cruciais para minha evolução, contribuindo para uma trajetória mais leve. Valorizo imensamente o conhecimento que compartilhou e a inspiração profissional que proporcionou. Por toda dedicação e orientação, minha gratidão é imensurável.

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a língua é um fator importante na identificação e demarcação de diferenças linguísticas e sociais na comunidade, objetivamos, neste estudo, analisar a implementação e utilização dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular *tu/você* na posição de sujeito no estado de Alagoas, com o intuito de verificar como esses pronomes eram utilizados e quais os fatores condicionantes para sua realização, como também averiguar o modo como as relações de poder e solidariedade influenciaram o uso desses pronomes. Para o desenvolvimento deste estudo, nos apoiamos na Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]), na Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009) e Teoria do Poder e da Solidariedade (Brown; Gilman, 1960). Para tanto, realizamos nosso estudo a partir da análise de cartas pessoais dos séculos XX e XXI tendo em vista que este é um dos gêneros textuais que mais favorecem o uso dos pronomes de segunda pessoa, possibilitando uma melhor análise e compreensão da inserção e utilização desses pronomes em Alagoas. Nosso *corpus* foi constituído por 204 cartas pessoais escritas por missivistas alagoanos e, a partir da nossa análise de dados, controlamos os seguintes fatores: período de escrita da carta, subgênero da carta pessoal, relação de poder e solidariedade, relação entre os sexos dos missivistas, sexo dos missivistas, preenchimento do sujeito, concordância verbal e paralelismo pronominal. Para a análise estatística de dados, utilizamos o programa computacional R (R core team, 2018), e, a partir da análise e rodada dos dados, computamos 546 ocorrências, das quais foram 262 do pronome *tu*, o que corresponde a 48%, e 284 do pronome *você,* representando 52%. Com isso, confirmamos nossas hipóteses de que i) há variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular na amostra analisada, havendo alternância entre os pronomes *você* e *tu*; ii) os fatores extralinguísticos como período de escrita da carta, subgênero da carta pessoal, relação entre os sexos dos missivistas e sexo dos missivistas condicionam a escolha linguística; iii) Os fatores linguísticos como preenchimento do sujeito e paralelismo linguístico condicionam a escolha linguística; e iv) a escolha linguística de *você* e *tu* realizada pelos missivistas também é influenciada pelas relações de Poder e Solidariedade.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Pronomes pessoais. Tu e Você. Cartas pessoais.

ABSTRACT

Based on the assumption that language plays a significant role in identifying and demarcating linguistic and social differences within the community, this study aims to analyze the implementation and use of the second person singular personal pronouns tu/você as the subject in the state of Alagoas, to determine how these pronouns were used and the conditioning factors for their occurrence, as well as to investigate how power and solidarity relations influenced the use of these pronouns. For the development of this study, we relied on the Theory of Linguistic Variation and Change (Labov, 2008), Historical Sociolinguistics (Romaine, 2009), and the Theory of Power and Solidarity (Brown; Gilman, 1960). Therefore, our study was conducted through the analysis of personal letters from the 20th century, as this genre significantly facilitates the use of second-person pronouns, enabling a better analysis and understanding of the integration and use of these pronouns in Alagoas. Our corpus consisted of 204 personal letters written by Alagoan correspondents, and from our data analysis, we controlled for the following factors: letter writing period, personal letter subgenre, power and solidarity relationships, relationship between the correspondents' genders, gender of the correspondents, subject realization, verb agreement, and pronominal parallelism. For the statistical data analysis, we used the R computational program (R core team, 2018), and from the analysis and processing of the data, we identified 546 occurrences, of which 262 were of the pronoun tu, accounting for 48%, and 284 of the pronoun você, representing 52%. This confirmed our hypotheses that i) there is variation between the second person singular pronouns in the sample analyzed, with alternation between você and tu; ii) extralinguistic factors such as the letter writing period, personal letter subgenre, relationship between the correspondents' genders, and the gender of the correspondents condition the linguistic choice; iii) Linguistic factors such as subject realization and linguistic parallelism condition the linguistic choice; and iv) the linguistic choice of você and tu made by the correspondents is also influenced by Power and Solidarity relations.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Personal pronouns. Tu and Você. Personal letters.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na posição de sujeito na amostra 65

Gráfico 2: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o período de escrita das cartas 66

Gráfico 3: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o período com o subgênero da carta pessoal 68

Gráfico 4: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com a relação entre os sexos dos missivistas 71

Gráfico 5: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o sexo dos missivistas 73

Gráfico 6: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com as relações de Poder e Solidariedade 75

Gráfico 7: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o preenchimento do sujeito 77

Gráfico 8: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o paralelismo pronominal 79

Gráfico 9: Período de escrita e sexo dos missivistas 81

Gráfico 10: Período de escrita e subgênero da carta 83

Gráfico 11: Período de escrita e Relação de Poder e Solidariedade 85

Gráfico 12: Subgênero da carta e relação entre sexo dos missivistas 87

Gráfico 13: Subgênero da carta e relação entre sexo dos missivistas 89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Apresentação da síntese do artigo número 1 da revisão integrativa 21

Quadro 2: Apresentação da síntese do artigo número 2 da revisão integrativa 22

Quadro 3: Apresentação da síntese do artigo número 3 da revisão integrativa 24

Quadro 4: Apresentação da síntese do artigo número 4 da revisão integrativa 25

Quadro 5: Apresentação da síntese do artigo número 5 da revisão integrativa 27

Quadro 6: Apresentação da síntese do artigo número 6 da revisão integrativa 28

Quadro 7: Apresentação da síntese do artigo número 7 da revisão integrativa 29

Quadro 8: Apresentação da síntese do artigo número 8 da revisão integrativa 30

Quadro 9: Apresentação da síntese do artigo número 9 da revisão integrativa 32

Quadro 10: Apresentação da síntese do artigo número 10 da revisão integrativa 33

Quadro 11: Apresentação da síntese do artigo número 11 da revisão integrativa 34

Quadro 12: Apresentação da síntese do artigo número 12 da revisão integrativa 35

Quadro 13: Apresentação da síntese do artigo número 13 da revisão integrativa 37

Quadro 14: Apresentação da síntese do artigo número 14 da revisão integrativa 38

Quadro 15: Apresentação da síntese do artigo número 15 da revisão integrativa 39

Quadro 16: Formas de tratamento utilizadas no século XIX 49

Quadro 17: Formas de tratamento utilizadas no século XX 50

Quadro 18: Estrutura da carta pessoal 51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10

2. **OS PRONOMES PESSOAIS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR**.....12

2.1 Sobre os pronomes de segunda pessoa: um breve percurso.....13

2.2 Os pronomes de segunda pessoa do singular na língua falada.....14

2.3 **Revisão integrativa de literatura** 17

2.3.1 Metodologia: Procedimentos para a seleção dos trabalhos..... 17

2.3.2 Resultados e discussões.....20

2.3.3 Síntese da discussão.....39

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....41

3.1 Da Sociolinguística Variacionista à Sociolinguística Histórica.....41

3.2 A pesquisa em sociolinguística histórica.....46

3.3 Teoria do Poder e Solidariedade.....48

3.4 O gênero carta pessoal.....50

3.5 Procedimentos metodológicos.....52

3.5.1 A amostra analisada.....52

3.5.2 Objetivos e hipóteses.....54

3.5.3 O envelope da variação.....55

3.5.3.1 Variável dependente.....55

3.5.3.2 Variáveis independentes.....56

3.5.3.2.1 Período de escrita da carta.....56

3.5.3.2.2 Subgênero da carta pessoal.....56

3.5.3.2.3 Relação de Poder e Solidariedade.....57

3.5.3.2.4 Relação entre os sexos dos missivistas.....58

3.5.3.2.5 Sexo do missivista.....59

3.5.3.2.5 Preenchimento do sujeito.....60

3.5.3.2.6 Concordância verbal.....60

3.5.3.2.7 Paralelismo linguístico.....61

3.6 O tratamento dos dados e rodada estatística.....62

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....64

4.1 Variável dependente.....64

4.2 Variáveis independentes.....66

4.2.1.1 Período de escrita da carta.....66
4.2.1.2 Subgênero da carta pessoal.....67
4.2.1.3 Relação entre os sexos dos missivistas.....70
4.2.1.4 Sexo do missivista.....72
4.2.1.4 Relação de Poder e Solidariedade.....74
4.2.1.5 Preenchimento do sujeito.....76
4.2.1.6 Paralelismo Pronominal.....78
4.3 Cruzamento entre as variáveis.....80
4.3.1 Período de escrita e sexo dos missivistas.....81
4.3.2 Período de escrita e subgênero da carta.....,82
4.3.3 Período de escrita e Relação de Poder e Solidariedade.....84
4.3.4 Subgênero da carta e relação entre sexo dos missivistas.....86
4.3.5 Subgênero da carta e relações de Poder e Solidariedade.....88
4.4 Sintetizando os resultados.....90
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....91
REFERÊNCIAS.....97

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de sua extensa jornada, a Língua Portuguesa, oriunda do Latim, passou por diversas transformações, principalmente em seu sistema pronominal. No latim, para referência à segunda pessoa, utilizavam-se as formas *tu* e *vós*, que, ao longo dos séculos, sob influência de fatores linguísticos e sócio-históricos, sofreram mudanças até chegar nas formas atuais.

A origem da forma pronominal *você* remonta à disseminação da expressão de tratamento *Vossa Mercê*, originalmente utilizada como uma forma de se dirigir ao rei. Ao longo do tempo, esse termo experimentou transformações fonéticas que eventualmente deram origem à forma *você*. Essas mudanças linguísticas e semânticas são identificadas como um processo de gramaticalização (Vitral, 1996), no qual uma expressão de tratamento, como *vossa mercê* se converte em um pronome, no caso, *você*. Dessa forma, além do uso do pronome *tu*, que foi mantido do sistema pronominal latino, a língua portuguesa contemporânea incorpora a forma pronominal *você* como uma alternativa para se referir à segunda pessoa do singular.

Com o objetivo de compreender a realidade linguística das comunidades de fala, cada vez mais os estudiosos da língua têm se voltado para investigações linguísticas. Desse modo, os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular têm sido objeto de estudo em trabalhos variacionistas, especialmente nos últimos anos, tanto na língua falada, como demonstrado no mapeamento proposto por Scherre et al. (2015), quanto na língua escrita, abordados por uma perspectiva diacrônica, como nos estudos de Santos (2019), Lima (2018), Lopes et al. (2017), Souza (2015), França (2006), Moura (2013), Chaves (2006), entre outros.

Para aprofundar nossa compreensão sobre como os pronomes de segunda pessoa do singular são utilizados em cartas pessoais o contexto do Português Brasileiro, realizamos uma revisão integrativa de literatura que nos permitiu observar a variação pronominal de segunda pessoa do singular na posição de sujeito em cartas pessoais, contribuindo para o entendimento não apenas das variações existentes como também do condicionamento desses pronomes perante a fatores linguísticos e extralinguísticos. É importante ressaltar que a maioria dessas pesquisas se concentrou em correspondências pessoais que datam do século XX, fornecendo um panorama abrangente da evolução do uso desses pronomes ao longo do tempo.

A partir da análise integrativa, observamos que, apesar da relevância dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular como objeto de estudo em pesquisas já realizadas, há uma lacuna de estudos acerca de pesquisas diacrônicas sobre essa variação no estado de Alagoas. Esta limitação de estudos representa uma oportunidade significativa para preencher

uma lacuna importante nos estudos da sociolinguística histórica. Nesse contexto, buscamos em nosso trabalho investigar a trajetória dos pronomes *tu* e *você* em Alagoas, através da análise de cartas pessoais escritas por missivistas alagoanos.

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos alguns pressupostos teóricos para fundamentar nossas reflexões, a saber: a Teoria da Variação e Mudança Linguística, (Weinreich, Labov, Herzog, 2006; Labov, 2008) que desafia a visão estruturalista da língua proposta por Saussure, a qual a considerava um sistema homogêneo e invariante. Deste modo, os estudos sociolinguísticos estudam a variação e mudança linguística considerando a influência de contextos sociais na língua, considerando a língua como um sistema heterogêneo, ordenado e passível de mudança; a Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009), que se concentra em estudar fenômenos linguísticos variáveis em textos escritos antigos, unindo a Sociolinguística Variacionista à Linguística Histórica. A Sociolinguística Histórica busca entender como a língua evolui ao longo do tempo e como as mudanças linguísticas estão relacionadas a contextos sociais e históricos. Também consideramos a Teoria do Poder e da Solidariedade (Brown e Gilman, 1960), que analisa as relações sociais refletidas no uso de pronomes e formas de tratamento, considerando que o uso de pronomes de segunda pessoa em uma língua reflete as dinâmicas de poder e solidariedade entre os falantes. Isso implica que o uso de pronomes pode indicar maior ou menor formalidade/intimidade nas relações sociais.

Para a constituição do *corpus*, foram coletadas cartas pessoais escritas por missivistas alagoanos. As cartas foram obtidas de diferentes fontes, incluindo correspondências pessoais de Breno Accioly para Mário de Andrade, cartas de missivistas de Coité do Nóia/AL, cartas de missivistas não ilustres do acervo do Arquivo Público de Alagoas, e cartas de Graciliano Ramos, tanto do acervo do Arquivo Público quanto das publicadas no livro *Cartas* (Ramos, 2013). O amostra final consistiu em um total de 204 cartas e 546 dados, abrangendo uma variedade de relações interpessoais e proporcionando uma base para a análise linguística da variação no uso desses pronomes ao longo do tempo e em diferentes contextos. Para a análise dos dados, controlamos os seguintes grupos de fatores: período de escrita da carta, subgênero da carta pessoal, relação de poder e solidariedade, relação entre os sexos dos missivistas, sexo dos missivistas, preenchimento do sujeito, concordância verbal e paralelismo pronominal.

Nosso trabalho é composto por cinco seções, conforme o exposto a seguir.

Nesta primeira seção, iniciamos com a introdução do nosso trabalho, que de maneira sucinta, oferecemos uma visão geral do conteúdo que será abordado nas seções subsequentes, estabelecendo assim as bases à descrição da implementação do *você* em Alagoas.

Na segunda seção, traçamos uma perspectiva abrangente do fenômeno em foco. Começamos explorando o histórico das formas pronominais de segunda pessoa, destacando a sua evolução ao longo do tempo. Em seguida, oferecemos um panorama dos estudos sociolinguísticos que investigam a variação entre *tu* e *você* no português brasileiro. Concluímos a seção com uma revisão de literatura integrativa, na qual sintetizamos o conhecimento atual sobre a variação estudada, identificando e analisando resultados de estudos que serviram como apoio para nossa análise dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito.

Na terceira seção, delineamos os fundamentos teóricos e metodológicos que nortearam a nossa pesquisa, abordando a Teoria da Variação e Mudança Linguística e Sociolinguística Histórica, seguindo com os princípios subjacentes à Teoria do Poder e da Solidariedade. Por fim, detalhamos os procedimentos metodológicos que empregamos em nosso estudo, esclarecendo nossos objetivos e hipóteses e descrevendo a estratificação de nossa amostra para a apresentação das variáveis dependentes e independentes.

Na quarta seção, apresentamos os resultados da análise de dados realizada utilizando o programa computacional R (R Core Team, 2018). Nesta etapa, fornecemos uma visão abrangente dos resultados relacionados à variável dependente *tu* e *você* na posição de sujeito, bem como dos resultados das variáveis independentes controladas. Essa análise nos permite compreender como o fenômeno se manifesta nas missivas analisadas.

O interesse pelo desenvolvimento de nosso estudo partiu da lacuna existente em pesquisas que abordam os pronomes de segunda pessoa do singular a partir de uma análise diacrônica no estado de Alagoas. Sendo assim, nosso estudo busca investigar como os pronomes *tu* e *você* são utilizados em diferentes contextos de interação ao longo do tempo, com o objetivo de compreender como essas escolhas pronominais refletem a dinâmica da língua utilizada em Alagoas, bem como entender a inserção de *você* na variedade alagoana.

Com base no exposto, nossa expectativa é que esta pesquisa não apenas alcance seus objetivos ao revelar o comportamento variável das formas pronominais *tu* e *você* em cartas escritas por missivistas alagoanos, o que nos ajudará a entender a atual variação entre *tu* e *você* na variedade alagoana, mas também contribua para o avanço dos estudos sobre a segunda pessoa do singular no português brasileiro e enriqueça campo da Sociolinguística Histórica.

2. OS PRONOMES PESSOAIS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR

Na presente seção, exploramos o fenômeno em estudo. Inicialmente, contextualizamos o percurso histórico das formas pronominais de segunda pessoa, traçando sua evolução ao longo do tempo. Em seguida, direcionamos nosso foco para a análise de estudos da variação entre *tu* e *você* no português brasileiro, através de dados de fala. Por fim, encerramos esta seção com uma revisão integrativa que se concentra especificamente na variação dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito em cartas pessoais escritas por missivistas.

2.1 Sobre os pronomes de segunda pessoa: um breve percurso

Os pronomes pessoais na língua portuguesa, principalmente ao que diz respeito às formas pronominais em posição de sujeito, é bem diferente do quadro pronominal latino devido a algumas mudanças e inserções que ocorreram no decorrer da história da língua (Lopes, 2009). Expressões nominais, como *Vossa Mercê*, tornaram-se usuais de modo que originaram novas formas que passaram a fazer parte do sistema pronominal juntamente aos pronomes já existentes, como *tu* e *vós* (Faraco, 1996).

No que diz respeito a esses pronomes, houve um processo de gramaticalização no qual as formas originais que se gramaticalizaram eram de base nominal, indo de *Vossa Mercê* à *você.* forma de tratamento *Vossa Mercê* teve origem entre os séculos XIV e XV, com uso exclusivo para referência ao Rei. Com o desenvolvimento da sociedade e surgimento de novos costumes, a partir da segunda metade do século XV, a forma *Vossa Mercê* foi sendo vulgarizada, sendo utilizada não só pela nobreza, como também pela burguesia, sendo uma referência de cunho formal em oposição à forma pronominal *tu,* considerada como informal.

Com a vulgarização da forma de tratamento *Vossa Mercê,* foram surgindo algumas alterações fonéticas até chegar na forma *você,* utilizada na atualidade. De acordo com Teyssier (2001), até meados do século XV, a língua portuguesa fazia uso da referida forma de tratamento com voseamento respeitoso, entretanto, novas formas foram surgindo e "*vossa mercê*, que, ao mesmo tempo que passava a *você* por erosão fonética[1] (vossa mercê > voacê >você), perdia, por erosão semântica, seu valor de tratamento respeitoso, para assumir o tratamento familiar". (Teyssier, 2001, p. 60). A alta frequência de uso ocasionou no desgaste do propósito

[1] De acordo com Teyssier (2001, p. 13), erosão fonética e semântica descrevem o processo de simplificação dos sons e a mudança nos significados das palavras ao longo do tempo.

comunicativo inicial que visava a cortesia, respeito e distanciamento, perdendo também o caráter metonímico, adquirindo caráter mais dêitico, como ressalta Faraco (1996, p. 66).

De acordo com Lopes et. al. (2018), alguns princípios teóricos, tomando por base Hopper (1991), previstos no paradigma da gramaticalização nos ajudam a compreender o processo de mudança ocorrido entre a forma nominal de tratamento para o pronome pessoal de segunda pessoa, a saber: *princípio da estratificação*, *princípio da divergência*, *princípio da especialização*, *princípio da persistência* e *princípio da decategorização*.

O *princípio da estratificação* estabelece a coexistência entre o novo e o velho em um domínio funcional amplo, nesse escopo, tivemos a coexistência de diferentes variantes, a exemplo de *vosmecê, vossuncê*, até chegar ao *você*. O *princípio da divergência* postula a permanência do item lexical original em convivência de forma autônoma com o item gramaticalizado com valores distintos, sendo assim, em um período de tempo, a forma *vossa mercê* ainda existia nas relações assimétricas ascendentes e o *você* em relações assimétricas descendentes. O *princípio da especialização* está associado à limitação de opções em decorrência do estreitamento das variedades de escolhas, o pronome *tu* acabou se restringindo em uso conforme o *você* se especializou para contextos mais neutros e universais. O *princípio da persistência* postula a persistência semântica de traços formais e também, nos pronomes estudados, a persistência da concordância verbal de terceira pessoa advinda dos nomes, desse modo, o pronome *você* retêm a concordância verbal de terceira pessoa, uma característica herdada das formas nominais mais antigas como *vossa mercê*. Por fim, o *princípio da decategorização,* que está relacionado à neutralização de marcas morfológicas e propriedades sintáticas do nome e o destaque das características da forma pronominal, no qual podemos considerar o pronome *tu* que, em determinados contextos a forma verbal, originalmente conjugada na segunda pessoa (*tu cantas*), passa a ser frequentemente substituída pela conjugação na terceira pessoa (*tu canta*).

Nesse contexto, observamos que o quadro dos pronomes pessoais, no que tange aos pronomes de segunda pessoa, sofreu alterações ao longo do tempo até chegar às formas utilizadas na atualidade, passando de *vossa mercê* a *você* em variação com o pronome *tu*, herdado do quadro pronominal latino.

2.2 Os pronomes de segunda pessoa do singular na língua falada

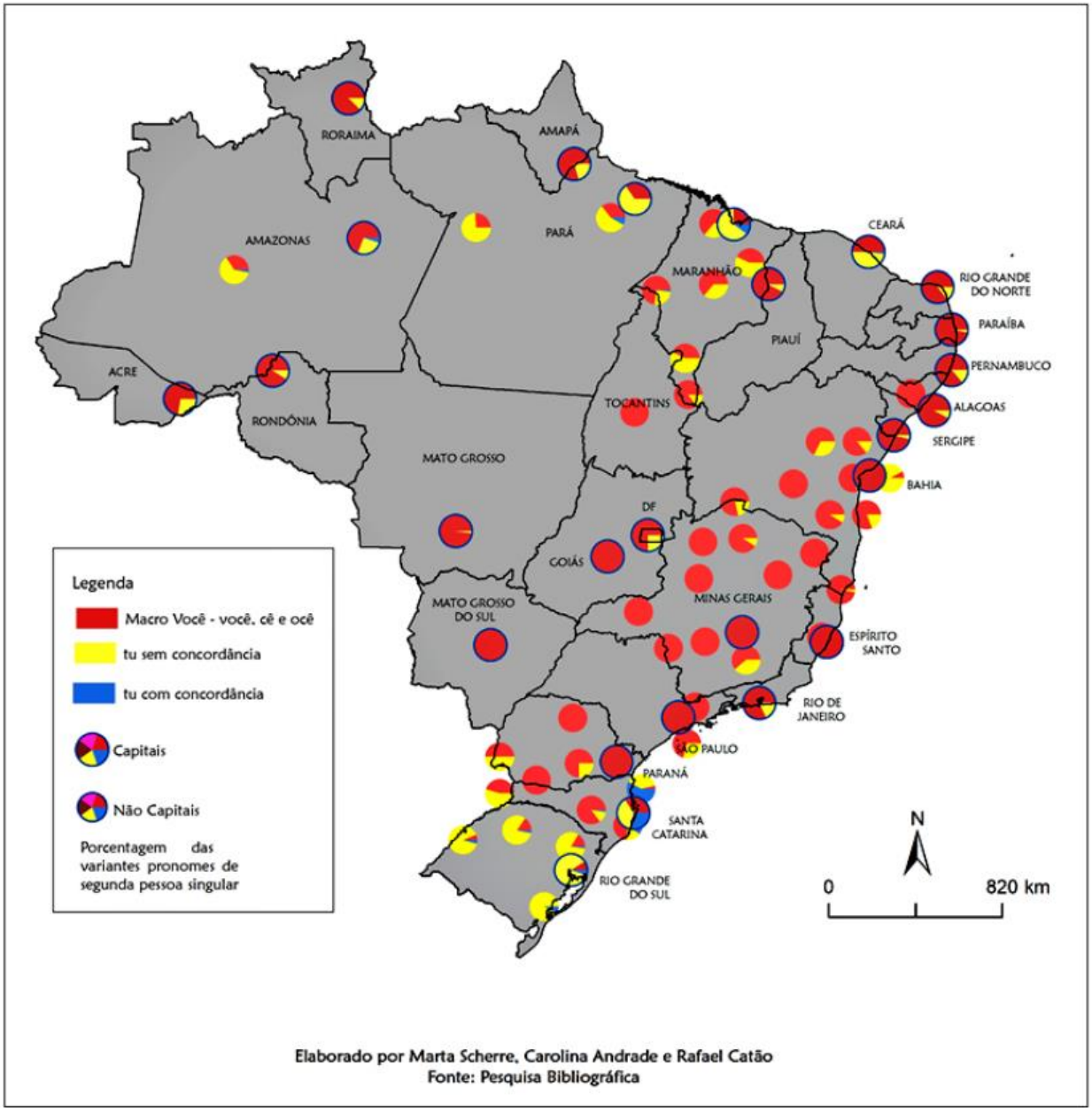
O comportamento variável dos pronomes de segunda pessoa do singular no português brasileiro pode ser observado através dos estudos sociolinguísticos realizados em diferentes

variedades, mostrando a variação, principalmente, entre as formas *tu* e *você*. Entretanto, a predominância de um ou outro pronome varia de acordo com fatores linguísticos e extralinguísticos, como por exemplo, a região a qual o falante pertence.

O português brasileiro é rico em variedades linguísticas que vêm sendo mapeadas ao longo dos anos por estudiosos da língua. Scherre *et. al* (2015) apresentam um mapeamento sociolinguístico dos pronomes *tu* e *você* no Brasil, que nos ajuda a compreender como essa variação está distribuída em todo o território nacional. Esse mapeamento é composto por seis subsistemas[2], a saber: só *você*, mais *tu* com concordância baixa, mais *tu* com concordância alta, *tu/você* com concordância baixa, *tu/você* com concordância média e *você/tu*. Buscando atualizar e ampliar a visão acerca da variação desses pronomes, Scherre *et. al.* (2020) redesenharam o mapa dos pronomes de segunda pessoa do singular no português brasileiro, voltando os dados das 38 pesquisas relacionadas por Scherre *et. al.* (2015) e incorporando dados de mais 21 pesquisas, gerando dados de aproximadamente 70 localidades, conforme figura (1).

[2] De acordo com o mapeamento de Scherre et al. (2015), *só você* indica uso exclusivo de *você/cê/ocê*. *Mais tu com concordância* baixa e alta refletem o uso do *tu*, onde a concordância do verbo é, respectivamente, inferior a 50% e superior a 90%. *Tu/você com concordância* baixa e média mostra uso alternado dos pronomes, com concordância verbal variando de rara a moderada. *Você/tu* aponta para a alternância entre os pronomes sem preocupação com a concordância.

Figura 1: Mapa dos pronomes tu/você/cê/ocê no português brasileiro falado



Fonte: Scherre *et. al* (2020)

Ao redesenhar o mapa, as autoras fizeram a distribuição da seguinte forma: macro *você – você, cê e ocê*; *tu* sem concordância e *tu* com concordância. Observando a figura 1, verificamos que, com relação ao macro *você*, há predominância em quase todo o território brasileiro, com maior concentração nos estados do centro-oeste e nordeste. No que diz respeito ao pronome *tu* sem concordância, vemos que ele é vastamente utilizado em todo o território brasileiro, apresentando maior frequência de uso no Rio Grande do Sul, no interior da Bahia, em Fortaleza, no Maranhão, Pará e Amazonas. Já o *tu* com concordância, percebemos que esta

não é uma forma predominante no território brasileiro, havendo, diante das pesquisas utilizadas, realizações apenas nos estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Pará e Maranhão.

As autoras afirmam que o mapa é dinâmico e que sempre haverá o desafio do seu redesenho, enfatizando também que, para que consigamos obter um mapeamento mais próximo da realidade, é necessário que mais pesquisas sejam realizadas.

2.3 Revisão integrativa de literatura

2.3.1 Metodologia: Procedimentos para a seleção dos trabalhos

Buscando obter uma visão ampla acerca da realização dos pronomes de segunda pessoa do singular em posição de sujeito em cartas pessoais no Português Brasileiro (PB), realizamos uma revisão de literatura, tendo em vista que "o propósito de uma revisão de literatura de pesquisa é reunir conhecimentos sobre um tópico, ajudando nas fundações de um estudo significativo" (Souza; Silva; Carvalho, 2010). Para tanto, optamos por realizar uma revisão de literatura integrativa, uma vez que uma revisão integrativa se faz a partir da "construção, devido à ampla amostra e à multiplicidade de propostas, de um panorama consistente de conceitos complexos, teorias ou problemas relevantes para a área em análise." (Souza; Silva; Carvalho, 2010). Assim, seguimos algumas etapas para a execução da nossa revisão: i) elaboração da pergunta norteadora; ii) definição da base de dado, palavras-chaves e operadores a serem utilizados; iii) critérios de inclusão e exclusão dos trabalhos encontrados; iv) busca ou amostragem na literatura; v) coleta de dados; vi) análise crítica dos estudos inclusos; vii) discussão dos resultados; viii) apresentação da revisão integrativa.

Para o desenvolvimento da presente revisão integrativa de literatura, formulamos a seguinte questão norteadora: Há estudos diacrônicos acerca dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na posição de sujeito no Português Brasileiro (PB) com o uso de cartas pessoais? Se sim, qual a metodologia e resultados encontrados? Para responder a esses questionamentos, definimos como base de dados para a busca dos trabalhos a serem incluídos na revisão de literatura a plataforma do Google Acadêmico, por acreditarmos ser uma plataforma que conta com o armazenamento de diversos trabalhos em nossa área de estudo, sendo também indexador de revistas e editoras universitárias. Em seguida, definimos as palavras-chaves a serem utilizadas juntamente com os operadores booleanos[3], deste modo,

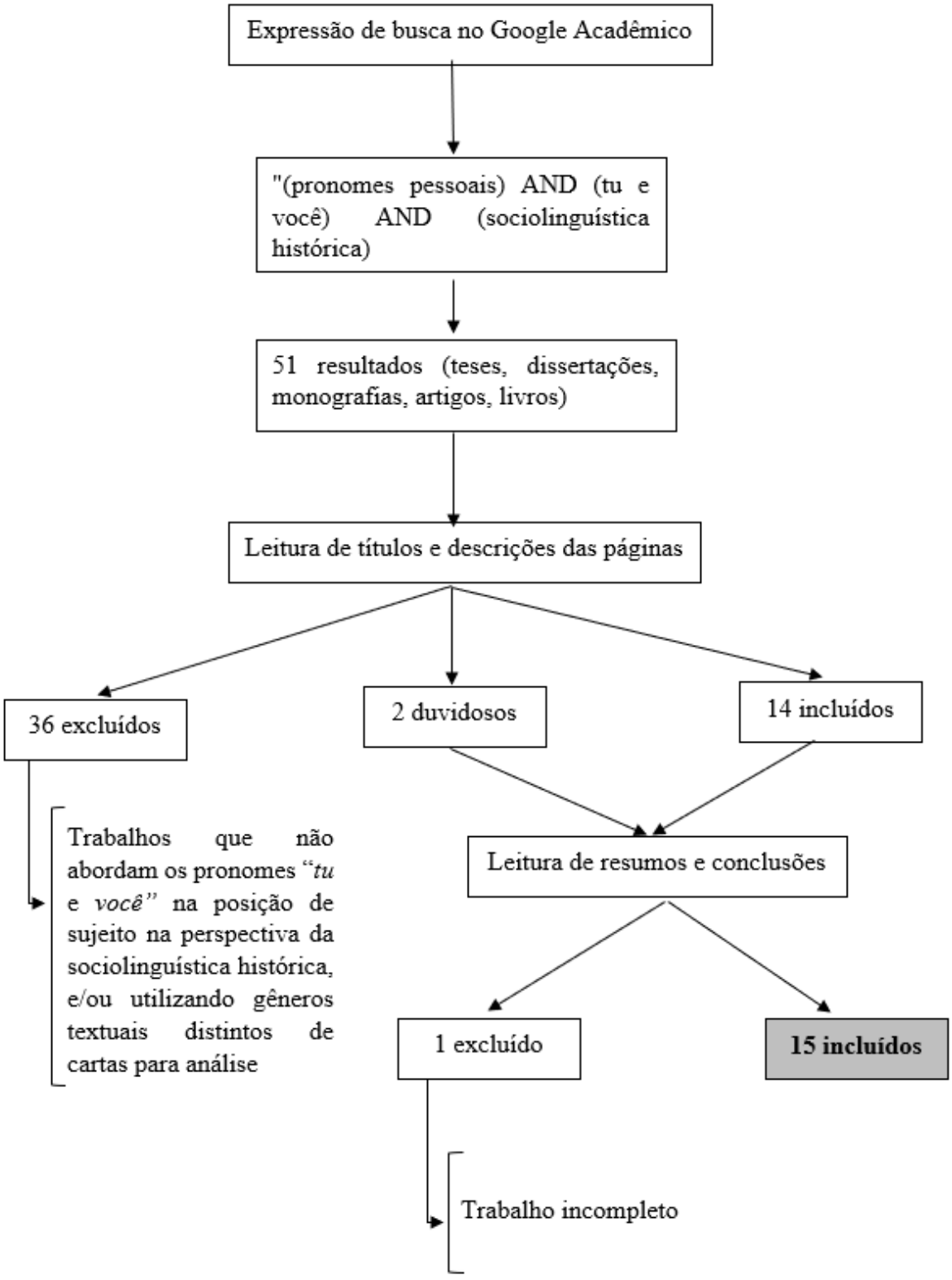
[3] Operadores booleanos são conectores usados para dizer ao sistema de busca como deve ser feita a combinação entre os termos ou expressões de uma pesquisa.

nossa busca contou com palavras-chaves que representam o fenômeno estudado (pronomes pessoais), (tu e você) e a base teórica usada para explicá-lo, sendo elaborada a seguinte expressão para busca: (pronomes pessoais) AND (tu e você) AND (sociolinguística histórica).

Para dar prosseguimento a nossa busca, determinamos os critérios de inclusão e exclusão dos trabalhos a serem analisados, sendo assim, incluímos trabalhos que i) tratassem dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito; ii) estudos de cunho diacrônico utilizando cartas pessoais; estudos que continham como base teórica a sociolinguística histórica; os trabalhos excluídos foram aqueles que não abordavam o estudo da variação dos pronomes "*tu* e *você*" na posição de sujeito na perspectiva da sociolinguística histórica e trabalhos que utilizavam gêneros textuais distintos de cartas pessoais.

A partir de então, iniciamos nossa busca na base de dados utilizando a expressão definida anteriormente. Para a busca no Google Acadêmico, desmarcamos a opção "incluir citações" com o objetivo de termos acesso somente a trabalhos que estivessem em arquivo de pdf. Nossa busca ocorreu entre 19 de dezembro de 2020 e 30 de dezembro de 2020, alcançando um total de 51 resultados, entre eles teses, dissertações, monografias, artigos e livros. Todos os resultados foram cuidadosamente analisados e incluídos para a revisão de acordo com os critérios de inclusão e exclusão pré-definidos anteriormente, como podemos observar na Figura (2), que apresenta o fluxograma do processo de busca dos textos.

Figura 2: Fluxograma do processo de busca dos textos



Fonte: Elaborado pela autora.

Para a seleção dos trabalhos a serem analisados, realizamos a leitura dos títulos e descrições das páginas, com isso excluímos 36 estudos, os quais não abordavam o fenômeno em estudo na perspectiva da sociolinguística histórica e/ou não utilizavam o gênero textual cartas pessoais para análise; 2 trabalhos foram inicialmente registrados como duvidosos e 13 incluídos para análise. Tanto os trabalhos elencados como duvidosos quanto os trabalhos elencados como incluídos passaram pelo processo de leitura de seus resumos e conclusões para chegarmos ao número final de trabalhos incluídos. Os trabalhos incluídos anteriormente mantiveram sua posição e, dos dois trabalhos duvidosos, 1 foi excluído por estar incompleto e 1 foi incluído. Desse modo, obtivemos um total de 15 trabalhos incluídos para a análise.

2.3.2 Resultados e discussões

Para a análise e síntese dos trabalhos que contemplaram os critérios de inclusão, construímos um quadro com seus resumos de forma que pudemos contemplar alguns aspectos mais pertinentes para a nossa análise, a saber, nome da pesquisa, autores/ano, tipo de trabalho/publicação, detalhamento metodológico, detalhamento da amostra e resultados gerais. A partir de então, apresentamos nossos resultados e discussões de forma descritiva, de maneira que possibilite uma visão ampla de como o fenômeno em estudo se comporta.

Na presente revisão integrativa, analisamos quinze estudos que atenderam os critérios de inclusão estabelecidos. Identificamos que a maior parte das pesquisas que compuseram a nossa amostra eram referentes a estudos realizados a partir de cartas pessoais datadas no século XIX e XX. A seguir apresentamos um panorama geral desses estudos através dos quadros abaixo, como também a análise individual de cada um deles.

Quadro 1: Apresentação da síntese do trabalho número 1 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores /Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
Duelo entre Tu e Você em cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX	Santos (2019)	Artigo	Coleta através do banco de dados da Fundação Joaquim Nabuco em Recife/PE. Análise qualitativa.	*Corpus* composto por 183 cartas pertencentes a 11 famílias, compreendidas do período de 1869 a 1995, sendo no total 92 do subgênero carta de família, 32 carta de amigos e 59 cartas de amor.	O duelo entre *tu* e *você* é motivado pelas relações de proximidade comunicativa. O *você* perde gradativamente seu caráter nominal e cerimonioso, competindo com o *tu* e se intensificando a partir do século XX.

Fonte: Elaboração da autora.

No quadro 1, temos o trabalho de Santos (2019), que teve como objetivo analisar a variação entre os pronomes *tu* e *você* em cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX. O *corpus* utilizado pelo autor é composto por 123 cartas coletadas na Fundação Joaquim Nabuco em Recife, que conta com o acervo de 11 famílias, além dessas cartas, foram coletadas também correspondências de escreventes não ilustres, contando com mais 9 cartas de família e 51 cartas de amor, com isso, o autor obteve o total de 183 cartas datadas entre 1869 e 1995, sendo 92 do subgênero carta de família, 32 cartas de amigos e 59 cartas de amor.

Analisando qualitativamente a variação entre os pronomes *tu* e *você* na posição de sujeito, o autor considerou casos em que o remetente faz uso exclusivo de sujeito *tu*, o remetente faz uso exclusivo de sujeito *você* e o remetente faz mistura de *tu* e *você*, em correlação com os contextos morfossintáticos acusativo e dativo. A partir de então, percebemos que as escolhas realizadas pelos missivistas estão ligadas ao tipo de relação existente entre eles e seus interlocutores, mostrando que a proximidade comunicativa é um traço predominante nas cartas de amor e de família. Os resultados mostraram também que o pronome *você* perde gradativamente seu caráter nominal e cerimonioso, e passa a competir com o *tu* de forma intensificada a partir do século XX.

Diante disso, a análise conduzida por Santos (2019) permitiu a identificação de variáveis independentes que influenciam a variação linguística entre os pronomes *tu* e *você* nas cartas pessoais pernambucanas. Uma dessas variáveis fundamentais é o subgênero das cartas. Ao

categorizar as correspondências em diferentes subgêneros (familiar, amigos, amor), o autor conseguiu investigar como as relações interpessoais específicas associadas a cada tipo de correspondência influenciam as escolhas linguísticas dos missivistas.

Outra variável independente é a relação de proximidade e distância comunicativa entre remetente e destinatário. O autor observou que essa relação desempenha um papel significativo na escolha entre os pronomes *tu* e *você*, bem como na ocorrência de mistura dos paradigmas. Esse dado sugere que a linguagem utilizada nas cartas reflete não apenas as normas gramaticais, mas também as complexas dinâmicas sociais e afetivas entre os interlocutores.

Quadro 2: Apresentação da síntese do trabalho número 2 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores /Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
"Maria eu observei nas palavras que *mandastes* dizer na carta que *tu* ainda *duvidas* do meu amor, mas *você* não *tem* razão de assim *se* expressar" : a variação dos pronomes pessoais *Tu* e *Você* em cartas de amor rurais do sertão pernambucano	Lima (2018)	Monografia	Coleta de epístolas pertencentes ao arquivo privado da Família Ramos, residente da zona rural do estado de Pernambuco. Análise quantitativa	*Corpus* composto por 183 cartas pertencentes ao subgênero cartas de amor, compreendidas na segunda metade do século XX (1956/1958 e 1972/1977)	49,4% de *tu* e 50,6% uso de *você* nos anos 50. 20,7% de *tu*, 79,2% de *você*, 0,1% de *ocê* nos anos 70.

Fonte: Elaboração da autora.

Conforme quadro 2, a pesquisa de Lima (2018) analisou a variação entre *tu* e *você* na posição sintática de sujeito em cartas de amor produzidas nas décadas de 50 e 70 por dois casais não-ilustres moradores de uma comunidade rural do sertão pernambucano. Foram analisadas 183 cartas e, através do programa computacional Goldvarb, foi possível obter um resultado quantitativo, o qual evidenciou a produtividade do uso de *tu/você* para referência à segunda pessoa do singular. Através da análise dos dados obtidos, o autor observou que há preferência de uso da forma *você* e que esse uso aumentou de forma gradativa ao longo dos anos.

O autor analisou também a concordância verbal existente com esses pronomes, e foi possível observar que já havia vestígios da concordância verbal utilizada de forma semelhante ao uso atual, ou seja, com níveis de concordância média. Entretanto, também foi possível verificar que, nos anos 50, houve uma coexistência proporcional entre as duas formas. Apesar de existir a preferência pelo *você* como pronome sujeito, o pronome *tu* manteve-se resistente no subsistema como marca de desinência verbal.

No estudo de Lima (2018), uma das principais variáveis investigadas é a ambientação sintática das formas *tu* e *você* no *corpus* das cartas sertanejas. No contexto das cartas dos anos 50, ambas as formas se mostraram mais produtivas na categoria de sujeito preenchido. Enquanto o *você* foi preferencialmente produtivo na categoria preenchida, o *tu* manteve-se resistente nessa posição, predominando com 89,5% das ocorrências. Também foi possível observar um comportamento interessante do subsistema *você* e *tu* em alguns contextos interligados. Por exemplo, em uma mesma sequência enunciativa, o *tu* apareceu inicialmente na categoria de sujeito não-preenchido, seguido pela forma preenchida, e posteriormente o escrevente aderiu ao uso da forma inovadora *você* preenchida. Esse padrão demonstra a dinâmica da variação linguística dentro do contexto das cartas de amor.

Nos dados das cartas dos anos 70, houve um declínio na produtividade do *tu* na categoria preenchida, enquanto o *você* manteve-se preferencialmente produtivo nesse contexto. O *tu* destacou-se preferencialmente em forma de desinência verbal (não preenchido), enquanto o *você* continuou a ser utilizado predominantemente em categoria preenchida.

Essa análise comparativa dos dados permite observar o aumento gradativo da preferência pelo *você* como pronome de segunda pessoa do singular ao longo dos anos. No entanto, também evidencia a persistência do *tu* em determinados contextos, especialmente como desinência verbal de segunda pessoal do singular.

Quadro 3: Apresentação da síntese do trabalho número 3 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores /Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
A atuação dos papeis sociais na mudança no sistema de tratamento no português brasileiro: análise de cartas pessoais (1870-1979)	Lopes et. al. (2017)	Artigo	Coleta através de fontes documentais que integram o Projeto *Para uma História do Português Brasileiro*	*Corpus* composto por 366 cartas escritas entre 1870 e 1979 por pessoas de diferentes grupos familiares.	No primeiro momento, o pronome *tu* era mais produtivo do que *você*, apresentando o primeiro uma média percentual de 80%, enquanto o ultimo registrou, em média, 20%. 1870-1899: predomínio de *tu* sobre *você*; 1900-1939: alternância equilibrada entre *tu* e *você*; 1940-1979: predomínio de *você* sobre *tu*.

Fonte: Elaboração da autora.

Analisando a atuação dos papéis sociais na mudança no sistema de tratamento no português brasileiro através de cartas pessoais produzidas no Rio de Janeiro datadas entre 1870 e 1979, Lopes *et. al.* (2017), a partir da análise dos dados, puderam constatar que houve uma mudança de comportamento no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular ao longo do período de tempo analisado. Os resultados do estudo mostram que houve uma mudança significativa no uso dos pronomes *tu* e *você* nas relações assimétricas e simétricas.

Nas relações assimétricas descendentes, foi possível observar uma preferência por *você* quando o remetente é do sexo feminino, enquanto *tu* é mais comum em remetentes masculinos. Essa diferença de comportamento do remetente foi constante ao longo das fases estudadas. Já nas relações simétricas, o estudo revela uma transição gradual do uso de *tu* para *você* ao longo do século, esse padrão é evidente em relações igualitárias, como entre amigos, onde o *você* passa a ser mais frequente. Além disso, ao longo das fases, os remetentes masculinos tendem a usar mais *tu* do que as remetentes femininas, o que pode indicar uma influência do sexo do remetente na escolha pronominal. Com relação às cartas amorosas, os autores observam que, nas primeiras fases, o *tu* era mais comum do que o *você* sugerindo uma mudança gradual no

tratamento entre casais. No entanto, há uma ligeira preferência por *você* na relação entre marido e mulher no século XIX, indicando um resquício de deferência e respeito.

Em linhas gerais, os resultados dos autores mostram que o *você* apresentou maior difusão a partir do aumento de seu uso em relações simétricas e assimétricas, e com isso uma diminuição gradativa do uso do pronome *tu.* Em uma perspectiva mais detalhada, a análise dos dados possibilitou o delineamento de três fases do processo de mudança, a saber: fase I (1870-1899), em que houve o predomínio do *tu* com relação ao você; fase II (1900-1939) havendo nesta fase intensa variação entre *você* e *tu;* e fase III (1940-1979) com a difusão do *você* que, em termos de frequência de uso, superou o *tu* em diferentes tipos de relações sociais, evidenciando o caráter polifuncional que o pronome *você* possui.

Quadro 4: Apresentação da síntese do trabalho número 4 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores /Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
A alternância entre tu e você na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século	Souza (2015)	Tese	Utilização de três amostras distintas.	*Corpus* composto por 20 cartas da amostra de Cruz e Sousa que datam 1882 a 1897 contendo os subgêneros cartas de amor e cartas de amigo; amostra de Maura de Senna, contendo 93 cartas, datadas de 1932 a 1990, contendo assuntos profissionais e assuntos pessoais; Amostra Harry Laus, contendo 37 cartas, datadas de 1984 a 1992, contendo assuntos pessoais e profissionais.	A amostra Cruz e Souza apresentou 100% de uso de *tu,* não havendo ocorrência de *você*. Na amostra Maura de Senna houve 30% de *tu* e 70% de *você*. E na amostra Harry Laus, 95% de *tu* e 5% de *você.*

Fonte: Elaboração da autora.

O estudo de Souza (2015) teve como objetivo analisar a alternância entre *tu* e *você* na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século, para tanto a autora analisou 149 cartas datadas de fins do século XIX a fins de século XX, e, de forma complementar, foi analisado também 17 cartas de florianopolitanos não ilustres produzidas nas décadas de 1960, e 22 cartas de missivistas lageanos produzidas entre 1950 e 1980. A partir dos resultados da amostra de Cruz e Souza, composta por 20 cartas (1882-1897), observou-se que há indicativos de um sistema pronominal de segunda pessoa associado de forma categórica ao pronome *tu.* De acordo com a autora, "as mudanças sociais operadas na capital catarinense na virada do século XIX para o século XX parecem não ter reflexo no sistema pronominal verificado no material em análise." (Souza, 2015, p. 139).

Já na amostra de Maura de Senna, composta por 93 cartas (1932-1990), os resultados mostraram percentuais de 25% de formas associadas a *tu*, 57% de formas associadas a *você* e 18% de formas nominais. Os resultados da amostra vislumbram o estabelecimento de algumas tendências: maior taxa de uso do pronome *você* no total das missivas, entretanto, essa taxa decai no decorrer do tempo, ao passo que o uso do *tu* começa a apresentar aumento acentuado; o pronome *tu* apresenta certa preferência de uso ao se tratar de assuntos pessoais, enquanto o *você* mostra-se mais presente em assuntos profissionais. A última amostra de cartas utilizada foi a de Harry Laus, com 37 cartas (1984-1992), e apresentou resultados de 95% de uso do *tu* e 5% de uso do *você,* e, assim como na amostra de Maura de Senna, há evidências de uso do pronome *tu* em assuntos pessoais enquanto em assuntos profissionais a forma preferida é o *você.*

Na análise das amostras utilizadas neste estudo, foi possível observar uma preferência pelo uso do *tu* em contextos pessoais, enquanto o *você* era mais comum em situações profissionais. Essa tendência foi consistente em todas as amostras, indicando uma associação entre o uso desses pronomes e a natureza dos assuntos abordados nas cartas. Em relação à correlação entre os sujeitos pronominais e os complementos verbais, os resultados mostraram que as cartas com sujeito categórico *tu* tendiam a apresentar predominantemente complementos associados ao *tu,* enquanto as cartas com sujeito categórico *você* tinham mais frequentemente complementos associados ao *você*. Além disso, os resultados de Souza (2015) mostraram um aumento gradual do uso do *tu* e uma diminuição de *você* ao longo do tempo, especialmente nas cartas da amostra de Maura de Senna, que abrangeu o período de 1932 a 1990, sugerindo possíveis transformações na sociedade e na língua falada em Florianópolis e região.

Quadro 5: Apresentação da síntese do trabalho número 5 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores /Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
A Referência variável ao sujeito de 2a pessoa do singular em missivas mineiras: uma breve investida pelos séculos XIX e XX	França (2016)	Monografia	Coleta realizada através do Fundo Barão Camargos, contendo cartas pessoais mineiras oitocentistas e novencentistas. Juntamente com cartas familiares.	*Corpus* composto com um total de 106 cartas, distribuídas em cinco grupos de intervalos temporais: 1850-1875; 1876-1901; 1902-1927; 1928-1950; 1951-1990.	1850-1901: 77% de *vossa mercê,* 23% *você,* 0% *tu;* 1902-1927: 0% *vossa mercê,* 91% *você,* 9% *tu;* 1928-1950: 0% *vossa mercê,* 73% *você,* 27% *tu;* 1951-1990 *0% vossa mercê,* 100% *você e* 0% de *tu.*

Fonte: Elaboração da autora.

França (2016) analisou em seu estudo a referência variável ao sujeito de segunda pessoa do singular em missivas mineiras no período de 1850 a 1990. A amostra analisada foi composta por 106 cartas distribuídas em cinco grupos de intervalos temporais: 1850-1875; 1876-1901; 1902-1927; 1928-1950; 1951-1990. A análise das cartas do período de 1850 a 1990 apresentou três formas de referência à segunda pessoa do singular: *vossa mercê, você* e *tu.* Entretanto, o uso de *vossa mercê* é restrito à segunda metade do século XIX (1850-1901) com produtividade de 77%, enquanto sua forma gramaticalizada *você* apresenta 23% de uso no mesmo período, passando gradativamente a assumir índices mais altos com o passar do tempo, com 91% entre 1902-1927 e 73% entre 1928-1950, com produtividade categórica entre 1951-1990. Em relação ao pronome *tu*, foi possível observar baixo índice de produção, com 27% entre 1902-1950.

No que diz respeito ao preenchimento dos sujeitos de segunda pessoa do singular, o estudo apresentou predominância do uso de *você* como pronome-sujeito pleno em 76% dos dados analisados nas cartas mineiras. Foram identificados também dois casos da forma nominal *senhor* (nula e plena), no qual a presença dessa forma de tratamento sugere um distanciamento do missivista em relação ao interlocutor, caracterizando uma relação assimétrica.

A análise das cartas mineiras realizada por França (2016) evidenciou que a produtividade de *você*, em paralelo à improdutividade da forma *vossa mercê*, indicava uma transição para o subsistema tratamental contemporâneo. Esse movimento de produtividade do

você sugere uma preferência pela forma mais informal e próxima ao padrão atual do português falado em Minas Gerais.

Quadro 6: Apresentação da síntese do trabalho número 6 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores /Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
A implementação do você em cartas pessoais norte-riograndenses do século XX	Moura (2013)	Dissertação	Coleta realizada com cartas pertencentes ao *corpus* mínimo manuscrito do PHBH-RN. E cartas doadas por famílias do interior do estado do Rio Grande do Norte.	*Corpus* composto por três conjuntos de cartas: 65 cartas escritas pelos irmãos Paiva entre 1916 a 1925; 51 cartas escritas por Lourival Rocha e Ruzinete Dantas entre 1946 a 1972; 30 cartas escritas por Walter Oliveira entre 1992 e 1994.	69% de formas associadas ao pronome *você* e 31% associadas ao *tu.*

Fonte: Elaboração da autora.

O estudo de Moura (2013) analisou a implementação do *você* em cartas pessoais norte-riograndenses do século XX. Para tanto, a autora utilizou um *corpus* composto por três conjuntos de cartas, a saber, 65 cartas escritas pelos irmãos Paiva entre 1916 a 1925, 51 cartas escritas por Lourival Rocha e Ruzinete Dantas entre 1946 a 1972 e 30 cartas escritas por Walter Oliveira entre 1992 e 1994. De modo geral, a autora encontrou 69% de formas associadas ao pronome *você* e 31% de formas associadas ao pronome *tu.* Ao controlar a divisão do período das cartas, a autora observou que, no período de 1916-1925, houve 98% de *você*, entre 1946-1972 houve 20% de *você* e entre 1992-1994 houve 79% de *você.* Com isso, foi possível identificar também em que época houve maior produtividade do pronome *tu*, sendo entre 1946-1972 com 80% de frequência de uso desse pronome, no entanto, a autora enfatiza que faz-se necessário destacar que as cartas desse período recobrem um período de namoro/noivado e início de casamento dos informantes, sendo este um fato que demonstra maior recorrência de assuntos mais íntimos e, por consequência, uma maior preferência do pronome *tu*, uma vez que este tende a ser mais utilizado em situações de maior intimidade.

Os resultados do trabalho da autora revelaram uma variação significativa relacionada ao uso de *você* de acordo com a estrutura gramatical e sintática da frase. Em contextos como pronome sujeito e formas verbais imperativas, o *você* foi altamente produtivo, representando 98% e 92% das ocorrências, respectivamente. No entanto, em pronomes complementos não preposicionados, a produtividade foi consideravelmente menor, com apenas 31% das ocorrências associadas ao *você*. Ao analisar o período de escrita das cartas, a autora identificou uma implementação precoce das formas de *você* já nas duas primeiras décadas do século XX, contrariando suas expectativas anteriores que sugeriam uma adoção mais tardia a partir de 1930. Com relação às formas verbo-pronominais antecedentes, os dados revelaram uma tendência de maior frequência das formas verbais associadas ao *você* quando precedidas por outras formas de *você* ou nas primeiras ocorrências das cartas, sugerindo uma influência inicial no uso subsequente desse pronome ao longo do texto.

A análise do universo discursivo das cartas também revelou uma preferência significativa pelo uso do *tu* em contextos com maior recorrência de assuntos íntimos e amorosos, como cartas trocadas durante períodos de namoro, noivado e casamento. Moura (2013) mostra que entre 1946 e 1972, as formas de *tu* foram predominantes, representando 80% das ocorrências, refletindo uma preferência por uma linguagem mais informal e pessoal em situações de maior proximidade entre os interlocutores. Por fim, no que diz respeito ao tipo de oração, as formas associadas ao *você* demonstraram ser produtivas tanto em orações principais/coordenadas quanto em orações subordinadas.

Quadro 7: Apresentação da síntese do trabalho número 7 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores /Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
A implementação do pronome" você": a contribuição das pistas gráficas	Chaves (2006)	Dissertação	Coleta realizada através de cartas escritas por pessoas nascidas em Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro do século XIX e primeira metade do século XX.	*Corpus* composto por 48 cartas da primeira metade do século XIX; 41 cartas da segunda metade do século XIX e 61 cartas da primeira metade do século XX.	Dos 392 dados obtidos, 217 eram ocorrências do pronome *você* e 175 do pronome *vossa mercê*.

Fonte: Elaboração da autora.

Analisando a implementação do pronome *você* como pronome de segunda pessoa do singular com a contribuição das pistas gráficas, Chaves (2006) busca identificar as etapas desse processo que possui *Vossa Mercê* como ponto de partida e *você* como ponto de chegada. A autora utilizou um *corpus* composto por cartas particulares datadas entre 1800 e 1954, sendo 48 cartas da primeira metade do século XIX, 41 cartas da segunda metade do século XIX e 61 cartas da primeira metade do século XX. Como variáveis dependentes para o estudo, a autora utilizou os pronomes *Vossa Mercê* e *Você*. Na análise dessa variável em posição de sujeito, foi possível observar que a predominância de uso foi do pronome *você*, com 69%.

Apesar de haver a predominância do *você,* ao observarmos a distribuição das variantes conforme o tempo, observamos que houve um aumento de frequência gradual de uso do pronome *você* com o passar dos anos. A autora mostra que entre 1800-1850 a frequência de uso de *você* era de 1%, entre 1851-1900, com um aumento considerável, apresentou 64% e entre 1901-1950 apresentou uma frequência quase categórica de 98%. Desse modo, de acordo com os dados, percebemos que a efetiva substituição do pronome *Vossa Mercê* por *você* ocorreu entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, pois é nesse espaço de tempo que foi possível observar um aumento considerável do pronome *você* nos corpora.

Além disso, Chaves (2006) investigou diversas variáveis independentes que podem influenciar essa mudança linguística. Entre variáveis internas, destacam-se a função sintática, a pessoa do verbo e a subparte da carta, enquanto entre os fatores externos estão o tipo de referência no vocativo, o tipo de relação social, o tempo e o gênero. Em relação à função sintática das formas pronominais, foi observado que o pronome *você* predominou em posição de sujeito, indicando uma preferência por essa forma em contextos gramaticais específicos. Quanto à pessoa do verbo, foi possível observar que a terceira pessoa do singular foi a mais associada ao uso do *você*, sugerindo uma concordância com o pronome como forma de tratamento. Quanto ao tipo de referência no vocativo, os resultados apontam que o tipo de relação social entre os interlocutores influencia a escolha das formas pronominais de tratamento. No que diz respeito ao tempo, foi identificado um padrão de mudança gradual ao longo dos séculos XIX e XX, com uma progressiva substituição da forma tradicional *Vossa Mercê* pela forma mais moderna *você*.

Quadro 8: Apresentação da síntese do trabalho número 8 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	Autores /Ano	Tipo de trabalho	Detalhamento metodológico	Detalhamento da amostra	Resultados gerais
A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX	Lopes e Rumeu (2016)	Artigo	Coleta realizada através da amostra de Lopes e Souza (2015) e missivas mineiras.	*Corpus* composto por 366 missivas produzidas entre 1870 e 1979, pertencentes a amostra de Lopes e Souza (2015) e 89 missivas mineiras produzidas entre 1850 e 1989, sendo estas missivas familiares e de amizade.	A análise da amostra foi dividida em fases, com resultados de 60% de *vossa mercê* e 40% de *você* entre 1850 e 1879. 88%, 84% e 92% de *você*, 12%, 16% e 8% de *tu* entre 1900 e 1929. Em 1930 32% de *você* e 68% de *tu*. Entre 1940 e 1989 houve 92% de *você* e 8% de *tu*.

Fonte: Elaboração da autora.

Lopes e Rumeu (2016) buscaram em seu trabalho discutir a produtividade das estratégias pronominais de referência ao sujeito de segunda pessoa do discurso e os tipos de relações sociais estabelecidas entre remetente e destinatário em missivas cariocas e mineiras dos séculos XIX e XX. Para tanto, as autoras utilizaram um *corpus* composto por 366 missivas produzidas entre 1870 e 1979, pertencentes a amostra de Lopes e Souza (2015) e 89 missivas mineiras produzidas entre 1850 e 1989, sendo estas missivas familiares e de amizade. Os resultados mostraram 60% de *vossa mercê* e 40% de *você* entre 1850 e 1879, percentuais de 88%, 84% e 92% de *você*, 12%, 16% e 8% de *tu* entre 1900 e 1929, em 1930, 32% de *você* e 68% de *tu* e, entre 1940 e 1989, houve 92% de *você* e 8% de *tu.*

Desse modo, observamos que o *você* teve uma predominância nas cartas mineiras, ao passo que, nas cartas cariocas, houve um nível de variação produtivo entre *tu* e *você,* com aumento de produtividade do *você* ao longo do século XX. Vale destacar também que, no Brasil oitocentista, o pronome *você* ainda conservava traços formais advindos de sua forma originaria *vossa mercê,* que foi se perdendo de maneira gradativa. Além disso, a análise das relações de Poder e Solidariedade mostrou que o uso das diferentes formas de tratamento estava correlacionado com a natureza das relações sociais entre remetente e destinatário. Os resultados do estudo mostraram que, em contextos de poder assimétrico, como relações familiares entre pais e filhos, ou entre patrões e empregados, o uso de *você* poderia indicar uma diminuição da

distância social e uma maior proximidade entre os interlocutores. Por outro lado, em contextos mais simétricos, como relações entre amigos ou irmãos, o uso de *tu* poderia refletir uma maior igualdade e intimidade.

De modo geral, através desses resultados, é possível observar que os traços atuais dos subsistemas tratamentais do português brasileiro era possível de ser observado em sincronias passadas, com a predominância do *Você* em Minas Gerais e a variação entre *você* e *tu* no Rio de Janeiro.

Quadro 9: Apresentação da síntese do trabalho número 9 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores /Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico	Pereira (2012)	Dissertação	Coleta realizada através de cartas pertencentes à Família Penna, em fins do século XIX e início do século XX.	*Corpus* composto por 149 cartas trocadas entre membros da família Penna. Destas, 87 são de cunho familiar e 62 amorosas, datadas de 1986 a 1927.	De modo geral houve 77% de *tu* e 23% de *você*. Nas cartas amorosas houve 95% de *tu* e 5% de *você*, já nas cartas familiares houve 59% de *tu* e 41% de *você*.

Fonte: Elaboração da autora.

O estudo de Pereira (2012) teve como objetivo analisar os pronomes *tu* e *você* na posição de sujeito em cartas familiares no fim do século XIX e início do século XX. O estudo foi realizado através da análise do *corpus* composto por 149 cartas datadas entre 1986 e 1927, trocadas entre membros da família Penna, sendo 87 de cunho familiar e 62 de cunho amoroso. De modo geral, houve 77% de *tu* e 23% de *você*. Nas cartas amorosas, houve 95% de *tu* e 5% de *você*, já, nas cartas familiares, houve 59% de *tu* e 41% de *você*.

O estudo mostrou que, no que diz respeito à relação entre o tipo de relacionamento interpessoal e a escolha dos pronomes, quando tratamos sobre cartas de teor amoroso, houve uma predominância do uso de *tu*, sugerindo uma proximidade e intimidade entre os interlocutores. Por outro lado, em cartas familiares, houve uma distribuição mais equilibrada entre *tu* e *você*, indicando uma relação menos formal. Outro fator analisado foi a idade dos interlocutores. Foi possível verificar uma correlação entre a idade e o uso dos pronomes, com interlocutores mais jovens tendendo a utilizar mais o *você* em comparação com os mais velhos. O grau de formalidade do relacionamento entre os interlocutores também foi considerado. Em contextos mais formais, como em correspondências comerciais ou entre estranhos, o *você* era

mais comum, enquanto em situações mais íntimas, o *tu* prevalecia. Desse modo, observamos que, nas cartas familiares, há um equilíbrio no uso de *tu* e *você,* enquanto, nas cartas amorosas, há o uso quase que categórico do *tu*, salvo algumas exceções de ocorrências encontradas.

Quadro 10: Apresentação da síntese do trabalho número 10 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores /Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
Para um panorama sócio-diacrônico das formas de tratamento na função de sujeito na região Nordeste	Martins et. al (2015)	Artigo	Coleta realizada a partir de cartas coletadas nos estados da Bahia, Pernambuco e do Rio Grande do Norte, subdivididas em três subgêneros: cartas de amor, cartas de amigo e cartas de família.	*Corpus* composto por 383 cartas que fazem parte do *corpus* compartilhado PHPB-BA. Contendo nelas produções de pessoas ilustres, cultas e citadinas, com alto grau de escolaridade e letramento e de pessoas semicultas, de áreas rurais da Bahia.	Entre os 838 dados foi possível constatar a presença de 79% de *você*, 18% de *tu*, 1,5% de *vossa mercê* e 1,5% de *o/a senhor (a).*

Fonte: Elaboração da autora.

.

O trabalho de Martins *et. al.* (2015) apresenta uma análise diacrônica das formas de tratamento na função de sujeito em cartas pessoais na região Nordeste, contemplando os estados da Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte, e estabelecendo um recorte temporal dos séculos XIX e XX. A análise referente ao estado da Bahia foi realizada a partir de 383 cartas datadas entre 1810-1990. Os resultados obtidos mostram que existe uma polarização entre a forma *Vossa Mercê,* a qual aparece com frequência de 47% e a forma *você* que aparece com 41%. Já o pronome *tu*, apesar de presente, demonstra um emprego marginal, com menos de 1% de frequência. Em uma análise qualitativa, os autores observaram que as estratégias de uso do tratamento estão vinculadas em função dos eixos hierárquicos sociais.

Desse modo, o *você* aparece em relações simétricas e assimétricas descendentes, enquanto *Vossa Mercê* aparece com maior frequência em relações simétricas ascendentes. Em Pernambuco, o *corpus* foi constituído por 126 missivas escritas no período de tempo de 1860 a 1960, os resultados demonstraram o prevalecimento da forma *você* com 79%, 18% de *tu*, 1,5%

de *Vossa Mercê* e 1,5% de *o/a senhor(a).* Os autores ainda ressaltam que a amostra das cartas pernambucanas revela pontos de oscilação entre *tu* e *você*, entretanto, as ocorrências apareciam com *você-exclusivo* e *tu-exclusivo*, com raros casos de mistura dos dois paradigmas. Na amostra do Rio Grande do Norte, foram utilizadas 304 cartas datadas entre 1916-1999, havendo percentuais de 84% de *você*, 9% de *tu* e 5% de *a senhora.*

Os resultados dos três estados também revelam que a forma de tratamento escolhida está diretamente relacionada ao tipo de relação estabelecida entre os escreventes, prevalecendo, na região Nordeste, o uso de *você*. Neste estudo, foi possível observar que o tipo de relação entre os interlocutores desempenhou um papel significativo na seleção dos pronomes *tu* e *você*. Nas correspondências de natureza amorosa e familiar, onde a proximidade e a intimidade eram predominantes, observou-se uma maior utilização do *tu*, refletindo um ambiente de maior informalidade e solidariedade. Por outro lado, em situações mais formais, o uso do *você* foi mais frequente, sugerindo uma relação menos íntima e mais distante entre os interlocutores.

Quadro 11: Apresentação da síntese do trabalho número 11 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores /Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
Formas de tratamento no português brasileiro do século XX: conservação e variação em cartas pessoais do Norte e Nordeste	ARAÚJO (2019)	Tese	Coleta realizada a partir do acervo familiar de José de Alencar de Macedo.	*Corpus* composto por 139 cartas pessoais escritas entre 1940 e 1986.	Para análise o autor utilizou as formas "*t"* para as formas de P2 canônicas e "*não-t"* para as demais formas com valor P2, havendo um total de 1.322 ocorrências, totalizando um percentual de 24,4% de *t* contra 75,6% de *não-t.*

Fonte: Elaboração da autora.

O estudo de Araújo (2019) apresenta uma investigação acerca do uso das formas de tratamento em uma comunidade de prática, a Assembleia de Deus, escritas ao pastor José de Alencar Macedo. O autor realizou a análise de seus dados em duas etapas, a primeira nos moldes da sociolinguística histórica, com fundamentação em Brown e Gilman (1960), e a segunda nos moldes da sociolinguística variacionista com fundamentação em Weinreich, Labov e Herzog

(1968). Os resultados obtidos apontaram que as relações estabelecidas entre remetentes e destinatário demonstraram um sistema relativamente em equilíbrio, porém, apresenta determinado conflito em alguns grupos. Em relações de maior solidariedade e menor poder (irmãs e cunhados) e maior solidariedade e maior poder (genros e netas), houve equilíbrio no uso das formas. Desse modo, o tratamento ocorreu com *tu* nas cartas de irmãs, *tu e você* nas cartas de cunhado e *o senhor* nas cartas de genro e neta, entretanto, em relações com menor solidariedade e menor poder (pastores-presidentes e colegas pastores) e de menor solidariedade e maior poder (pastor discípulo e fiéis) o conflito mostrou-se mais evidente.

Nas relações que apresentaram determinado conflito, a referência à segunda pessoa do singular ocorreu de diferentes formas: nas cartas dos colegas pastores e nas dos pastores presidentes, houve ocorrências de *tu, você, o irmão* e *o colega*, nas cartas do pastor discípulo e nas dos fiéis, houve ocorrências de *tu, você, o senhor, o pastor, o amigo, o irmão e vós.* O autor constata que há uma tendência a manter o paralelismo entre as formas, ou seja, o uso de *t* tende a levar outra ocorrência de *t*, enquanto o uso de *não-t* tende a levar a *não-t.* O autor ainda ressalta que, diferentemente do que é possível verificar em outras amostras semelhantes, a forma *você* não foi a preferida pela maioria dos remetentes, sendo mais frequente apenas nas cartas de cunhados. As irmãs preferiram *tu*, os genros e neta *o senhor* e os demais remetentes *o irmão.*

Quadro 12: Apresentação da síntese do trabalho número 12 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores /Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
A formação dos sistemas de tratamento em português: mudança e avaliação	LOPES (2019)	Artigo	Análise de trabalhos da região Nordeste contendo cartas pessoais datadas entre os séculos XIX-XX.	Análise de trabalhos que analisaram cartas pessoais entre os anos de 1870 e 1999.	Os resultados sinalizam a difusão do *você* no Nordeste a partir da segunda metade do século XX. Havendo percentuais de uso do *você* de 80 a 100% entre 1870 e 1899, 51% a 79% entre 1900 e 1950, e 0% a 30% entre 1950 e 1990.

Fonte: Elaboração da autora.

O trabalho de Lopes (2019) teve como objetivo estudar a formação dos sistemas de tratamento em português com foco na mudança e avaliação, para tanto, a autora utilizou como

corpus de análise trabalhos da região Nordeste – Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Norte – contendo cartas pessoais datadas entre os séculos XIX e XX. A partir da análise dos trabalhos selecionados pela autora, foi possível constatar que houve um espraiamento do pronome *você* principalmente a partir da segunda metade do século XX, com ocorrências deste pronome chegando a percentuais de 80-100% entre os anos de 1870 e 1899, 51-79% entre 1900 e 1950 e 0-30% entre 1950 e 1990. Ao analisar os dados dos estados separadamente, constatou-se que Pernambuco apresentou forte variação entre *tu* e *você*, já na Bahia houve estabilidade, e, no Rio Grande do Norte, observou-se uma descendência pontual em 1950 do pronome *você*, a amostra dos dados desse estado contém praticamente apenas cartas dó século XX.

Esses resultados demonstram que apesar de *você* ter uma maior difusão a partir da segunda metade do século XX, essa difusão ocorreu em velocidades distintas ao compararmos uma região com outra. A autora aponta também três fases distintas da variação desses pronomes no que diz respeito aos contextos que favoreceram difusão do *você*. Na fase I (1870-1899), o pronome *tu* era empregado em situações de intimidade, enquanto o *você* demonstrava distanciamento como estratégia de atenuação a favor da polidez linguística. Na fase II (1900-1950), as duas formas acompanharam as mudanças nas relações sociais, desse modo, com a reestruturação dos papéis sociais, o *você* passou a ter um emprego de tratamento menos marcado, favorecendo sua neutralização semântica e aumentando sua frequência de uso. Na fase III (1950-1990), a forma *você* suplantou o uso da forma *tu*, pois o *você* tornou-se um pronome "coringa" para os novos papéis sociais existentes.

Quadro 13: Apresentação da síntese do trabalho número 13 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores /Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
Aspectos lingüísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas	SALES (2007)	Dissertação	Estudo realizado com manuscritos datados no século XX, na década de 40, com autores naturais do sertão rural da Bahia.	Para o estudo foram utilizadas 37 cartas pessoais, 4 bilhetes, 4 poemas, 2 dedicatórias em "santinhos", 1 cartão de aniversário, 1 relato pessoal em folha de livro de oração, 3 dedicatórias em fotografias.	Observados em dois grupos, a saber grupo 1: 1940-1943 e grupo 2: 1944-1949, houve, no âmbito dos pronomes pessoais no grupo 1: 50,5% de *eu*, 15,84% de *tu*, 18,81% de *você*, 5,94% de *ele/ela*, 8,91% de *nós* e 0% *de* vós. No

					grupo 2 houve: 81,82% de *eu*, 18,18% de *tu e 0%* das demais formas.

Fonte: Elaboração da autora.

Salles (2007) desenvolveu seu estudo a partir de um *corpus* composto por cartas pessoais da Bahia escritas nos anos 40 do século XX. Ao analisar os pronomes pessoais na posição de sujeito, a autora apresentou percentuais de uso de *eu, tu, ele(a), nós e vós*, entretanto, focalizamos somente os pronomes de segunda pessoa do singular. Sendo assim, o primeiro grupo de análise que compreendia os anos de 1940-1943 apresentou resultados de 15,84% de *tu* e 18,81% de *você*, enquanto o segundo grupo, o qual compreende os anos de 1944-1949, apresentou resultados de 18,18% de *tu*, contra 0% de *você*. Vale ressaltar que o pronome pessoal que obteve maior frequência de uso nas cartas analisadas foi o pronome pessoal de primeira pessoa do singular, com 50,50% no primeiro grupo e 81,82% no segundo grupo.

O estudo ainda demonstrou que, no dialeto dos informantes, ocorre manutenção do uso do nominativo *tu*, mas com flexão de terceira pessoa, compartilhando suas formas oblíquas com as formas referentes a *você*. Foi possível observar também em seus resultados que os usos efetivos dos pronomes pessoais ocorrem de forma indiferentes à condição socioeconômica dos informantes. Sendo assim, de modo geral, foi possível observar que a variação entre *tu* e *você* ocorre como estratégia de referência ao interlocutor, que uso de formas verbais do imperativo de segunda pessoa ocorre em contexto discursivo feito com *você* e que uso de formas verbais do imperativo de primeira pessoa ocorre em contexto discursivo feito com *tu* e que o preenchimento do sujeito é uma variável importante na amostra analisada, com os resultados indicando uma preferência pelo sujeito nulo, com percentuais expressivos.

Quadro 14: Apresentação da síntese do trabalho número 14 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores/ Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
'Tu'ou'você','te'ou'lhe'?: a correlação entre as funções de sujeito e	RUMEU (2015)	Artigo	Estudo realizado com base na produção escrita de mineiros e cariocas no	Para o estudo foram utilizadas 63 cartas mineiras e 65 cartas cariocas.	Como resultados gerais de referência a segunda pessoa do singular a autora encontrou 13% de vossa

complemento verbal de 2a pessoa			período de 1850 e 1950.		mercê, 72% de você e 15% de tu em Minas Gerais. Já no Rio de Janeiro a autora encontrou 43% de você e 57% de tu.

Fonte: Elaboração da autora.

Rumeu (2015) analisou em seu estudo a correlação de sujeito e complemento verbal nos pronomes de segunda pessoa do singular. Para tanto, a autora utilizou cartas pessoais mineiras e cariocas produzidas entre 1850 e 1950. Como resultados gerais de referência à segunda pessoa do singular, a autora encontrou 13% de *vossa mercê*, 72% de *você* e 15% de *tu* em Minas Gerais. Já no Rio de Janeiro, a autora encontrou 43% de *você* e 57% de *tu*. A partir de sua análise, a autora também constatou que as cartas mineiras e cariocas (1850-1950) já apresentavam as formas do subsistema tratamental vigente na atualidade, com o *você* prevalecendo em Minas Gerais e a alternância entre *você* e *tu* no Rio de Janeiro.

Os resultados desse estudo mostram que, nas cartas mineiras, o uso de *vossa mercê* foi diminuindo ao longo do tempo, sendo substituído pelo *você* à medida que avançava o século XX. Além disso, na primeira metade do século XX, o pronome *tu* coexistia com o pronome *você*, indicando uma mudança gradual na preferência pelo uso do pronome. Nas cartas cariocas, por outro lado, o pronome *tu* predominava na segunda metade do século XIX, sendo gradualmente substituído pelo pronome *você* a partir de 1928. Essa transição evidencia o uso atual desses pronomes no Rio de Janeiro, caracterizado pela variação entre *tu* e *você*.

Quadro 15: Apresentação da síntese do trabalho número 15 da revisão integrativa

Nome da pesquisa	**Autores/ Ano**	**Tipo de trabalho**	**Detalhamento metodológico**	**Detalhamento da amostra**	**Resultados gerais**
Subject and complements in letters from Minas Gerais, Brazil, 1860–1989	RUMEU (2020)	Artigo	Estudo realizado com base na análise de cartas pessoas de missivistas de Minas Gerais, datadas entre 1860 e 1989.	O presente estudo baseia-se na análise de 234 cartas manuscritas do período de 1860 a 1989, por pessoas nascidas no estado de Minas Gerais	Os resultados constatam a existência do uso das formas *tu* e *você* nas cartas analisadas. Demonstrando que o *você* não atingiu todos os contextos sintáticos.

Fonte: Elaboração da autora

O estudo realizado por Rumeu (2020) teve como objetivo analisar sujeito e complemento em cartas de Minas Gerais (1860-1989) no que diz respeito aos pronomes de segunda pessoa. Para tanto, a autora analisou 234 cartas pessoais e os resultados mostraram que surgimento de *você* no sistema pronominal do PB não atingiu todos os contextos sintáticos. Foi possível observar que o uso do pronome *tu* na posição de sujeito levou ao uso de *te* em estruturas acusativas e dativas, enquanto o pronome *você* levou ao uso de *lhe* nessas mesmas estruturas.

O trabalho da autora também mostra que essa variação não é distribuída de maneira uniforme entre as construções gramaticais. Os resultados mostram que, enquanto *tu* e *te* são mantidos em conjunto nas estruturas acusativas e dativas, indicando uma continuidade na utilização dessas formas, *você* e *lhe* aparecem associados nas mesmas estruturas, marcando uma distinção na adaptação das formas pronominais ao longo do tempo. Deste modo, o estudo indica que a escolha do pronome *tu* ou do pronome *você* influencia o uso subsequente desses pronomes em estruturas acusativas e dativas nas cartas analisadas.

2.3.3 Síntese da discussão

As pesquisas analisadas nesta revisão integrativa possuem como principal objetivo compreender a utilização dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular em cartas pessoais, bem como compreender o processo de variação e mudança linguística desses pronomes ao longo dos anos. Para tanto, foram selecionados diferentes estudos, dentre eles: artigos, monografias, dissertações e teses, os quais analisaram o uso desses pronomes em cartas pessoais datadas entre 1850 a 1999. Através da revisão desses trabalhos, pudemos observar o processo de mudança e variação linguística que ocorreu no português brasileiro que percorreu desde a forma *Vossa Mercê* até a implantação *você* com a variação com o pronome *tu*.

De modo geral, esses estudos mostraram que, entre 1850-1890, houve a predominância da forma de tratamento *Vossa Mercê*, a qual apresentou percentuais de uso com médias gerais de 75%. A partir de 1900, essa forma já não era mais utilizada, prevalecendo a variação entre os pronomes *você* e *tu*. Cabe ressaltar que, apesar de não tratarmos de maneira enfática este trabalho, os resultados da variação entre esses pronomes dependem de diversos fatores, entre eles o grau de intimidade entre os missivistas e a região onde moram, por isso, os estudos realizados em um mesmo recorte de tempo podem apresentar resultados distintos.

De 1910 a 1999, observamos o prevalecimento da variação entre os pronomes *você* e *tu* e percebemos que, apesar dos pronomes estarem sempre em alternância, nos trabalhos analisados, além de haver a utilização do pronome *tu*, houve a predominância do pronome *você*.

Esse movimento reflete mudanças nas relações sociais e na intimidade entre os interlocutores, marcando um afastamento das estruturas formais de tratamento. A predominância de *você* sobre *tu* em diferentes contextos sugere uma tendência à informalidade e à aproximação nas relações interpessoais, passando a sociedade a adotar uma maior solidariedade nessa relações.

Além do mais, constatamos que os trabalhos realizados circundam pelas mesmas regiões, a saber, Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Paraíba e Ceará. Isso nos mostra que ainda há muito a ser estudado acerca desse fenômeno em todo o território brasileiro, uma vez que diferenças sociais revelam também diferenças linguísticas, e que, em muitos estados, não existem dados relacionados a esse tipo de estudo, como é o caso, por exemplo, do estado de Alagoas.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesta seção, delineamos os alicerces teórico-metodológicos que sustentam nossa pesquisa. Iniciamos com uma explanação das teorias que embasam nosso estudo, destacando a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança Linguística, bem como a abordagem da Sociolinguística Histórica, e, em seguida, introduzimos a Teoria do Poder e da Solidariedade, elucidando os principais conceitos e premissas de cada uma. Na sequência, detalhamos os procedimentos metodológicos adotados em nosso estudo, delineando os objetivos e hipóteses que nortearam nossa pesquisa. Apresentamos também nossa amostra, explicitando as variáveis selecionadas para análise e a rodada dos dados empregada por meio do programa computacional R (R Core Team, 2018).

3.1 Da Sociolinguística Variacionista à Sociolinguística Histórica

O estruturalismo saussuriano compreendia a língua como um sistema homogêneo e invariante, de modo que excluía a relevância de fatores sócio-históricos para a análise linguística. Para Saussure (2006), a língua era estudada por si, centrada no indivíduo e desvinculada de grupos sociais e situações reais de uso. Contrapondo às ideias de Saussure, a partir da década de 1960, William Labov propõe um novo olhar sobre a língua, observando não somente sua configuração interna como previa Saussure, pois assume que a língua é um sistema, mas heterogêneo, como também sua configuração externa ou social.

De acordo com Labov (2008), as línguas sofrem variações que ocorrem de forma sistemática. A partir desse novo olhar, surge a Teoria da Variação e Mudança Linguística proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006), também conhecida como Sociolinguística Variacionista, que estuda a variação e mudança linguística a partir da consideração da influência de contextos sociais na variação da língua. A partir de então, é proposto "um modelo de língua que evita os infrutíferos paradoxos com que as teorias da estrutura homogênea têm estorvado a linguística histórica" (Weinreich, Labov, Herzog, 2006, p. 87).

Ao questionar o modelo de língua saussuriano no que diz respeito à sistematicidade da língua e à concepção de língua homogênea, língua como um sistema homogêneo, Weinreich, Labov e Herzog (2006) destacam que a maioria dos linguistas reconhece as evidências de que a mudança linguística é um processo contínuo e fruto da interação linguística. No entanto, apesar de sabermos que "todo linguista reconhece que a língua é um fato social, nem todos dão a mesma ênfase a este fato" (Labov, 2008, p. 302).

Em vista disso, a Sociolinguística Variacionista rompe com os modelos de língua anteriores, considerando a língua como um sistema heterogêneo e ordenado, passível de mudança, pois há uma tendência para que o sistema linguístico mude de acordo com as mudanças ocorridas na sociedade, de modo que as escolhas linguísticas dos indivíduos não estão relacionadas exclusivamente a fatores linguísticos, mas também a fatores sociais. Isso significa considerar que além das regras categóricas, a língua apresenta regras variáveis.

> A noção de regra variável implica que não existe variação livre (como se vê numa abordagem estruturalista). Uma regra variável relaciona duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando a regra se aplica, ocorre uma das formas e, quando não se aplica, ocorre(m) a(s) outra(s) forma(s). A aplicação ou não das regras variáveis é condicionada por fatores do contexto social e/ou linguístico. (Coelho *et al*, 2010, p. 24).

Perante o exposto, compreendemos que variação e mudança linguística estão interligadas, entretanto, devemos sempre considerar que "nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade" (Paiva; Duarte, 2006, p. 131). Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística, destacando que

> 1. [...] A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada. 2. [...]A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala [...]. 3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade. 4. A generalização da mudança linguística [...] envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo [...]. 5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. [...]. 6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; [...]. 7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. (Weinreich, Labov, Herzog, 2006, p. 127)

Logo, compreendemos que as mudanças linguísticas são contínuas e que a língua está em constante mudança, considerando que a sociedade também está. Entretanto, devemos considerar que elas ocorrem de forma lenta e gradual. Faraco (2019, p. 45) explica que a gradualidade desse processo histórico é evidenciada pelo fato de que a substituição de uma forma por outra sempre passará por fases intermediárias, existindo momentos de coexistência entre as duas variantes em questão, depois a competição entre elas, para que ao final uma desapareça e outra seja hegemonicamente implantada.

Ao longo das últimas décadas, as pesquisas em história das línguas vêm se desenvolvendo e se atualizando cada vez mais a partir de novas metodologias de estudo e novos aspectos revelados a serem analisados. Com a necessidade de estudar a língua e a variação linguística em seu viés histórico, surge a Sociolinguística Histórica, que pode ser caracterizada como um subcampo da metodologia sociolinguística. Ao realizar estudos de fenômenos linguísticos em textos antigos, Suzanne Romaine observou que esses textos também apresentavam indícios de variação linguística semelhantes aos da língua falada. A partir de então, a linguista propôs investigar processos de variação e mudança linguística no passado com base no método de análise da Sociolinguística Variacionista, unindo-o à Linguística Histórica, a fim de investigar fenômenos linguísticos variáveis em textos escritos antigos.

De acordo com Romaine (1982), a sociolinguística laboviana se mostra bastante convincente para demonstrar como os dados sincrônicos da língua podem ser utilizados para explicar o passado, o uso do presente para explicar o passado (Labov, 2008). Entretanto, a linguista afirma que o mesmo não ocorre de forma contrária, com poucas tentativas de união da Linguística Histórica com a Sociolinguística com o intuito de utilizar o passado para explicar o presente, foi a partir dessa perspectiva que Romaine (1982) desenvolveu seu estudo.

A Sociolinguística Histórica tem se mostrado bastante relevante no que diz respeito ao enriquecimento do diálogo entre o presente e o passado nas línguas. Uma vez que,

> A sociolinguística histórica tem revelado que avanços no nível sincrônico – traçando variação e mudança em andamento, por exemplo – podem levar a uma melhor compreensão da diacronia – a atuação de mudanças historicamente atestadas – e vice-versa: "o uso do presente para explicar o passado", nas palavras de Labov, pode ser complementado pelo princípio uniformitarista, na medida em que "se eles são relativamente constantes, os efeitos cotidianos da interação social sobre a gramática e a fonologia [...] hoje da mesma forma que fizeram no passado. (tradução nossa) (Campoy; Conde Silvestre, 2012, p. 2)

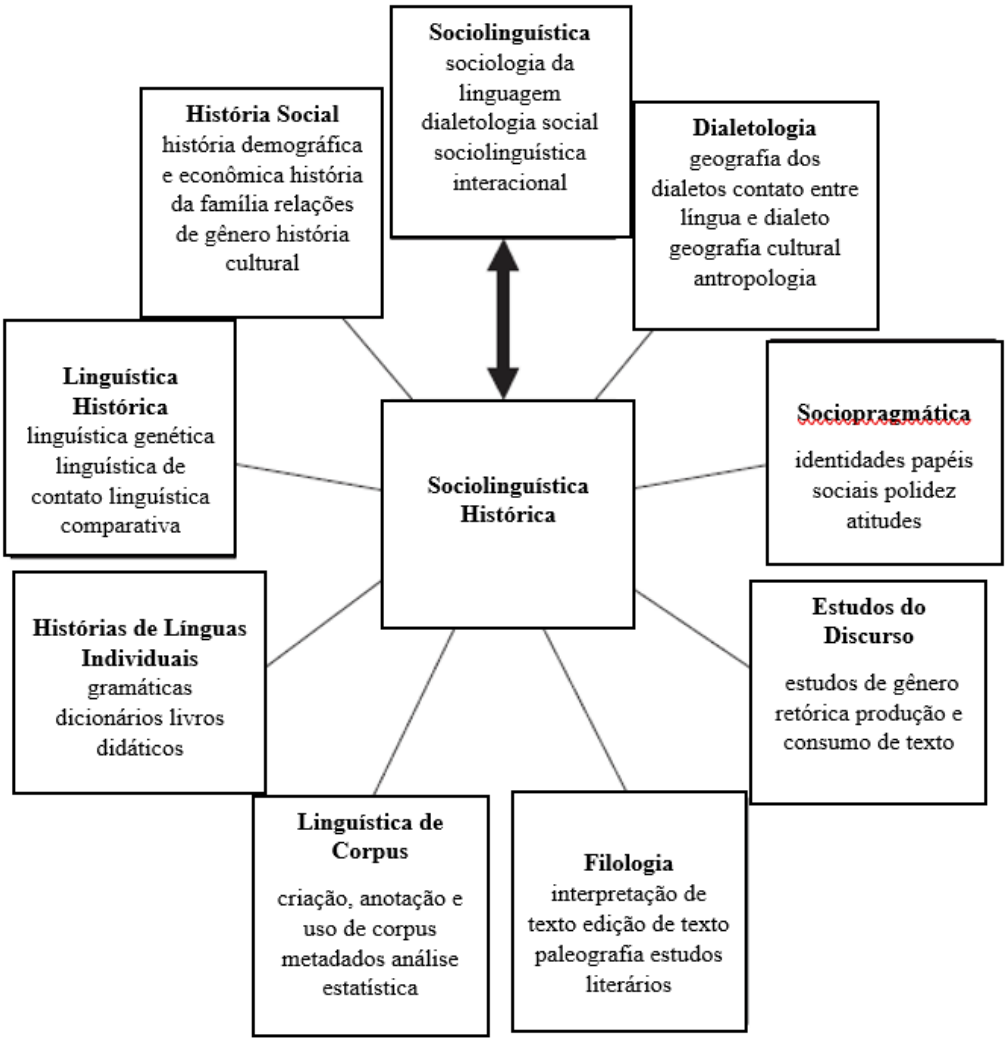
Apesar de sua relevância, os aspectos teórico-metodológicos da Sociolinguística Histórica foram por muitas vezes acusados de falta de representatividade, tendo sua validade empírica questionada. Visto que, para a realização de uma pesquisa em Linguística Histórica é necessário fazer o melhor uso de dados ruins, como afirma Labov (1994, p.11). Pois, ao tempo que esses dados são ricos em diversos aspectos, também são empobrecidos em outros, existindo limitações nesses dados que não podem ser compensadas.

A Sociolinguística Histórica parte do pressuposto do princípio do uniformitarismo, o qual acredita que os seres humanos em sua estrutura biológica, psicológica e social, permanecem inalterados em grande parte ao longo do tempo. Desse modo, decorre desse

princípio de que tanto o presente pode ser utilizado para explicar o passado, como o passado pode ser utilizado para explicar o presente. Esta perspectiva também está de acordo com os postulados de Labov (2008), o qual afirma que "os mesmos mecanismos que operaram para produzir as mudanças em larga escala do passado, pode ser observado operando nas mudanças atuais" Labov (2008, p. 161).

Bergs (2005) considera a Sociolinguística Histórica como um campo de estudo interdisciplinar que perpassa não só pelo campo da Linguística, como também das Ciências Sociais e da História. Neste sentido, Campoy e Conde Silvestre (2012, p. 26) abordam a conexão existente da Sociolinguística Histórica com os demais campos do conhecimento, apresentando esse elo de forma didática, como podemos observar na figura 3:

Figura 3: A sociolinguística histórica em uma perspectiva interdisciplinar



Fonte: Campoy e Conde Silvestre (2012, p. 27)

Através da figura 3, observamos que a Sociolinguística Histórica está interligada desde a ciências humanas e sociais, como também a vieses metodológicos como a Linguística de *Corpus*, desse modo, compreendemos que uma pesquisa realizada dentro da Sociolinguística Histórica não se prende apenas aos pressupostos utilizados na Sociolinguística Variacionista, ela vai além, perpassando por diversos olhares.

Ao estudar a língua do ponto de vista histórico, a Sociolinguística Histórica lida com fundamentos gerais e históricos da mudança linguística a partir da relação existente entre fatores linguísticos e sociais. Desse modo, ela compreende a mudança linguística na competência sociolinguística dentro de um viés histórico, tendo como um de seus principais desafios desenvolver um conjunto de procedimentos que possibilitem a reconstrução da história da língua, mediante ao seu contexto social. Com isso, a Sociolinguística Histórica busca explicar os estágios reais da mudança e a motivação social e linguística que a geraram.

3.2 A pesquisa em Sociolinguística Histórica

Os estudos sociolinguísticos sobre mudança linguística desenvolvidos na década de 1960 mostraram que não devemos enxergar a língua como um sistema homogêneo, desvinculado dos fatores sociais, pois, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006),

> Se uma língua precisa ser estruturada para funcionar eficientemente, como as pessoas continuam a falar enquanto a linguagem muda, isto é, enquanto ela passa por períodos de sistematicidade diminuída? [...] A solução [...] está no sentido de quebrar a identificação de estruturação com a homogeneidade. (Weinreich, Labov, Herzog 2006, 100-101)

Desse modo, devemos pensar na língua como um sistema heterogêneo no qual sua heterogeneidade não é arbitrária, mas organizada de acordo com regras, ou seja, possui uma heterogeneidade ordenada. Para explicar as mudanças e variações existentes na língua através da Sociolinguística, devemos considerar que elas ocorrem em decorrência das influências exercidas não só por seu falante, como também pelo meio no qual ele está inserido. A partir dessas considerações, a Sociolinguística Histórica busca compreender as variações e mudanças linguísticas partindo dos mesmos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, porém, traçando sua investigação a partir de uma perspectiva diacrônica, tendo seu olhar direcionado para as motivações que geraram determinadas escolhas linguísticas no passado, levando em conta as restrições extralinguísticas existentes no período de tempo estudado.

De modo geral, as pesquisas em Sociolinguística Histórica seguem as mesmas etapas dos estudos sociolinguísticos de cunho variacionista (Labov, 2008; Tarallo, 2004; Guy; Zilles, 2007), a saber, definição da variável dependente e variáveis independentes; delimitação da amostra da pesquisa; coleta, transcrição e quantificação dos dados; descrição e interpretação dos resultados obtidos (Rosa, 2015). Entretanto, vale salientar que, a depender da amostra analisada, o sociolinguista histórico pode encontrar algumas dificuldades em seu percurso, com algumas restrições relacionadas à homogeneidade da amostra e à análise quantitativa.

Ao realizar seu estudo, o pesquisador também precisa estar atento, pois os textos escritos possuem formas ortográficas que podem estar sujeitas à interpretação linguística, pois,

> Mesmo que o texto escrito não seja o reflexo simples e direto da fala, a escrita pode permitir a observação de traços gramaticais e de pronúncia considerando-se sua regularidade e aproximação com evidências de outras fontes, como comentários linguísticos contemporâneos e registros de períodos anteriores ou posteriores. (Rosa, 2015, p. 10)

À vista disso, Romaine (1982, p. 14) afirma que, embora a língua escrita seja um reflexo da língua falada, é necessário ter em vista que existem casos em que a língua escrita não corresponde à língua falada, como é o caso, por exemplo, na linguagem jurídica. Desse modo, a linguista destaca que apesar da conexão existente entre língua escrita e língua falada, com influência de uma sobre a outra, algo não precisa necessariamente ser falado antes para que possa ser escrito. Para a autora, "a função da escrita não é meramente registrar a linguagem falada; a escrita tem uma existência independente" (Romaine, 1982, p. 15).

Os estudos sociolinguísticos sempre enfatizaram a análise e descrição da língua falada através de dados reais de uso da fala. Em vista disso, Romaine (1982) destaca que não havia considerações explícitas sobre como poderíamos realizar um estudo sociolinguístico através da língua escrita em sincronias passadas, e que, por algum tempo, os estudos sociolinguísticos tinham como foco variações de cunho fonético/fonológico. Contudo, a Sociolinguística Variacionista assegura possibilidade de estudar a variação linguística através da língua escrita, diante disso, Romaine (1982) afirma que "a caligrafia mostra variação regular em símbolos ortográficos que é condicionada pelo contexto da mesma forma que a língua falada exibe variação alofônica[4]" (Romaine, 1982, P. 16).

[4] De acordo com Teyssier (2001, p. 40), a variação alofônica refere-se às diferentes pronúncias de um fonema em contextos distintos, sem alterar o significado da palavra e destaca a adaptabilidade dos sons da fala dentro dos limites fonológicos da língua.

Para desenvolver um estudo em Sociolinguística Histórica com textos escritos, o pesquisador precisa se atentar a alguns detalhes e conseguir diferenciar representações gráficas e representações fonético-fonológicas da língua para que não venha a confundir um possível erro de um escriba com uma representação de um som. Sendo assim, Lass (2000) traça algumas recomendações para o pesquisador a fim de evitar equívocos, a saber:

> 1ª. seja falante nativo da língua investigada; 2ª. tenha conhecimento profundo da língua da época na qual o manuscrito foi escrito; 3ª. preste atenção às pistas e informações que o contexto do texto examinado fornece para responder às indagações da pesquisa em questão. (Rosa, 2015, p. 10, *apud* Lass, 2000)

Para a constituição do *corpus*, o pesquisador também precisa considerar algumas questões fundamentais. Rosa (2015, p. 11-12) expõe algumas dessas questões apresentadas por Montgomery (2007), a saber: dimensões textuais, ou seja, a natureza do registro e quão próximo ele é da fala; dimensões temporais, ou seja, informações referentes a data de produção do texto e período da história em que foi escrito; dimensões sociais, ou seja, compreender informações sobre o autor do texto; dimensões espaciais, ou seja, informações sobre a região em que o texto foi produzido e origem do autor; e dimensões de representatividade, ou seja, de quantos indivíduos o texto provém e a qual classe social eles pertencem.

Reunir tais informações não é uma tarefa fácil para o pesquisador que deseja analisar fenômenos variáveis em sincronias passadas. Diferente de uma pesquisa sociolinguística com dados de sincronia atual, a pesquisa em Sociolinguística Histórica muitas vezes restringirá a composição da amostra e informantes a depender da disponibilidade de registros escritos, podendo, por vezes, ocasionar em alguns problemas no desenvolvimento da pesquisa, a saber:

> - a representatividade da amostra, que geralmente é pequena;
> - a validade dos textos escritos para análise, que depende do autor (sua vontade em representar as formas da fala ou sua habilidade para tal);
> - escolher entre uma análise quantitativa ou qualitativa;
> - determinar os parâmetros de contextos extralinguísticos, que, muitas vezes, não é possível devido à falta de acesso às informações a respeito do escritor;
> - a validade sócio-histórica, ou seja, a reconstrução da informação social necessária para interpretar os padrões de variação nos registros escritos nem sempre é simples e direta. (Rosa, 2015, p. 13)

Apesar das dificuldades que permeiam o caminho da pesquisa em Sociolinguística Histórica, a realização do estudo é possível. Entretanto, é necessário que o pesquisador utilize os dados encontrados da melhor forma possível para que consiga realizar seu estudo e compreender o funcionamento da língua através de dados com textos escritos diacrônicos.

3.3 Teoria do Poder e da Solidariedade

A fim de discutir as relações que existem nas situações comunicativas através do uso dos pronomes e formas de tratamento, consideramos também o texto de Brown e Gilman (1960) que trata sobre a Teoria do Poder e da Solidariedade. Os autores pontam que os traços da organização social de uma comunidade linguística são refletidos no uso de sua língua.

Brown e Gilman (1960) propõem a Teoria do Poder e da Solidariedade a partir das relações sociais que são refletidas a partir do emprego de determinadas formas pronominais. Com isso, os autores levantam reflexões sobre os pronomes de segunda pessoa utilizados na língua inglesa, porém, na atualidade, há apenas a forma *you* para referência à segunda pessoa, cabendo ao singular e plural, assim como a situações de maior ou menor formalidade. Para referenciar esses pronomes, os autores propuseram utilizar os símbolos T e V (do latim *tu* e *vos*), bem como pensar sobre esses pronomes visando sua estreita associação com duas dimensões, a saber, poder (P) e solidariedade (S) e, a partir delas, aplicarmos uma análise de toda uma vida social.

Definimos uma relação de poder, entre ao menos duas pessoas, quando não há reciprocidade, ou seja, quando não possuem poder em uma mesma área, podendo essa relação estar relacionada à força física, riqueza, idade, sexo, entre outros, assim, cada indivíduo possui seu grau de poder na sociedade, estabelecido de acordo com as relações assimétricas. Desse modo, quem detém mais poder utiliza T e recebe V. A relação de solidariedade pode ser definida como recíproca, ou seja, estabelecida em relações simétricas. Nestas relações, utiliza-se V ou T mutuamente, sendo o uso de T elevado à medida em que a solidariedade aumenta, ou seja, quanto maior o grau de intimidade entre os falantes, mais provável o uso de T.

Considerando a proposta de Brown e Gilman (1960), compreendemos que, em situações de níveis diferentes de poder, o falante utilizará V quando de inferior para superior, e T quando de superior para inferior, entretanto, quando houver mesmo nível de poder, sendo o falante igual e solidário utilizará T, e quando igual e não solidário V.

> É a partir do longo tempo da semântica bidimensional que T deriva sua definição comum como o pronome da condescendência ou intimidade e V sua definição como o pronome da reverência ou formalidade. Essas definições ainda são atuais, mas o uso, de fato, foi além delas. (Brown; Gilman, 1960, p. 259)

Isso significa considerar que as definições da semântica do poder predominaram até o século XIX, contudo, com a mutabilidade semântica, tais definições evoluíram, havendo entre

os falantes o aumento da solidariedade, sinalizando uma mudança no século seguinte, conforme podemos observar nos quadros (16) e (17).

Quadro 16: Formas de tratamento utilizadas no século XIX

Cliente	Oficial	Empregador
T ↓V ↑V	T ↓V ↑V	T ↓V ↑V
Garçom	Soldado	Empregado
Pai	Mestre	Irmão mais velho
T ↓ T ↑ V	T ↓ T ↑ V	T ↓ T ↑ V
Filho	Servo Fiel	Irmão mais novo

Fonte: Adaptado de Brown e Gilman (1960, p. 260)

O exposto no quadro (16) apresenta seis díades sociais que demonstram o uso das formas de tratamento em diferentes situações contextuais, assim, temos que

> em cada caso, o uso em uma direção é não equívoco, mas na outra direção as duas forças são opostas. As três primeiras díades envolvem conflitos no discurso para os inferiores que não são solidários (categoria inferior direita e as próximas três díades envolvem conflitos no discurso para os superiores que são solidários (categoria superior esquerda). (Brown; Gilman, 1960, p. 259)

A partir da assimetria existente nas relações expostas, constatamos que as posições superiores são ocupadas por aqueles detentores de maior poder, podendo, de certa forma, controlar o comportamento do outro falante, mostrando que os falantes da parte inferior tendem a utilizar a forma V com seu interlocutor, tendo em vista que esta é considerada mais respeitosa.

No quadro (17), os autores expõem as formas de tratamento utilizadas no século XX, apresentando-se de maneira diferente do século XIX, observamos no quadro o uso de formas recíprocas utilizadas entre os interlocutores.

Quadro 17: Formas de tratamento utilizadas no século XX

Cliente	Oficial	Empregador
↕V	↕V	↕V
Garçom	Soldado	Empregado
Pai	Mestre	Irmão mais velho
T ↕	T ↕	T ↕
Filho	Servo Fiel	Irmão mais novo

Fonte: Adaptado de Brown e Gilman (1960, p. 260)

Observamos que as formas T e V são utilizadas de maneira recíproca, havendo não só uma relação de maior solidariedade entre os interlocutores, mas também o uso mútuo de V entre cliente/garçom, oficial/soldado, empregador/empregado e uso mútuo de T entre pai/filho, mestre/servo fiel, irmão mais velho/irmão mais novo.

Diante do exposto, compreendemos que a Teoria do Poder e da Solidariedade está presente em todas as relações sociais entre os interlocutores, e o tipo de relação existente entre eles determina a semântica dos pronomes utilizados, assim, o uso de T ou V pode indicar maior ou menor formalidade/intimidade entre seus usuários.

3.4 O gênero carta pessoal

Considerada um dos gêneros textuais mais importante para a história das línguas, a carta pessoal tem sido amplamente utilizada nos estudos diacrônicos por possuir certa proximidade com a oralidade, sendo também um gênero textual utilizado desde a antiguidade até os dias atuais. Na antiguidade, "as cartas ocupavam então o lugar dos jornais. [...]. Passavam de mão em mão quando continham novidade de interesse. [...] Certas cartas afixavam-se nas praças ou corriam em cópias distribuídas pelos destinatários, tornando-se públicas" (Rizzini, 1968, p. 9).

Durante a Idade Média, as cartas começaram a possuir também um teor privado, escritas em latim, sendo utilizadas predominantemente por imperadores e papas, que sentiam a necessidade de trocar cartas sobre experiências religiosas. No fim do século XIV, tem surgimento os serviços postais e os mensageiros que estabeleciam as trocas de experiências. Nesse período, ocorre uma maior disseminação das cartas privadas, que deixam de ser escritas em latim e passam a ser escritas também em línguas locais. A partir de então,

> no século XVIII ela ganha um novo significado, passando a se constituir numa espécie de telefone. [...] Nesse período, a língua usada na burocracia já começa a perder seu caráter retórico e, por influência do movimento romântico, as cartas revelam a influência de uma língua mais natural e mais próxima do cotidiano" (Pessoa, 2002, p. 199)

Com esse caráter mais próximo do cotidiano, a intensificação de produção e troca de cartas pessoais tornaram-se cada vez mais comuns, e, em meados do século XIX, já havia os carteiros facilitando essa troca de correspondências.

No tocante à estrutura que compõe as cartas, Castilho da Costa (2012, p. 146-151) compreende que o gênero carta pessoal não é totalmente livre, pois, trata-se de um gênero composto de tradições que determinam as escolhas linguísticas realizadas. Sua estrutura textual apresenta, de modo geral, uma composição formada pelas seguintes partes: local e data, saudação, contato inicial, núcleo da carta, sessão de despedida e assinatura. Essa estrutura composicional pode ser observada no quadro 20, que reproduz um recorte de uma carta pessoal escrita em 1911 e enviada por Graciliano Ramos ao seu amigo J. Pinto.

Quadro 20: Estrutura da carta pessoal

Palmeira, 27 de outubro de 1911.	Local e data
Amigo Pinto: Dominicus tecum[5]	Saudação
Eu não te escrevo somente por gosto de escrever: escrevo-te para pedir-te uma informação, duas informações quero dizer, sobre assuntos que muito me interessam.	Contato inicial
Rodolfo escreveu-me há dias uma carta. Não tratei de respondê-la logo, perdi-a, estou agora sem saber o endereço do ex-futuro membro da Academia Brasileira de Letras. (...) Vamos ao outro assunto, o principal, o ponto capital desta carta. Li no Jornal de Alagoas as penitências de um tal Rui d'Alcântara, um indivíduo que, sofrendo uma violenta crise de caiporismo, escapou de comer cuscuz com cabelos e de tomar café pelo bico de um bule, um pobre-diabo que viu estrelas em uma noite tempestuosa de junho.. (...)	Núcleo da carta
Graciliano Ramos	Assinatura

Fonte: Elaborada pela autora

[5] Tradução do latim: O senhor esteja contigo

Através da análise de cartas pessoais é possível compreender as dimensões sociais, históricas e pessoais que moldam o uso da língua. Ao situar a comunicação escrita em um contexto de intimidade e proximidade, as cartas pessoais podem ser vistas como documentos vivos que representam a língua em uso em seu período de escrita. Estes documentos podem ser considerados como representação da língua falada, abrangendo temáticas coloquiais que refletem o cotidiano do missivista. Desse modo, por meio do estudo das cartas pessoais, é possível compreender a dinâmica da variação linguística, especialmente no que tange aos pronomes de segunda pessoa do singular.

3.5 Procedimentos metodológicos

3.5.1 A amostra analisada

A fim de investigar o comportamento linguístico relacionado ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito, bem como as estratégias de referência ao interlocutor entre os séculos XX e XXI no estado de Alagoas, realizamos a coleta dos dados com cartas escritas por missivistas ilustres e não ilustres naturais do estado de Alagoas.

Para coleta de dados, consideramos os pressupostos de Guy e Zilles (2007, p. 20) acerca da pesquisa e análise quantitativa, que precisa seguir ao menos três etapas: i) coleta de dados; ii) redução e apresentação dos dados; e iii) interpretação e explicação dos dados. Sendo esse passo a passo importante para nossa metodologia desde a coleta à análise dos resultados.

Para a realização da coleta de dados, buscamos seguir alguns critérios de inclusão e exclusão para a seleção das cartas, a saber, i) ser de missivistas alagoanos, ii) possuir data de escrita nas cartas, e iii) possuir referências à segunda pessoa do singular na posição de sujeito.

A coleta dos dados ocorreu entre julho de 2021 e agosto de 2022 e foi dividida em cinco momentos diferentes, conforme podemos observar na descrição abaixo.

i) Cartas de Breno Accioly para Mário de Andrade, datadas entre 1942 e 1943, coletadas do acervo do IEB/USP. São cartas pessoais que apresentam relação de amizade e proximidade entre os missivistas, com um total de 12 cartas;
ii) Cartas de missivistas de Coité do Nóia/AL, datadas entre 1970 e 2003. São cartas pessoais que apresentam proximidade entre os missivistas e, em sua

maioria, são cartas amorosas, coletadas através de doação dos proprietários, com um total de 10 cartas[6];

iii) Cartas de missivistas não ilustres pertencentes ao acervo do Arquivo Público de Alagoas, datadas entre 1966 e 1997. São cartas que possuem maior e menor grau de proximidade entre os missivistas, com cartas que apresentam relação de amizade e trabalho, com um total de 67 cartas;

iv) Cartas de Graciliano Ramos, datadas entre 1911 e 1930, pertencentes ao acervo do Arquivo Público de Alagoas. São cartas pessoais que apresentam relação de amizade com proximidade entre os missivistas, com um total de 14 cartas;

v) Cartas de Graciliano Ramos, datadas entre 1910 e 1952, publicadas no livro "Cartas" da editora Record em 2013. São cartas pessoais que apresentam relações de amor e amizade com grau de proximidade entre os missivistas. Essas cartas foram disponibilizadas após 27 anos de seu falecimento, por sua esposa Heloísa Ramos, com um total de 101 cartas.

Desse modo, nossa amostra é composta por 204 cartas pessoais de missivistas ilustres[7] e não ilustres, apresentando 546 dados de *tu* e *você*, datadas entre 1910 e 2003, as quais apresentam diferentes tipos de relações pessoais, com maior ou menor grau de proximidade/intimidade entre os missivistas. As cartas coletadas eram em sua maioria manuscritas, com algumas datilografadas, e todas foram transcritas para a realização da nossa análise.

Para compreender a natureza dos dados coletados, é importante caracterizar o perfil dos missivistas envolvidos. Embora haja certas limitações na obtenção de informações detalhadas sobre esses missivistas, é possível oferecer uma visão, mesmo que geral, deles e da natureza de suas cartas. As cartas analisadas abrangem temáticas desde relações familiares, de amor e amizade até cartas com formalidades profissionais. Essa diversidade não apenas enriquece a análise, como também revela práticas comunicativas em diferentes contextos comunicativos.

[6] As cartas de missivistas de Coité do Nóia/AL, consistem em correspondências pessoais com predominância de conteúdo amoroso. Estas cartas são parte do acervo pessoal de uma família natural da cidade e foram gentilmente doadas por um membro da família. Para a realização dessa doação, tivemos a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando que a cessão do material tinha como finalidade exclusiva a utilização neste estudo.

[7] Ao longo do texto, incluindo o título, o termo *ilustre* – já utilizado em estudos de perspectiva diacrônica – é utilizado para fazer referência a indivíduos que tiveram uma vida pública reconhecida. Deste modo, missivistas ilustres são aqueles que, devido às suas realizações, ocupações ou notoriedade, recebem um destaque especial na sociedade.

O que temos sobre nossos missivistas: i) Breno Accioly, importante contista brasileiro, nascido na cidade de Santana do Ipanema/AL, com cartas trocadas com seu amigo, e também escritor, Mário de Andrade; ii) os missivistas de Coité do Nóia/AL, moradores da zona urbana, representando um conjunto de cartas composto por cartas de namorados, amantes e amigos; iii) o conjunto de cartas pertencentes ao Arquivo Público de Alagoas reúne carta de missivistas residentes de diferentes cidades do estado de Alagoas, incluindo correspondências de natureza diversa, desde cartas entre clientes e sua advogada, que ilustram a formalidade e a confiança inerentes às relações profissionais, cartas entre amigos e cartas dirigidas ao governador do estado, estas últimas, frequentemente em forma de agradecimentos ou pedidos; iv) e as cartas de Graciliano Ramos, um dos escritores mais influentes da literatura brasileira, nascido na cidade de Quebrangulo/AL, suas cartas são remetidas a familiares, amigos e à sua amada.

3.5.2 Objetivos e hipóteses

O objetivo de nosso estudo é analisar, conforme os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e Sociolinguística Histórica, o comportamento da variação de segunda pessoa do singular na posição de sujeito em cartas pessoais de alagoanos ao longo do XX, fomentando a correlação entre língua e sociedade. Para tanto, realizamos nosso estudo com o intuito de responder os seguintes questionamentos:

i. Há variação dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito na amostra analisada?
ii. Considerando a existência da variação, existe o condicionamento de fatores extralinguísticos, tais como período de escrita da carta, subgênero da carta pessoal, relação entre os sexos dos missivistas e sexo dos missivistas?
iii. Essa variação é condicionada por fatores linguísticos, tais como preenchimento do sujeito, concordância verbal e paralelismo linguístico?
iv. As relações de Poder e Solidariedade influenciam a escolha linguística?

Para responder, os questionamentos formulados, propomos as seguintes hipóteses:

i. Partimos do pressuposto de que existe a variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular na amostra analisada, havendo alternância entre os pronomes *você* e *tu;*

ii. os fatores extralinguísticos como período de escrita da carta, subgênero da carta pessoal, relação entre os sexos dos missivistas e sexo dos missivistas condicionam a escolha linguística;
iii. os fatores linguísticos como preenchimento do sujeito, concordância verbal, e paralelismo linguístico condicionam a escolha linguística;
iv. a escolha linguística realizada pelos missivistas é influenciada pelas relações de Poder e Solidariedade.

Para confirmar ou refutar as hipóteses apresentadas acima, apresentamos os objetivos específicos que nortearam esta pesquisa.

i. Analisar se há variação dos pronomes de segunda pessoa do singular na amostra analisada;
ii. Verificar a frequência de uso desses pronomes nas cartas pessoais analisadas;
iii. Descrever os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso dos pronomes pessoais em cartas pessoais.

3.5.3 O envelope da variação

3.5.3.1 Variável dependente

Buscamos delinear o perfil da variação entre as formas pronominais de segunda pessoa do singular na posição de sujeito em missivas alagoanas, através do estudo diacrônico de cartas pessoais do século XX e XXI. Desse modo, delimitamos como variável dependente as formas pronominais *você* e *tu,* como ilustram os exemplos (1) e (2), retirados de nosso *corpus:*

(1) Olhe J. depois daquele dia que ***você*** andou aqui so Deus sabe o que eu sufri nós pensou que ninguém viu mais foi em ganho, saiu ol outro comentário igual aquela outra vez por isso me obrigo a lhe aviza que não é pucível eu ficar lhe amando. (C74)[8]

[8] A identificação que segue os exemplos a partir daqui diz respeito à identificação das cartas pessoais que compõem a amostra. Os códigos entre parênteses associados aos exemplos correspondem à numeração das cartas pessoais usadas como fonte.

(2) E ***tu***, meu filho, que é que tens feito? Já acabaste aquela diatribe que andavas a preparar contra o menino sublime? (C90)

As variáveis independentes são compostas por grupos de fatores internos e externos à língua, atuando de maneira conjunta de modo a estabelecer correlações e podem favorecer ou desfavorecer o uso de determinadas variantes. Para investigar o uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na posição de sujeito em cartas pessoais, selecionamos oito grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos considerados, em outras pesquisas, relevantes para o nosso estudo. São eles: período de escrita da carta; subgênero da carta pessoal; relação de poder e solidariedade; relação entre os sexos dos missivistas; sexo dos missivistas; preenchimento do sujeito; concordância verbal; e paralelismo linguístico.

3.5.3.2 Variáveis independentes

3.5.3.2.1 Período de escrita da carta

Considerando os cinco conjuntos de cartas coletadas, optamos por dividir o período de escrita das 204 cartas em quatro períodos, com intervalos médios de 23 anos entre eles. Dessa forma, tivemos os seguintes grupos de fatores a serem controlados:

i) 1910 a 1933;
ii) 1934 a 1957;
iii) 1957 a 1981;
iv) 1982 a 2003.

A partir do controle desse grupo de fatores, buscamos reconhecer em que época o uso das formas pronominais de segunda pessoa *tu* e *você* obteve maior produtividade. Nossa hipótese aponta para uma mudança gradual no uso das formas pronominais de segunda pessoa ao longo do período analisado. Acreditamos que o emprego do pronome *você* terá um aumento gradual ao longo dos anos, suplantando de maneira progressiva o uso do pronome *tu.* Nossa hipótese se apoia na premissa de que as mudanças linguísticas estão correlacionadas com as dinâmicas sociais e culturais da época do período em análise, as quais geram as variações e mudanças linguísticas, conforme pontuam as pesquisas apresentadas na revisão integrativa.

3.5.3.2.2 Subgênero da carta pessoal

A carta pessoal é um gênero textual que apresenta em sua essência a relação entre missivista e destinatário, sendo esta relação o ponto de definição que subgênero carta pertence. De acordo com Souza (2012, p. 114), há três tipos principais de cartas pessoais que se correlacionam com os tipos de relação interpessoal estabelecidos entre remetente e destinatário, a saber, cartas de amor, de família e de amigo. Adicionalmente, introduzimos o subgênero carta de trabalho. Utilizamos estes subgêneros para estabelecer o grupo de fatores a ser analisado. São eles:

i) Carta de amor: cartas amorosas, trocadas entre cônjuges, noivos, namorados;
ii) Carta de família: cartas familiares trocadas entre membros da família;
iii) Carta de amigo: cartas trocadas entre parentes mais distantes ou amigos com maior ou menor grau de intimidade;
iv) Carta de trabalho – cartas trocadas entre colegas de trabalho ou relacionadas à assuntos profissionais.

Em nossa análise, um aspecto inovador foi a introdução do subgênero carta de trabalho como uma categoria relevante para a análise das cartas pessoais. Esse acréscimo aos tipos de cartas estabelecidos por Souza (2012) nasce da observação do *corpus* coletado, que identificamos uma frequência significativa de correspondências que se enquadram nesse perfil. A inclusão desse subgênero reflete um esforço para abranger integralmente a diversidade de interações sociais manifestadas através da escrita, reconhecendo a necessidade de considerar tanto contextos formais como contextos informais de comunicação na amostra.

Sendo assim, a partir do controle desta variável, observamos a produtividade dos pronomes analisados relacionados ao grau de recorrência de assuntos íntimos, sentimentais, casuais ou de trabalho. Nossa hipótese é que a análise realizada revelará o prevalecimento do uso do pronome *tu* nas correspondências de natureza afetiva, como cartas de amor, amizade e familiares, indicando um nível mais elevado de intimidade existente nessas relações interpessoais. Por outro lado, nas cartas de caráter profissional, como as cartas de trabalho, acreditamos que haverá uma predominância do uso do pronome *você*, refletindo a formalidade típica das interações nesse contexto. Com isso, pressupomos que o tipo de carta exercerá influência significativa sobre a escolha dos pronomes de tratamento.

3.5.3.2.3 Relação de Poder e da Solidariedade

Para observar as relações de Poder e da Solidariedade, nos apoiamos na teoria de Brown e Gilman (1960), que apresenta as formas de tratamento sendo utilizadas para estabelecer o tipo de relação existente entre os interlocutores. Adotamos o tipo de relação de Poder e da Solidariedade para compreender as relações existentes entre os missivistas das cartas pessoais analisadas, explorando os tipos de relação simétrica, ou seja, quando há uma relação de igualdade, e assimétrica, quando há uma relação hierárquica entre os interlocutores. Sendo assim, subdividimos este grupo de fatores em quatro fatores, a saber:

i) Relação simétrica: em relações entre amigos/colegas que apresentam igualdade;
ii) Relação Simétrica-solidária: em relações amorosas;
iii) Relação assimétrica descendente: em relações estabelecidas de superior para inferior;
iv) Relação assimétrica ascendente: em relações estabelecidas de inferior para superior.

A partir da análise desses fatores, observaremos a influência que o tipo de relação exerce sobre a escolha linguística realizada pelos falantes no que diz respeito aos pronomes de segunda pessoa do singular. Nossa hipótese é que o uso do pronome *tu* será mais frequente em relações interpessoais caracterizadas como simétricas, onde prevalece a igualdade e intimidade entre os interlocutores. No contexto das relações simétricas-solidárias, ou seja, relações de natureza amorosa, supomos que haverá uma oscilação na escolha entre *tu* e *você*, com uma tendência predominante para o uso de *tu*. Por outro lado, em relações interpessoais caracterizadas como assimétricas, seja de caráter descendente, estabelecendo uma hierarquia de superior para inferior, ou ascendente, indicando uma hierarquia de inferior para superior, supomos que haverá uma predominância no uso de *você*. Essa hipótese postula a influência da dinâmica de Poder e da Solidariedade nas relações interpessoais na seleção dos pronomes de tratamento, com uma maior informalidade nas relações simétricas e uma maior formalidade nas relações assimétricas.

3.5.3.2.4 Relação entre os sexos dos missivistas

Amplamente utilizada em pesquisas sociolinguísticas, os estudos de sexo dos informantes vêm evidenciando que homens e mulheres apresentam comportamentos linguísticos diferentes. De acordo com Labov (2008, p. 348), “a diferenciação sexual dos falantes não é, portanto,

somente um produto de fatores físicos [...] mas sim uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para o outro". Tendo isso em vista, controlamos esse grupo de fatores de acordo com a organização de remetente e destinatário das cartas pessoais analisadas, controlando da seguinte forma:

i) Masculino → feminino
ii) Masculino → masculino
iii) Feminino → masculino
iv) Feminino → feminino

Ao incorporar essa variável na análise, trazemos inovação aos estudos dessa natureza, uma vez que estudos anteriores se concentravam apenas no sexo isolado do missivista, desse modo, nosso estudo avança ao considerar não apenas o sexo do remetente, como também o sexo do destinatário, possibilitando observar a dinâmica entre os sexos sobre a escolha pronominal. Considerando que a sociedade vive em constante mudança e que os papéis sociais de homens e mulheres também sofrem mudanças, acreditamos que esta análise mostrará não somente a preferência de escolha linguística realizada pelos missivistas de cada sexo, como também evidenciará as mudanças refletidas no uso da língua. Nossa hipótese é que o uso do pronome *tu* prevalecerá em relações interpessoais caracterizadas pela igualdade de sexo, tais como interações entre remetentes e destinatários do mesmo sexo, refletindo uma maior intimidade e proximidade nas relações entre indivíduos do mesmo sexo. Em contraste, em relações interpessoais envolvendo sexos diferentes, acreditamos que o uso de *você* será predominante.

3.5.3.2.5 Sexo do missivista

A influência do sexo nas escolhas linguísticas, conforme destacado por Labov (2008), revela um panorama complexo de como homens e mulheres se comportam linguisticamente de maneiras distintas. O autor aponta que as mulheres tendem a adotar variantes linguísticas que são socialmente valorizadas, evidenciando um comportamento mais conservador em relação à linguagem, especialmente em situações de fala monitorada. Esse comportamento reflete uma maior sensibilidade das mulheres aos padrões de prestígio linguístico e aos valores sociolinguísticos explícitos, contrastando com a propensão dos homens à inovação linguística e ao uso de formas estigmatizadas, que se alinha às expectativas sociais e aos papéis de gênero tradicionalmente atribuídos na sociedade. Nossa hipótese é que haverá a variação entre os

pronomes *tu* e *você* no uso de homens e mulheres, entretanto, acreditamos que as mulheres apresentarão preferência pelo uso do pronome *você* por ser um pronome que demonstra mais formalidade e prestígio, enquanto os homens, utilizarão as duas formas pronominais, porém com frequência de uso maior do pronome *tu* com relação as mulheres.

3.5.3.2.6 Preenchimento do sujeito

O preenchimento do sujeito está relacionado à expressão do sujeito pronominal de forma plena ou nula. A expressão plena ocorre quando a forma pronominal *você* ou *tu* é apresentada de forma explícita, como podemos observar no exemplo (3), já a expressão nula ocorre quando esses pronomes não aparecem explicitamente, mas são representados pela desinência verbal, como podemos observar no exemplo (4):

> (3) J. eu não posso ficar gostando de homem que tem sua mulher, ***você*** tem os seus filhinhos e em que futuro eu vou ficar. (C75)
> (4) Ó E. por que ***ø*** não *consegues* entender este coração que te ama, este coração que só pensa em ti todos os momentos da vida. (C77)

De acordo com Duarte (1995), o português brasileiro do século XIX apresentava um favorecimento ao sujeito nulo e, na segunda metade do século XX, em meados da década de 1950, passou-se a ser observado a ocorrência de uma mudança gradual em direção ao preenchimento do sujeito. Considerando os estudos já realizados, percebemos que o português brasileiro está possivelmente transitando de uma língua caracterizada pela ausência de preenchimento do sujeito, para uma língua na qual o sujeito é frequentemente explicitamente preenchido. Desse modo, em nossa análise averiguamos se essa mudança tem ocorrido nas cartas alagoanas analisadas. Nossa hipótese é que o sujeito pleno apresentará predominância do pronome *você*, enquanto o sujeito nulo terá predominância do pronome *tu.*

3.5.3.2.7 Concordância verbal

Entendemos que a concordância verbal de segunda pessoa do singular pode ocorrer de duas formas, a saber, com concordância canônica e com concordância não canônica. De acordo com o postulado pela gramática normativa, na forma canônica, o pronome *você* tem sua concordância com o verbo em terceira pessoa do singular, enquanto o pronome *tu* tem sua

concordância com o verbo em segunda pessoa do singular. A referência à concordância não canônica está relacionada à concordância entre sujeito e verbo de forma distinta ao postulado pela gramática normativa. Para observar a ocorrência da concordância verbal, controlamos dois grupos de fatores: com concordância canônica do sujeito com o verbo, como observamos nos exemplos (5) e (6), e sem concordância canônica do sujeito com o verbo, como observamos nos exemplos (7) e (8). Nossa hipótese é que o emprego do pronome *tu* estará em concordância com o verbo em segunda pessoa do singular, ao passo que o pronome *você* estabelecerá concordância com o verbo em terceira pessoa do singular. Outra forma de concordância verbal existente será considerada como ausência de concordância.

(5) ***Você*** foi como um sonho que apareceu em meus sonhos, acordei-me e derrepente não era um sono e sim uma grande realidade. (C81)
(6) Desejaria, porém, que me houvesses mandado dizer o preço do bruto, para a coisa não ficar parecendo um presente pedido, pois que ***tu*** não tinhas a ideia de me oferecer um exemplar do Almanaque do Malho. (C88)
(7) Se ***você*** me mandaste A ilha e notícias de Edna, Davi, Gustavo, Karina. (C16)

3.5.3.2.8 Paralelismo linguístico

Estudos sociolinguísticos sobre a variação *tu* e *você* na posição de sujeito (Scherre et. al., 2015) mostram que, em uma dada sequência discursiva, há uma tendência da primeira forma pronominal realizada condicionar o uso dessa forma no transcorrer dessa sequência discursiva, revelando que, no uso da língua, a primeira forma pronominal utilizada tende a condicionar o uso das formas pronominais seguintes. Scherre (1998, p. 30) assegura que

> A própria repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso tem se evidenciado como uma restrição importante na análise de fenômenos variáveis de todos os subsistemas linguísticos em diversas línguas. Esta restrição ou variável independente ocorre entre as cláusulas (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático), e entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra). Recebendo denominações diferenciadas dentro da literatura variacionista, ela é hoje bastante conhecida como paralelismo linguístico (Scherre, 1998, p. 30).

Para observar o paralelismo linguístico em nossa amostra, controlamos os seguintes grupos de fatores: primeiro da série, como a primeira forma que aparece no discurso, como podemos observar no exemplo (9); antecedido por *tu*, quando a forma posterior é antecedida pelo

pronome *tu*, como podemos observar no exemplo (10); antecedida por *você*, quando a forma posterior for antecedida por *você*, como podemos observar no exemplo (11).

(9) ***Você*** escapou de mim, por mais que você tente e eu tente ver as coisas acontecerem em nossas vidas com simplicidade [...] (C80)
(10) ***Tu*** me prometeste versos, muitos versos. [...] Que vida levas ***tu*** aí? Sais, estudas, escreves. (C91)
(11) Quando ***você*** saiu daqui havia no romance algumas passagens meio acanalhadas. [...] Se tivesse de morrer, já teria morrido, ***você*** não acha? (C146)

Nossa hipótese para o controle dessa variável é que a primeira forma da série, isto é, a forma que ocorre inicialmente no discurso, exerce uma influência na preferência pela forma subsequente na amostra em análise. Pressupomos que, quando a primeira forma for *tu*, haverá uma tendência maior para que a forma subsequente seja *tu*, demonstrando um padrão de repetição dessa forma. Da mesma maneira, quando a primeira forma for *você*, pressupomos que a forma subsequente será mais frequentemente *você*, indicando uma tendência de paralelismo linguístico. Esta hipótese busca examinar como a ordem de ocorrência das formas impacta a seleção de pronomes de tratamento na amostra, refletindo uma possível influência do paralelismo linguístico nas escolhas das variantes pronominais.

Através da análise dos nossos dados com os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos acreditamos que conseguiremos observar o comportamento linguístico, no que diz respeito aos pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e *você* em cartas pessoais escritas por missivistas alagoanos. Essa análise nos permitirá verificar como se deu a inserção e utilização desses pronomes e quais os fatores condicionantes para a sua realização.

3.6 O tratamento dos dados e rodada estatística

Labov (2008) assegura que, para que possamos formular um esquema de regras variáveis, precisamos nos apoiar em uma metodologia apropriada para que, a partir de então, possamos quantificar os fatores e realizar a análise quantitativa de modo a sistematizar e encaixar a variação de acordo com seu contexto linguístico e social. Para Guy (2007, p. 21), a pesquisa dialetal não possui o privilégio de outras áreas dos estudos linguísticos, relacionados a coleta com maior probabilidade de relevância de seus dados. De acordo com o autor,

“devemos confiar em uma amostra dos dados possíveis, ou seja, temos de enfrentar todos os usuais problemas associados com amostras”.

Após a realização da coleta das cartas pessoais para a constituição da amostra, demos início ao processo de tratamento dos dados. Iniciamos com a transcrição digitada das cartas pessoais, seguindo o padrão de transcrição com edição semidiplomática, de acordo com as Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). Essas normas buscam respeitar as práticas textuais dos missivistas, conservando a originalidade do texto. Após a transcrição, realizamos a análise dos dados, identificando e codificando a variável dependente e variáveis independentes. Selecionamos os dados a serem utilizados e eliminamos as ocorrências que não se enquadravam em nosso estudo.

Para a codificação dos dados, consideramos a variável dependente – *tu* e *você* na posição de sujeito – e as variáveis independentes período de escrita das cartas, subgênero da carta pessoal, relação de Poder e Solidariedade, relação entre o sexo dos missivistas, sexo dos missivistas, preenchimento do sujeito, concordância verbal e paralelismo pronominal. Após a identificação e codificação dos das variáveis dependentes e independentes realizamos a análise estatística no programa computacional R (R Core Team, 2018).

Para tanto, realizamos os seguintes testes estatísticos: o teste qui-quadrado, que é uma medida estatística que nos ajuda a avaliar a associação entre variáveis categóricas, como, por exemplo, a relação entre a variável dependente e as variáveis independentes, permitindo que possamos verificar se existe uma relação estatisticamente significativa entre essas variáveis; o valor de *p,* que nos indica a probabilidade de obter os resultados observados, no qual valor de $p < 0,05$ sugere que a associação é estatisticamente significativa, vale ressaltar que a proximidade do valor de p a zero reforça a preferência estatística por uma variante em detrimento da outra, evidenciando a relevância da significância estatística no direcionamento das conclusões do estudo.

A partir do tratamento estatístico das nossas variáveis, o programa nos gerou resultados que possibilitaram a interpretação e discussão dos dados, sendo fundamentais para nos permitir identificar não apenas a existência de associações entre as variáveis, mas também a dimensão e a relevância delas, fornecendo assim resultados valiosos para a compreensão da variação analisada em um contexto linguístico e social. Como podemos conferir, a seguir, na seção 4.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos uma análise dos resultados da variação dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito nas cartas pessoais alagoanas. Através da análise dos dados, investigamos a associação desse fenômeno com variáveis linguísticas e extralinguísticas, como o período de escrita da carta, o subgênero da carta pessoal, a relação entre os sexos dos missivistas, o sexo dos missivistas, a relação de poder e solidariedade, o preenchimento do sujeito e o paralelismo pronominal, o que nos permite responder à questão norteadora do estudo. Na descrição dos dados, não reportamos os resultados relacionados à concordância verbal, uma vez que esses não demonstraram significância estatística.[9]

4.1 Variável dependente

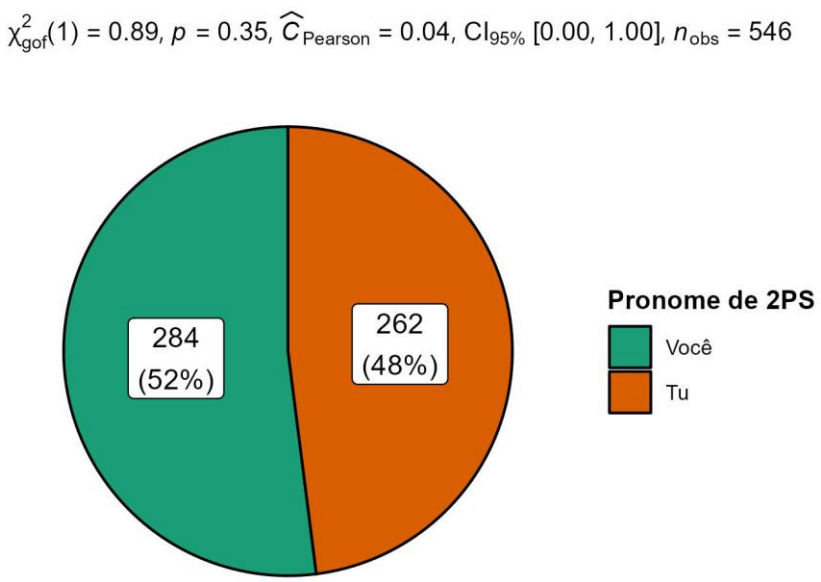
Após a leitura e análise das 204 cartas pessoais que compõem a nossa amostra, obtivemos um total de 546 realizações dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito. Dentre eles, 284 realizações do pronome *você*, como podemos observar no exemplo (12), representando 52% de nossos dados, e 262 ocorrências do pronome *tu*, como podemos observar no exemplo (13), o que representa 48%, conforme exposto no gráfico (1).

(12) ***Você*** é amigo do Erico? Pergunto porque tenho pretensões na "globo". (C69)

(13) E ***tu***, meu filho, que é que tens feito? (C90)

[9] A não apresentação dos dados relacionados à variável concordância verbal dos pronomes *tu* e *você* na análise dos resultados se justifica pelo fato de que os resultados revelaram uma tendência categórica. Das 546 ocorrências gerais de uso dos pronomes de 2PS na posição de sujeito na amostra, 283 foram de *você* com concordância com a terceira pessoa do singular, 262 de *tu* com concordância com a segunda pessoa do singular, e apenas 1 ocorrência de *você* sem concordância, conforme observamos no exemplo 7 acima. Essa distribuição sugere uma clara preferência pelo uso canônico com concordância verbal, tornando os resultados estatisticamente não significativos.

Gráfico 1: Distribuição dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na posição de sujeito na amostra



Fonte: Elaborado pela autora

Esses resultados nos mostram que houve uma distribuição equilibrada dos pronomes de segunda pessoa do singular, não existindo, no primeiro momento, uma preferência por uma ou outra forma. Essa distribuição pode ser atribuída à heterogeneidade de nossa amostra, a qual abrange diferentes relações entre os missivistas, refletindo a hipótese de que a escolha entre *tu* e *você* é fortemente influenciada por fatores contextuais. Além disso, a variação observada pode indicar uma adaptação aos contextos sociais e às relações interpessoais específicas entre os correspondentes, sugerindo que as escolhas linguísticas são moldadas pelas dinâmicas sociais. Nossos resultados corroboram os estudos anteriores, conduzidos por Santos (2019), Lima (2018), Lopes et al. (2017), Moura (2013) e Chaves (2006), que ressaltaram a relevância das dinâmicas sociais e interpessoais na escolha dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito.

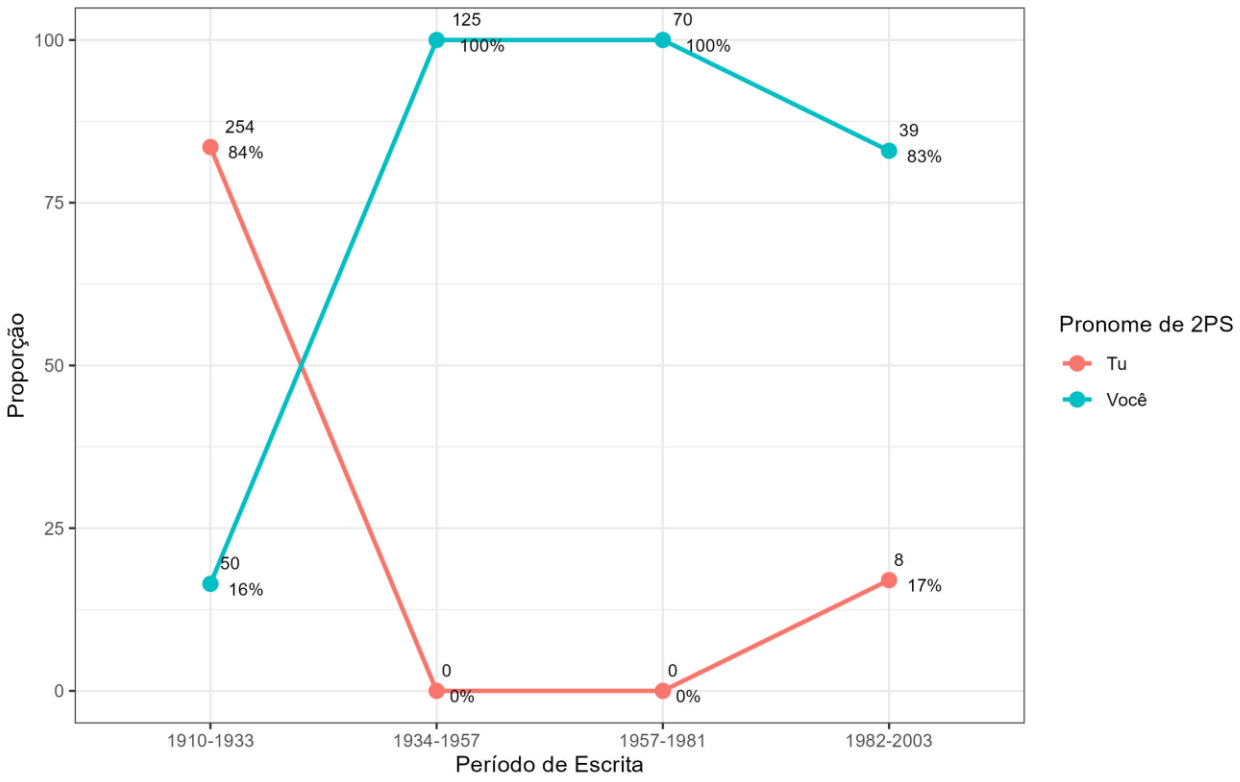
Santos (2019), ao analisar esses pronomes em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX, destacou a influência das relações interpessoais na escolha dos pronomes de segunda pessoa do singular. Nossos resultados também são reforçados por Lima (2018), o qual, em sua análise de em cartas de amor rurais do sertão pernambucano, também evidenciou uma preferência crescente pelo pronome *você* ao longo do tempo, sugerindo um paralelo entre a evolução das normas sociais e as escolhas linguísticas dos falantes.

4.2 Variáveis independentes

4.2.1.1 Período de escrita da carta

Para analisar a realização dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito ao longo do tempo, controlamos quatro períodos de escrita das cartas pessoais coletadas, a saber: 1910 a 1933, 1934 a 1957, 1957 a 1981 e 1982 a 2003. A partir da análise estatística dos dados, conforme gráfico (2), observamos tendências significativas ao longo dos diferentes períodos de escrita das cartas pessoais, com isso, os resultados obtidos nos permitem traçar uma linha do tempo das realizações de *tu* e *você* na posição de sujeito no estado de Alagoas.

Gráfico 2: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o período de escrita das cartas



Fonte: Elaborado pela autora

A partir da linha do tempo traçada no gráfico (2), observamos que, no período de 1910 a 1933, há uma grande preferência dos missivistas pelo uso do pronome *tu*, representando 84% das ocorrências, enquanto o pronome *você*, nesse período, apresenta um percentual de apenas 16%. Nos períodos de 1934 a 1957 e 1957 a 1981, houve uma mudança significativa na utilização desses pronomes. Os dados analisados mostram que, durante esse período, houve um

uso exclusivo do *você*. Esse fenômeno pode ser interpretado como um reflexo das mudanças socioculturais e da evolução das normas de comunicação da época. A intensificação do uso do pronome *você* pode ser vista como parte de um processo mais amplo práticas linguísticas, conforme discutido por Santos (2019). Esse resultado pode estar associado às transformações sociais e culturais existentes nesse período, onde o *você* começou a se intensificar, perdendo seu caráter cerimonioso, como indica o estudo realizado por Santos (2019). Esses resultados também corroboram com o estudo de Lopes et. al. (2017), no qual foi possível identificar o predomínio do pronome *você* a partir da década de 1940.

Entre os anos de 1982 a 2003, observamos que houve uma reintrodução do pronome *tu* nas cartas analisadas, representando 17% das ocorrências. Entretanto, apesar de existir a variação entre os pronomes *tu* e *você*, houve uma inversão na preferência dos missivistas, com o *você* passando a ser a forma pronominal mais utilizada, com percentual de 83%. Este fenômeno pode indicar uma estabilização da preferência por *você*, mesmo com a reemergência de *tu* em determinados contextos. A persistência do pronome *você* como forma predominante pode refletir uma consolidação das mudanças socioculturais e das normas de comunicação que começaram a se formar nas décadas anteriores. Esses dados sugerem que, apesar da tendência de preferência para o *você*, o pronome *tu* permaneceu em determinados contextos comunicativos.

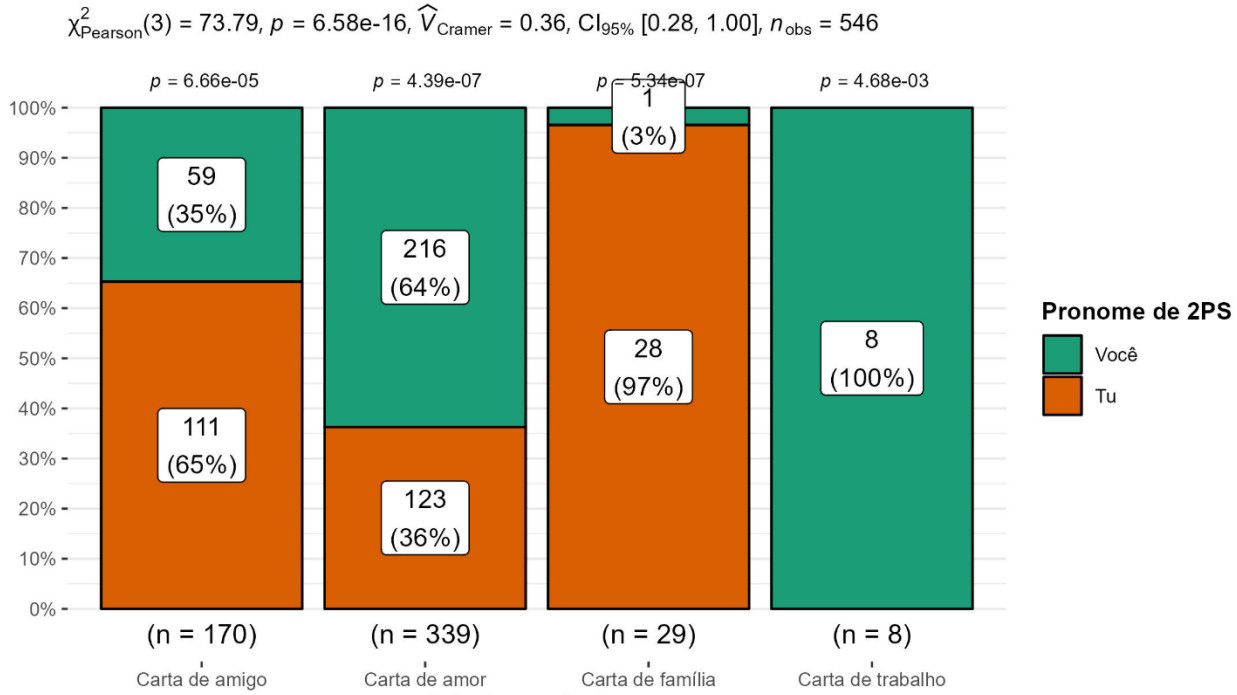
Os dados comparativos entre os períodos refletem as oscilações e as mudanças na preferência no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito, as quais refletem a dinâmica da língua em contato com as mudanças socioculturais. A preferência inicial pelo *tu*, seguida pelo predomínio do *você*, e a subsequência do *tu*, mapeiam as transformações nas relações interpessoais e na estrutura social ao longo do século XX e XXI em Alagoas. A preferência inicial pelo *tu*, seguida pelo predomínio do *você*, e a subsequência do *tu*, podem mapear as transformações nas relações interpessoais ao longo do século XX e XXI em Alagoas.

Os resultados obtidos mostram a variação existente no uso dos pronomes analisados ao longo do século XX, refletindo o comportamento linguístico dos missivistas alagoanos. Esses dados vão na mesma direção dos dados dos estudos de Santos (2019) e Lopes (2019), que mostram a difusão de *você* a partir da segunda metade do século XX e a competição entre *tu* e *você* em diferentes épocas, bem como uma possível retomada de *tu* no final do século XX.

4.2.1.2 Subgênero da carta pessoal

Para observar a influência do subgênero das cartas pessoais na escolha dos pronomes analisados em nosso estudo, controlamos quatro subgêneros, a saber, carta de amigo, carta de amor, carta de família e carta de trabalho. Após a análise estatística, a partir do teste qui-quadrado, constatamos que há diferenças estatisticamente significativas na distribuição dos pronomes *tu* e *você* nos subgêneros das cartas pessoais, conforme observamos no gráfico (3)

Gráfico 3: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o período com o subgênero da carta pessoal



Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisar o subgênero cartas de amigos, observamos através do teste qui-quadrado (x^2person(3) = 73.90, p= 6.58e-16) que há maior predominância do pronome *tu*, representando percentual de 65% das ocorrências contra 35% do pronome *você*. A preferência pela forma pronominal *tu* pode ser atribuída à proximidade característica dessas relações, com menor teor de formalidade e maior grau de intimidade, refletindo a natureza mais informal e pessoal da comunicação entre amigos, como ilustrado no exemplo (14).

(14) E ***tu***, que tens feito? Como vais? Quanto soneto já fizeste depois de Mirage? Parlapatão! Mentiroso! (C95)

Já nas cartas de amor, observamos uma distribuição oposta, com a predominância do pronome *você* com 64% enquanto o pronome *tu* apresentou percentual de 36%. Esses resultados parecem contrariar nossa hipótese inicial de que o *tu* prevaleceria nas cartas de amor, indicando maior intimidade nas relações amorosas. Esses resultados parecem contrariar nossa hipótese inicial de que o pronome tu prevaleceria nas cartas de amor, sugerindo uma complexidade maior nas relações amorosas do que inicialmente supomos. Essa constatação nos levou a refletir sobre as dinâmicas dos relacionamentos amorosos presentes em nosso corpus. Gomes (2021) propõe que as cartas de amor podem incorporar uma ampla gama de relações, desde namorados até casais casados e amantes, cada um com suas próprias dinâmicas de intimidade e formalidade. Desse modo, através de uma análise qualitativa[10] dos dados, observamos que, nas nossas cartas de amor, se enquadram diferentes tipos de relacionamento amorosos, incluindo namorados, noivos e casados, bem como amantes extraconjugais, como observamos respectivamente nos exemplos (15) e (16). Portanto, a predominância de *você* pode refletir não apenas uma mudança na formalidade, mas também a necessidade de manter certo nível de distância emocional ou mesmo uma abordagem mais formal em contextos específicos.

(15) Não sei também se ***ø*** queres corresponder aos meus sentimentos. (C77)

(16) É verdade que ***ø*** és minha noiva? Não é possível, sei perfeitamente que tudo isto é um sonho, que vou acordar, que ainda estamos em princípio de dezembro, que ***tu*** não tens existência real. (C120)

Ao considerar essas nuances, notamos que, embora não quantificado, o uso do pronome *tu* é mais frequente nas relações de namorados e noivos, sugerindo determinada proximidade e cumplicidade expressas de maneira mais intima e afetuosa. Enquanto o pronome *você* é mais recorrente nas cartas entre esposo e esposa, possivelmente por abranger diferentes assuntos, e entre amantes extraconjugais, o que pode indicar um distanciamento emocional ou até mesmo a necessidade de manter certo distanciamento, as cartas de amante podem indicar também um contexto de reclamação e cobrança entre o casal. Esse olhar em nossa análise nos ajuda a compreender que a escolha pronominal pode não ser predisposta somente no tipo de relação,

[10] Devido ao número reduzido de cartas pessoais em cada tipo de relacionamento amoroso, optamos por unir todos os tipos de relacionamento sob o subgênero cartas de amor, permitindo assim uma análise quantitativa mais abrangente. De forma complementar, realizamos uma análise qualitativa com o objetivo de observar a complexidade e as nuances dessas relações, visando aprofundar nosso entendimento das diversas formas de expressão amorosa evidenciadas nessas cartas.

níveis de intimidade e/ou formalidade, como também nas nuances mais específica dessas relações, como respeito distância/proximidade emocional e assunto abordado.

Nas cartas de família, notamos uma clara preferência pelo pronome *tu*, como demonstrado nos exemplos (17) e (18), apresentando percentual de 97% contra apenas 3% de *você,* reiterando o papel da proximidade e da intimidade nas escolhas linguísticas dentro do núcleo familiar, conforme observado por Souza (2015) em suas análises das correspondências florianopolitanas. A escolha predominante do pronome *tu* nas cartas de família sublinha a relação de proximidade e afeto, além de uma maior informalidade típica desses contextos, onde a familiaridade e a informalidade são valorizadas. Por fim, nas cartas de trabalho, observamos o uso exclusivo do pronome *você*, como podemos observar no exemplo (19). Além disso, apesar de não tratarmos de forma específica em nosso estudo, vale mencionar o uso de *senhor/senhora* em nosso *corpus.* Observamos a presença dessa forma em cartas destinadas ao pai/mãe, como também nas cartas de trabalho, indicando uma forma de referência ao remetente de maneira mais respeitosa/cerimoniosa.

(17) ***Tu*** não me deixarás em paz? ***Ø*** estás sempre a martelar-me a paciência com o desagradável nome dessa criatura. (C100)

(18) E ***tu*** respondeste "muito amavelmente", porque ***tu*** és "muito amável, muito delicada" ... São palavras mais ou menos textuais. Caramba! isso é lisonjeiro. (C106)

(19) Seria nesta data ou noutra que ***você*** tivesse disponível (C17)

Esse resultado nos mostra a opção dos missivistas em manter uma linguagem mais formal, mantendo a cortesia, tendo como escolha o pronome *você,* refletindo as convenções sociais que regulam as interações nesse contexto, conforme discutido por Lopes et al. (2017) e corroborado pelos achados de Souza (2015) e França (2016). Nossos resultados corroboram com o exposto por Costa (2019), que, ao analisar o uso do *tu e você* em cartas pessoais pernambucanas, também identificou variação desses pronomes, indicando que a relação interpessoal entre os remetentes e destinatários desempenha papel significativo nessa variação.

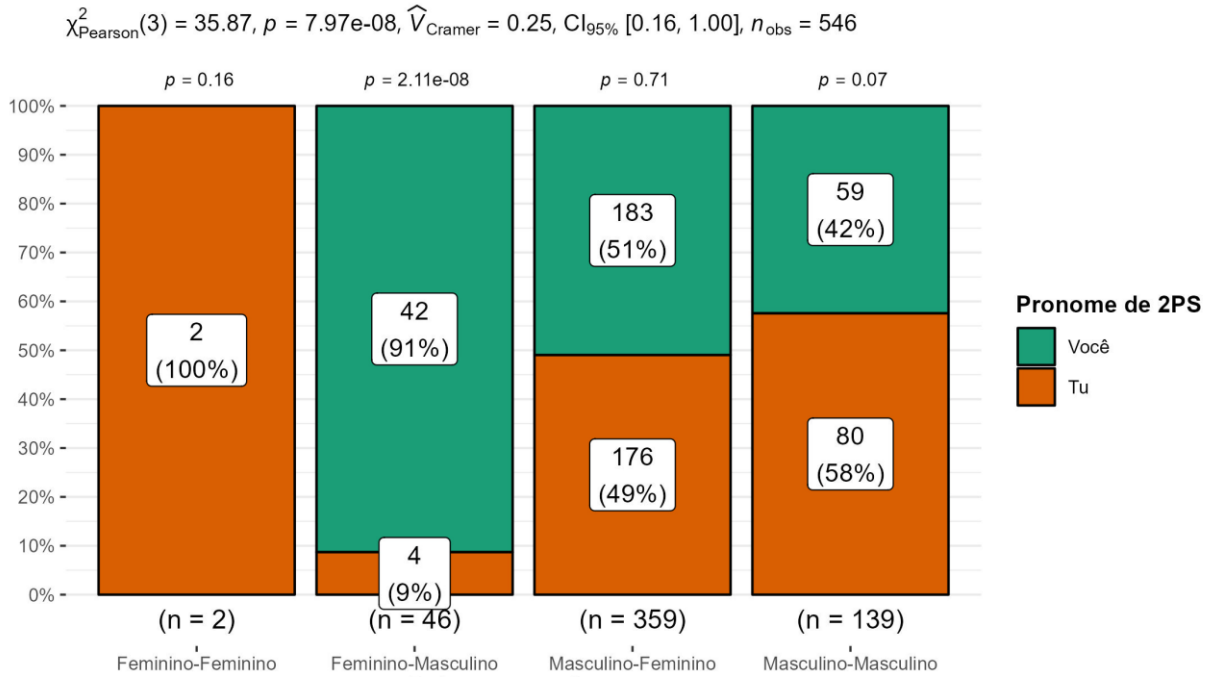
Desse modo, os resultados nos revelam que a escolha entre o *tu* e o *você* nas cartas pessoais está fortemente relacionada ao contexto do relacionamento interpessoal dos missivistas e ao subgênero das cartas. A escolha realizada, de acordo com o subgênero da carta pessoal, destaca a sensibilidade dos missivistas em adaptar sua linguagem de acordo com o grau de proximidade e formalidade em suas interações interpessoais, e reflete as tendências sociolinguísticas gerais discutidas na revisão de literatura.

4.2.1.3 Relação entre os sexos dos missivistas

Para a análise da relação entre o sexo dos missivistas, controlamos quatro fatores, a saber: feminino e feminino, feminino e masculino, masculino e feminino, e masculino e masculino. Para a análise dessa variável, consideramos que "homens e mulheres são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamentos também distintos" (Monteiro, 2000, p. 75). A análise dessas relações permite que possamos observar como as relações entre remetentes e destinatários considerando o sexo dos missivistas podem influenciar a escolha pronominal.

Após a análise estatística dos dados, constatamos, através do teste qui-quadrado (x^2person(3)= 35.87, p = 7.97e-08), que existe uma diferença estatisticamente significativa na preferência pronominal a depender do sexo dos remetentes e destinatários. Esses resultados evidenciam que a escolha dos pronomes de segunda pessoal do singular não ocorrem de maneira aleatória, mas de forma influenciada pela relação existente entre os sexos dos missivistas, como podemos observar no gráfico (4).

Gráfico 4: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com a relação entre os sexos dos missivistas



Fonte: Elaborado pela autora

Ao examinarmos os fatores individualmente, percebemos que, em cartas escritas de feminino para feminino, o pronome *tu* obteve unanimidade, apresentando 100% das ocorrências

encontradas, conforme o exemplo (20). Este resultado pode refletir uma maior intimidade característica de relações entre interlocutores do mesmo sexo, que favorecem uma linguagem mais pessoal e direta, como indicado por Lopes et al. (2017) ao descreverem a dinâmica dos pronomes de tratamento no português brasileiro. Nos relacionamentos de feminino para masculino, percebemos uma grande diferença se comparada à relação vista anteriormente, houve ocorrência de apenas 9% de *tu* contra 91% de *você*, conforme os exemplos (21) e (22). Essa tendência corrobora com o estudo de Souza (2015), que aponta para uma preferência por formas de tratamento que indicam respeito e formalidade em interações entre sexos opostos.

(20) Como mulher ***ø*** podes mim entender. (C83)
(21) Não imagina o quanto ***ø*** me fizeste feliz (C78)
(22) ***Você*** foi o único namorado que deixou marca, pois as mesmas serão relembrada sempre que lembro de ti (C78)

No que respeito às relações de masculino para feminino, houve frequência de uso de 49% de *tu* contra 51% de *você*, conforme o exemplo (23) e (24) e, nas relações masculino para masculino, o *tu* aparece com frequência de 58% e o *você* com frequência de 42%, conforme os exemplos (25) e (26), demonstrando um equilíbrio na escolha pronominal realizada por remetentes do sexo masculino.

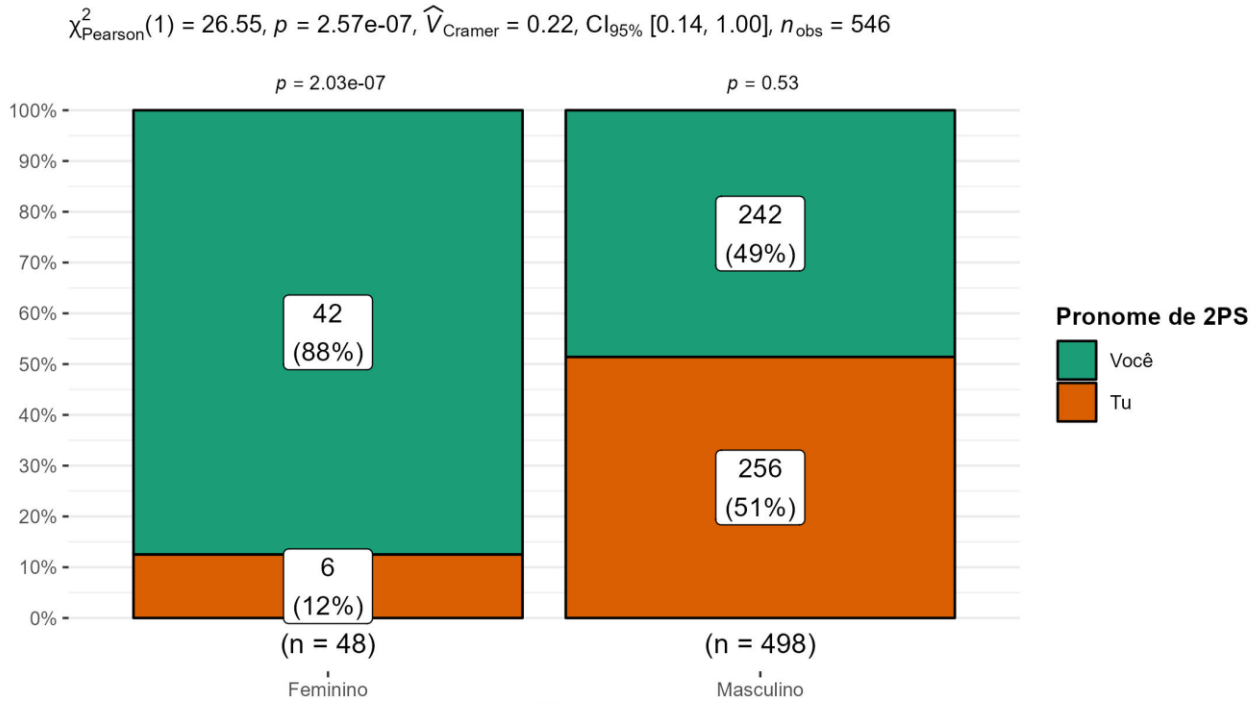
(23) E ***tu*** meu amor, que fizeste? (C120)
(24) Se ***você*** quiser alguns diga-me o meio de outras, mande o tutú (que eu aqui sou proleta) que eu me carrego do resto. (C26)
(25) ***Tu***, que passavas, pudeste fornecer-lhe essas preciosas indicações. (C117)
(26) Se ***você*** por acaso não comprou Diretrizes me aceite que mando a revista (C67)

Esses resultados demonstram como as relações existentes entre o sexo dos missivistas podem influenciar na escolha dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular. Através da análise, foi possível perceber uma maior ocorrência do pronome *tu* em relações em que remetente e destinatário possuíam o mesmo sexo, enquanto o *você* teve mais ocorrências na relação feminino para masculino, possivelmente uma relação mais assimétrica. Esses resultados estão de acordo com as considerações de Lopes (2019) ao tratar sobre a dinâmica dos pronomes em relação aos papéis sociais, e destacam a necessidade de entender as escolhas linguísticas de acordo com seus interlocutores.

4.2.1.4 Sexo do missivista

A análise a seguir busca compreender a relação entre o sexo dos missivistas e a escolha do pronome de segunda pessoa do singular na posição de sujeito, uma vez que os estudos sociolinguísticos apontam para diferenças na escolha das formas linguísticas de acordo com essa variável. Desse modo, apresentamos os resultados obtidos em nossa análise buscando aprofundar nossa compreensão acerca das preferências linguísticas dos missivistas alagoanos. Os resultados encontrados sugerem que as escolhas de pronomes não são aleatórias, mas influenciadas pelo sexo do missivista, como podemos observar no gráfico (5).

Gráfico 5: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o sexo dos missivistas



Fonte: Elaborado pela autora

Analisando cada sexo individualmente, observamos através do teste qui-quadrado (x^2person(1)= 26.55, p= 2.57e-07), que entre os missivistas do sexo feminino, houve apenas 12% de ocorrências do pronome *tu*, enquanto o *você* apresentou um percentual expressivo de 88%. Este resultado reflete os achados de Lopes et al. (2017), que indicam uma maior aderência das mulheres a formas linguísticas prestigiadas, em consonância com a expectativa de um comportamento mais formal e alinhado com as normas padrão, estando também de acordo com o Paradoxo do Gênero de Labov, que as mulheres frequentemente lideram em processos de

mudança linguística, mas podem adotar uma postura mais conservadora em contextos formais. Desse modo, a predominância do *você* em contextos femininos pode ser vista como uma adesão a uma forma mais neutra e formal, refletindo um maior nível de monitoramento linguístico. Esse padrão sugere que as mulheres, ao utilizar *você*, podem estar alinhadas com normas sociais que valorizam a formalidade e o prestígio, refletindo uma maior preocupação com a manutenção de padrões linguísticos elevados. Isso pode estar relacionado ao desejo de aderir a convenções que são vistas como socialmente aceitas e respeitadas.

Por outro lado, entre os missivistas do sexo masculino, apesar de não haver uma diferença significativa entre as escolhas realizadas por esses missivistas, notamos uma ligeira preferência pelo pronome *tu*, apresentando percentual de 51% contra 49% de *você*. Esses resultados estão alinhados com os resultados obtidos por Santos (2019), ao passo que sugerem que os homens podem estar exercendo maior flexibilidade linguística. A divisão mais equilibrada entre *tu* e *você* entre os homens pode indicar uma maior disposição para usar diferentes formas de tratamento, possivelmente refletindo um contexto social em que as normas de prestígio não são tão rigidamente seguidas. Essa flexibilidade pode permitir uma maior diversidade na expressão linguística, sugerindo que os homens podem ser mais adaptáveis às variações de contexto e relação interpessoal.

Interpretando nossos resultados à luz dos estudos sociolinguísticos, compreendemos que as mulheres tendem a ser mais sensíveis às normas e ao prestígio social das formas linguísticas. Essa tendência linguística está em consonância com a predominância de *você*, que é frequentemente considerado mais formal e prestigiado, enquanto *tu*, que pode ser percebido como mais informal e mais intimista é menos frequente. Por outro lado, os homens mostram uma divisão mais equilibrada entre *você* e *tu*, a qual pode ser atribuída devido à sua maior mobilidade social e participação em grupos sociais diversos.

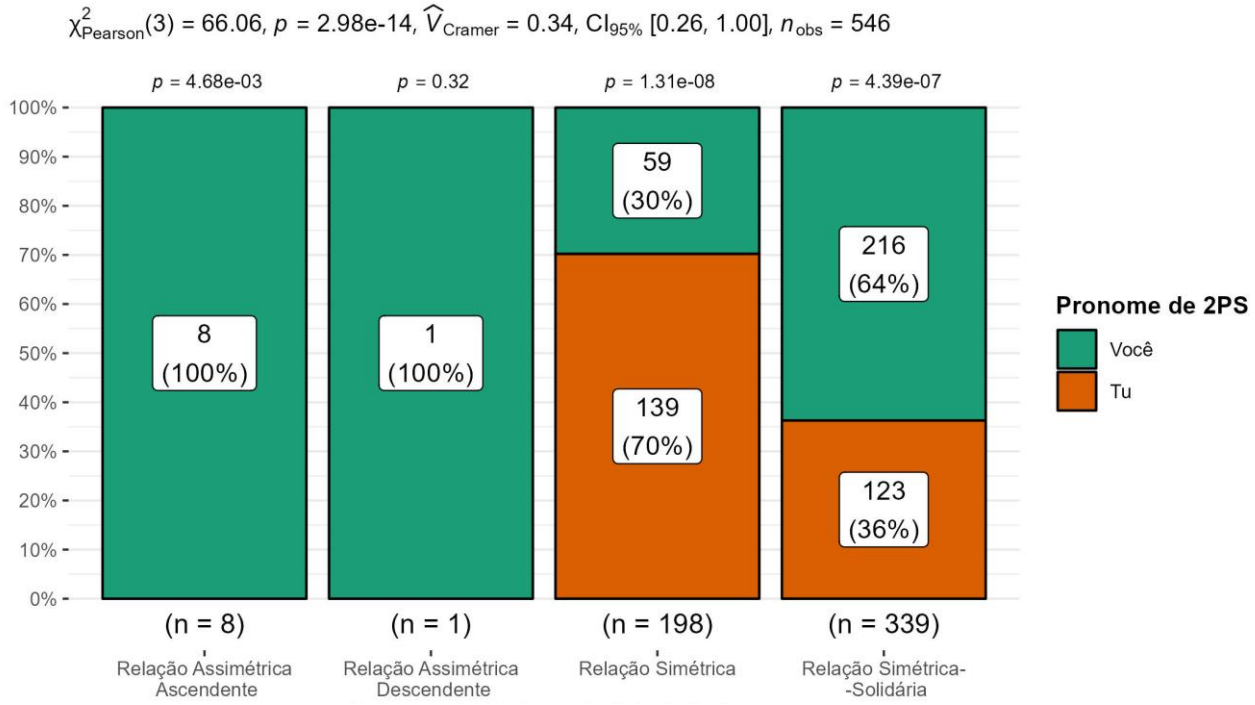
Portanto, nossos resultados sugerem que o sexo desempenha um papel significativo na escolha das formas de tratamento, mostrando que as mulheres tendem a usar formas prestigiadas, enquanto os homens mostram uma neutralidade maior em relação a essas formas. No entanto, é importante salientar que essa influência não é determinante e devemos considerar também outras variáveis para compreender a escolha desses pronomes.

4.2.1.4 Relação de Poder e Solidariedade

Para analisar relações de Poder e Solidariedade presentes nas cartas pessoais de nossa amostra, utilizamos como base a Teoria do Poder e Solidariedade (Brown, Gilman, 1969) e

realizamos uma subdivisão em quatro tipos de relações, a saber, assimétrica ascendente, assimétrica descendente, simétrica e simétrica-solidária. Após a análise estatística, conforme gráfico 6, identificamos tendências significativas acerca da escolha pronominal dos missivistas e as relações de Poder e Solidariedade existentes. Os resultados do teste qui-quadrado (x^2person(3) = 66.06, p = 2.98e-14) indicam uma diferença estatisticamente significativa na distribuição dos pronomes entre os diferentes tipos de relação, sugerindo que as escolhas dos pronomes não são aleatórias, mas influenciadas pelo tipo de relação interpessoal estabelecida.

Gráfico 6: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com as relações de Poder e Solidariedade



Fonte: Elaborado pela autora

Analisando a relação assimétrica ascendente, como no exemplo (27), tivemos o uso exclusivo do pronome *você*, esse resultado indica que, em contextos em que há hierarquia e superioridade de uma parte sobre a outra, a escolha do *você* prevalece, como forma de enfatizar a formalidade e o respeito à posição superior. Na relação assimétrica descendente, como no exemplo (28), tivemos apenas uma realização da forma pronominal de segunda pessoa, representando 100% de *você*, embora não tenhamos muitos dados acerca desse tipo de relação, através do exposto, acreditamos que a escolha pelo pronome *você* pode ser atribuída ao desejo de manter determinado distanciamento de forma respeitosa em uma relação de subordinação. Esses resultados se aproximam do resultado obtido por Souza (2015) e França (2016), os quais

constataram em seus estudos que a formalidade era mantida em contextos de hierarquia. O uso predominante de *você* em relações assimétricas sugere uma estratégia linguística que reforça a distância social e o respeito pelas hierarquias estabelecidas. Este padrão reflete uma adesão a normas que valorizam a formalidade em contextos onde há uma clara distinção de poder.

(27) ***Você*** continuará com o seu trabalho da melhor forma possível. Talvez ainda consiga ajudá-la um dia. (C24)
(28) E para o acervo de coisas e fatos históricos de nossa Maceió, que ***você*** vem procurando reconstituir e atualizar [...] (C5)

Na relação simétrica, tivemos 70% de ocorrências do pronome *tu* contra 30% do pronome *você*, como podemos observar nos exemplos (29) e (30). Esse resultado se assemelha aos resultados obtidos por Lopes et. al. (2017) e Lima (2018), os quais apontam a preferência pelo pronome *tu* em relações marcadas por maior intimidade e solidariedade. Desse modo, percebemos que, em relações de igualdade, como foi o caso das relações estabelecidas entre amigos, colegas e familiares, há uma preferência pelo pronome *tu*, refletindo uma atmosfera de informalidade e proximidade entre os missivistas. Já na relação simétrica-solidária, observamos uma distribuição distinta, com 64% de realizações do pronome *você* contra 36% do pronome *tu*, indicando que, em relacionamentos amorosos, mesmo que de forma acentuada, o *você* prevalece, conforme podemos observar esses usos nos exemplos (31) e (32). A preferência pelo pronome *tu* em relações simétricas reflete um maior grau de intimidade e uma sensação de proximidade entre os interlocutores. No entanto, a prevalência de *você* em relações simétricas-solidárias pode indicar que, mesmo em contextos mais próximos, há uma valorização de uma forma de tratamento que preserva um certo nível de formalidade e respeito, especialmente em relações amorosas.

(29) ***Tu*** me farás um favor. Manda-me dizer circunstanciadamente tudo o que se passar por aí durante o Natal. Novenas, missas, procissões, tudo. (C100)
(30) ***Você*** é quem sabe. Por minha conta mande imprimir 100 ou 150 exemplares, que pagarei. (C1)
(31) ***Você*** não tem culpa, hoje eu reconheço, não podemos nos obrigar a uma situação (C80)
(32) ***Você*** está muito além e talvez eu não lhe alcance nunca mais. (C80)

Considerando os resultados expostos, é interessante observar que, apesar da diferença existente entre as relações assimétricas ascendente e descendentes, ambas privilegiam o uso do *você*, dando ênfase à formalidade existente nessas relações. Por outro lado, nas relações simétricas e simétricas-solidárias, onde há uma igualdade e maior proximidade entre os missivistas, tivemos número de ocorrências consideráveis do pronome *tu*.

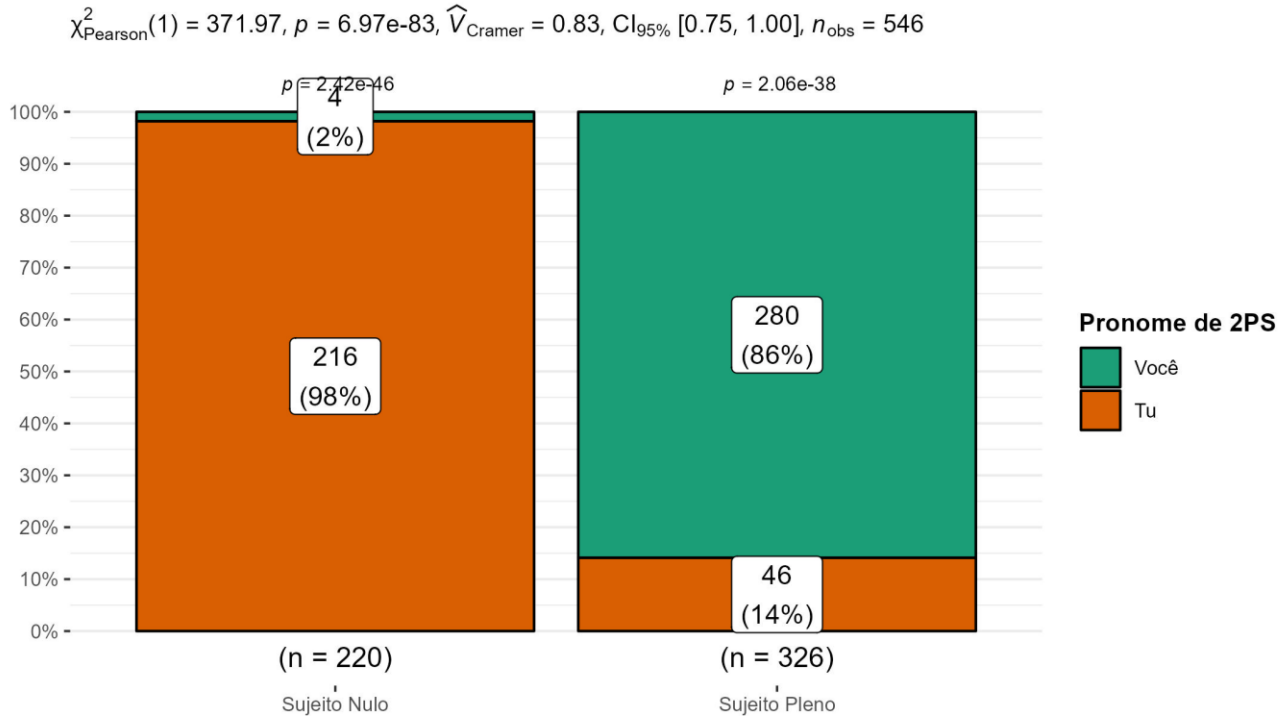
Esses resultados evidenciam como as escolhas pronominais estão profundamente entrelaçadas com as dinâmicas de poder e solidariedade, refletindo estratégias linguísticas que variam conforme a natureza da relação interpessoal. As preferências por formas mais formais ou informais são utilizadas para demonstrar diferentes níveis de proximidade e respeito social.

4.2.1.5 Preenchimento do sujeito

A partir da análise dos resultados estatísticos obtidos relacionados ao preenchimento do sujeito nas cartas pessoais de nossa amostra, pudemos identificar uma tendência existente relacionada a esse grupo de fatores. A análise realizada permitiu que pudéssemos compreender o uso das formas pronominais plenas *tu* e *você*, em comparação com o sujeito nulo, quando o sujeito não é explicitamente exposto, mas representado pela desinência verbal.

O resultado do teste qui-quadrado (x^2person(1) = 371.97, p = 6.97e-83), conforme gráfico 7, revela uma diferença estatisticamente significativa na distribuição do preenchimento do sujeito entre *tu* e *você,* com um valor baixo de *p*, indicando que essa diferença não é mera coincidência, mas sim um reflexo das escolhas linguísticas dos missivistas.

Gráfico 7: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o preenchimento do sujeito



Fonte: Elaborado pela autora

No que diz respeito ao sujeito nulo, observamos que 98% das ocorrências estão relacionadas ao *tu*, conforme observamos no exemplo (33), enquanto apenas 2% correspondem ao *você*, esse resultado é significativo (p=2.42e-46), mostrando que quando o sujeito é omitido a preferência é pelo pronome *tu*. Ao analisar o sujeito pleno, observamos que 86% das ocorrências estão relacionadas ao *você*, conforme observamos no no exemplo (34), enquanto apenas 14% estão associadas ao *tu*. Esse resultado é significativo (p=2.06e-38), refletindo a preferência marcante dos missivistas quando o sujeito é expresso de forma plena.

(33) ***Ø*** és um dos meus presentes mais inesquecível que já tive em até hoje, por isso não quero te perder nunca. (C81)

(34) ***Você*** terá a bondade de mandar datilografar novamente, corrigindo o que for necessário. (C3)

Nossos resultados corroboram com os estudos de França (2016), Lima (2018) e Pereira (2012), uma vez que esses autores tiveram resultados semelhantes no que diz respeito ao preenchimento do sujeito. A predominância do *tu* em contextos de sujeito nulo se aproxima dos resultados de França (2016), que discutiu a tendência histórica do português brasileiro para estruturas de sujeito nulo, principalmente em contextos informais ou íntimos. Enquanto a

preferência pelo *você* em sujeitos plenos se aproxima dos resultados de Lima (2018), que destacou uma mudança sociolinguística em direção a uma maior explicitação do sujeito em contextos formais ou de maior distância social.

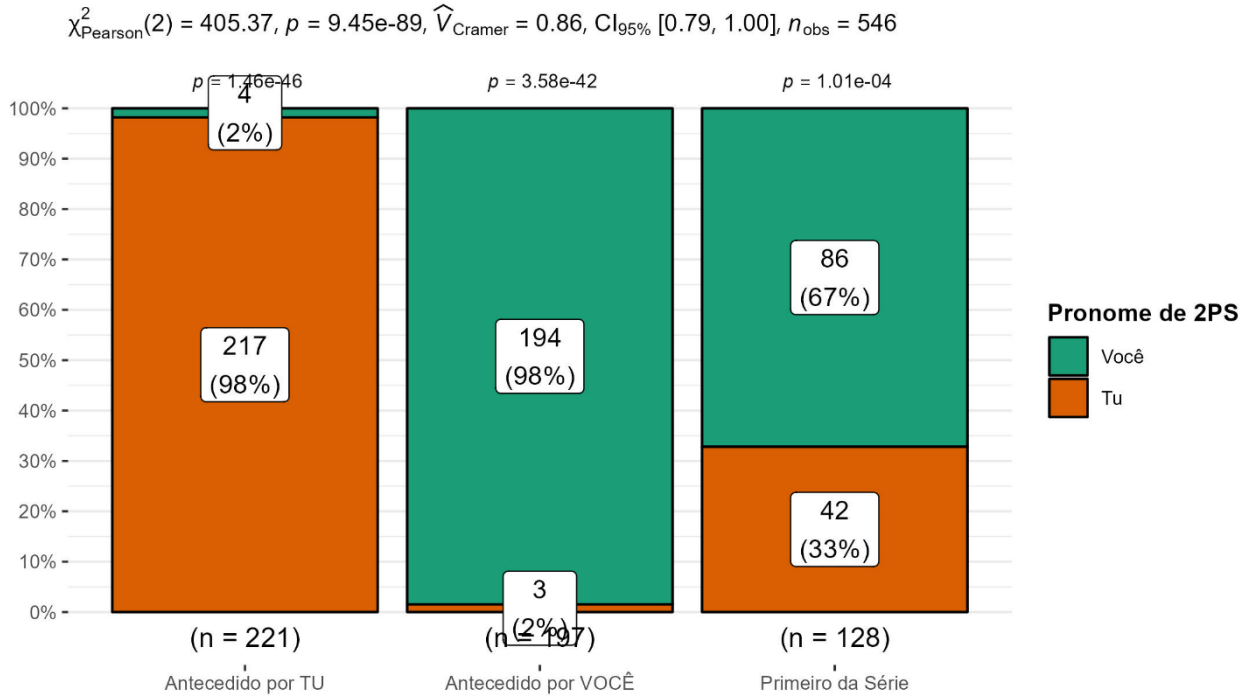
Essas escolhas podem ser consideradas como uma mudança gradual em direção ao preenchimento do sujeito com o pronome *você*, alinhando-se com o exposto por Duarte (1995), que observou que, no decorrer do século XIX, o português brasileiro demonstrava uma tendência a utilizar frequentemente o sujeito nulo. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, começou a ser observada uma transformação gradual em direção ao uso mais frequente do sujeito pleno.

4.2.1.6 Paralelismo Pronominal

A análise da variável paralelismo pronominal revelou resultados estatísticos significativos, que nos permitem compreender melhor como o fenômeno do paralelismo linguístico ocorre nas missivas analisadas. O paralelismo linguístico, que se refere à repetição de uma determinada forma na sequência discursiva tendo em vista a realização dessa forma anteriormente no discurso, mostrou, a partir do resultado do teste qui-quadrado (x^2person(2) = 405.37, p = 9.45e-89), ser um fator relevante na escolha dos pronomes *tu* e *você* ao longo das cartas, revelando que a tendência dos missivistas a manter o uso do pronome inicialmente escolhido ao longo do discurso reflete uma coerência discursiva. O paralelismo pronominal é fundamental para a manutenção da coesão textual, pois permite que o discurso flua de maneira mais natural e compreensível. A consistência na escolha dos pronomes contribui para a clareza e a continuidade da comunicação, evitando confusões e facilitando a interpretação das mensagens.

Ao examinarmos o impacto do paralelismo linguístico no discurso, consideramos três cenários distintos: quando uma forma pronominal é antecedida por *tu*, quando é antecedida por *você*, e quando é a primeira forma da série. Os resultados estatísticos revelaram diferenças significativas entre esses cenários, conforme podemos observar no gráfico (8).

Gráfico 8: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o paralelismo pronominal



Fonte: Elaborado pela autora

No primeiro cenário, quando uma forma pronominal é antecedida por *tu*, observamos uma forte tendência à continuidade do uso de *tu*, conforme exemplo (35), com 98% ocorrências, contra apenas 2% do pronome *você*. Isso demonstra que, uma vez que o falante tenha escolhido *tu* como forma inicial, há uma alta probabilidade de manter essa forma ao longo do discurso. No segundo cenário, quando a forma pronominal é antecedida por *você*, vemos uma forte preferência pela continuação de *você*, conforme exemplo (36), com 98% das ocorrências, contra apenas 2% do pronome *tu*. Esses resultados indicam que, após a escolha inicial do pronome utilizado, os missivistas tendem a aderir a essa forma, mantendo a consistência no discurso. No terceiro cenário observado, que diz respeito à escolha da primeira forma pronominal da série, observamos que 33% dos falantes optam por iniciar com *tu*, conforme exemplo (37), enquanto 67% escolhem o pronome *você*, conforme exemplo (38). Esses resultados destacam que a escolha do pronome inicial tem um impacto significativo na continuidade do discurso, refletindo uma estratégia consciente dos missivistas para manter a coesão e a coerência na comunicação. O fato de que *tu* e *você* são mantidos consistentemente quando iniciados sugere que o paralelismo pronominal é um mecanismo importante para a organização textual.

(35) ***Tu*** compreendes. Sapequei uns dez capítulos (Deus me perdoe) e interrompi a execução.[...] Se ***tu*** visses o olhar de agradecimento que ele deu a ela... eu quis detê-los, porque julguei conveniente reler a coisa. (C126)

(36) ***Você***, Evaldo Coutinho e José Vieira Coelho, muita gente de fala invisível. Chego a pensar que lhe aborreço escrevendo mas vá me desculpando. [...] ***Você*** é amigo do Erico? Pergunto porque tenho pretenções na "globo". (C69)

(37) ***Tu*** me desculparás eu estar aqui a falar de coisas que não têm absolutamente importância para ti. (C101)

(38) ***Você*** deve ter aí uma quantidade enorme de cartas minhas. Às vezes mando duas, três, sem esperar resposta (C149)

Os resultados obtidos reiteram as considerações de Scherre (1998), que ressalta a importância do paralelismo, pois o uso do pronome inicialmente empregado indica uma estratégia de manutenção da coesão e da coerência textual, características essenciais para a comunicação eficaz na escrita. Em consonância com os dados de Pereira (2012), nossos resultados evidenciam a influência do paralelismo linguístico na escolha de *tu* e *você* ao longo das cartas pessoais, evidenciando que a consistência na escolha de uma forma pronominal uma vez estabelecida indica uma forte tendência à manutenção dessa forma no discurso.

4.3 Cruzamento entre as variáveis

Para compreender como diferentes fatores interagem e influenciam a escolha dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e *você* na posição de sujeito em cartas pessoais de missivas alagoanos, realizamos o cruzamento entre as variáveis independentes. Esse cruzamento nos possibilita obter uma análise mais apurada sobre o uso dos pronomes *tu* e *você*, reconhecendo que essas escolhas não são influenciadas por uma variável isolada, mas resultam da interação entre o período de escrita, o sexo dos missivistas, o subgênero da carta, a relação entre os sexos dos missivistas e as relações de poder e solidariedade.

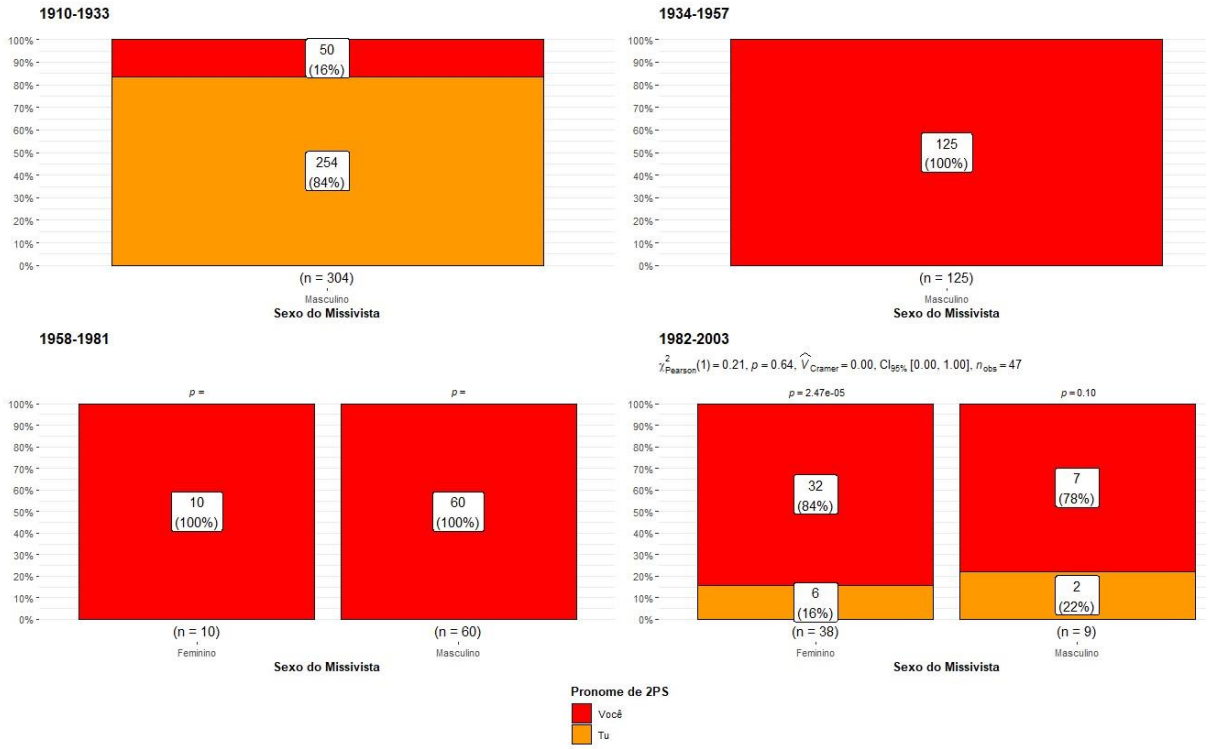
Para a análise de dados, utilizamos o programa computacional R (R Core Team, 2018), optando por não realizar análise de regressão devido à presença de células vazias, um reflexo dos desafios encontrados na coleta de dados, mas que é que reportado nas bases da Sociolinguística Histórica. Como Labov (1994, p.11) destaca, o trabalho com dados históricos envolve fazer o melhor uso de dados que, apesar de ricos em certos aspectos, são limitados em outros. Isso decorre do fato de que documentos históricos sobrevivem por acaso, resultando em

uma seleção que é produto de uma série imprevisível de acontecimentos históricos. Portanto, nossa análise está alinhada com a compreensão de que a Sociolinguística Histórica é a arte de fazer o melhor uso de dados desafiadores, reconhecendo as limitações inerentes a esses dados.

4.3.1 Período de escrita e sexo dos missivistas

Em nossa análise, realizamos o cruzamento de dados entre as variáveis período de escrita da carta e sexo dos missivistas a fim de observar se há correlação entre essas variáveis e a escolha dos pronomes *tu* e *você*, conforme podemos observar no gráfico (9). Notamos que em determinados períodos, como o período I (1910-1933) e II (1934-1957), obtivemos resultados apenas relacionados às cartas de missivistas do sexo masculino. Essa particularidade reflete as características de nosso *corpus*, pois a ausência de cartas de missivistas femininas nesses períodos está relacionada aos desafios encontrados perante à nossa coleta de dados, de modo que enfatizamos a importância de interpretar os dados obtidos de forma contextualizada.

Gráfico 9: Período de escrita e sexo dos missivistas



Fonte: Elaborado pela autora

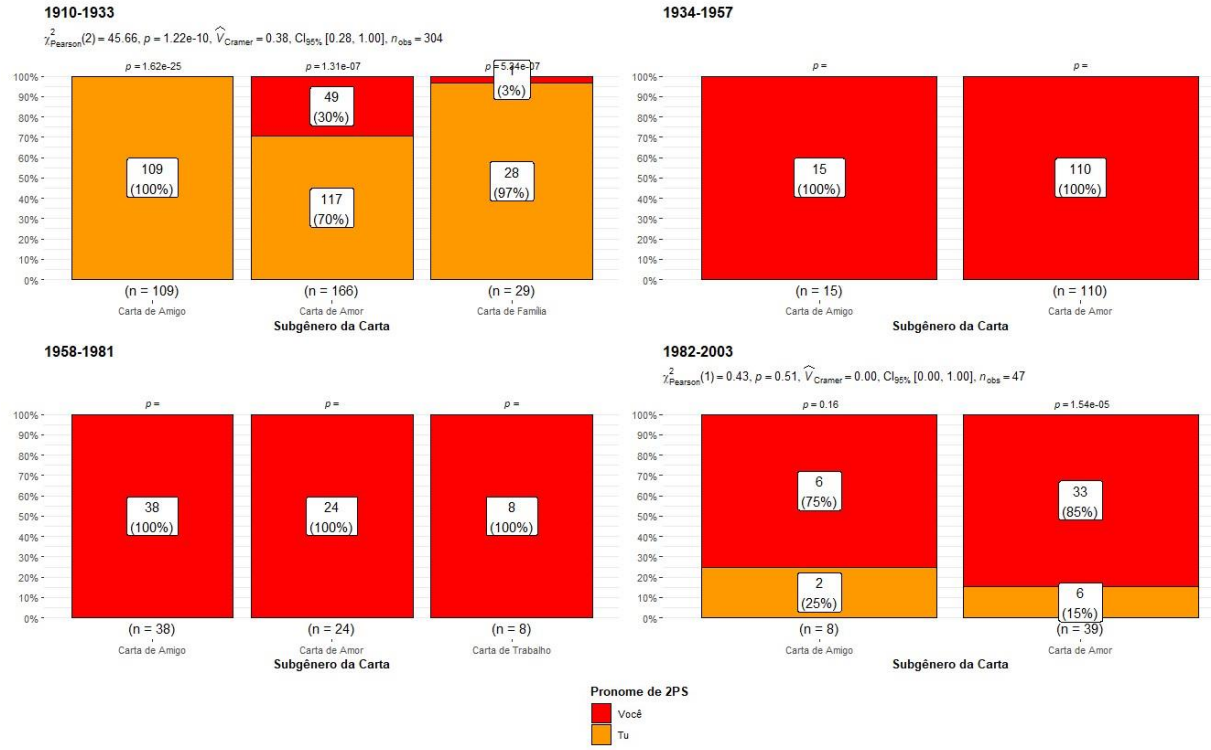
A análise revela diferentes tendências na escolha pronominal ao longo dos períodos estudados em relação ao sexo dos missivistas. No período I (1910-1933), caracterizado exclusivamente por cartas de missivistas masculinos, observamos uma forte preferência pelo uso do pronome *tu*, que representou 84% das realizações, contra 16% de *você*. No período II (1934-1957), houve a realização exclusiva do pronome *você*, indicando uma mudança na

escolha pronominal comparado ao período anterior. Essa tendência de exclusividade para o *você* persistiu no período III (1968-1981), abrangendo missivistas de ambos os gêneros. No período IV (1982-2003), observamos o retorno do pronome *tu*, ainda que em menor proporção em comparação ao período inicial. A análise por sexo dos missivistas nesse período revela um uso mais equilibrado dos pronomes de segunda pessoa, em que o *tu* apresentou percentual de 16% de uso em cartas escritas por missivistas femininas e 22% em cartas escritas por missivistas masculinos, enquanto você permaneceu como o pronome predominante, com 84% e 78% respectivamente Em relação ao sexo dos missivistas com quanto ao período, nesse período, percebemos um equilíbrio entre o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular, com o uso do pronome *tu* apresentando percentual de 16% no sexo feminino e 22% no sexo masculino, enquanto o pronome *você*, que se mostra como o pronome com maior preferência nesse período de tempo, apresenta percentuais de 84% no sexo feminino e 78% no sexo masculino.

4.3.2 Período de escrita da carta e subgênero da carta

Na nossa investigação sobre a relação entre o período de escrita da carta e o subgênero da carta, analisamos como essas variáveis influenciam a escolha dos pronomes de segunda pessoa do singular. Os dados estatísticos, conforme gráfico 10, fornecem um panorama sobre as tendências pronominais em diferentes contextos comunicativos ao longo do tempo.

Gráfico 10: Período de escrita e subgênero da carta



Fonte: Elaborado pela autora

No período I (1910-1933), observamos uma associação significativa entre o subgênero da carta e a escolha pronominal, refletindo uma preferência pelo *tu* em contextos íntimos. Nas cartas de amigos, o pronome *tu* foi usado de forma exclusiva, nas cartas de amor e de família, observamos uma predominância significativa desse pronome, com 70% e 97% respectivamente, enquanto o pronome *você* foi utilizado com apenas 30% em cartas de amor e 3% em cartas de família. No período II (1934-1957) e III (1958-1981), houve a realização exclusiva do pronome *você* em todos os subgêneros analisados. Já no período IV (1982-2003), há uma distribuição diferente das anteriores. Nas cartas de amigos, encontramos percentual de 25% de uso do pronome *tu* e 75% de uso do pronome *você*, nas cartas de amor, o pronome *tu* foi utilizado em 15% das realizações, enquanto o *você* apresentou percentual de 85%.

Ao longo dos períodos analisados, observamos que a distribuição dos pronomes *tu* e *você* sofreu variações entre os diferentes períodos e subgêneros das cartas, de modo que, no início do século XX, o pronome *tu* predominava nas cartas de amigo, amor e familiares, indicando uma preferência por essa variante em contextos de maior intimidade. À medida que avançamos no tempo, identificamos um período em que o *você* apresentou uso exclusivo em todos os contextos. Ao final do século XX, o pronome *tu* retornou, embora com um padrão de

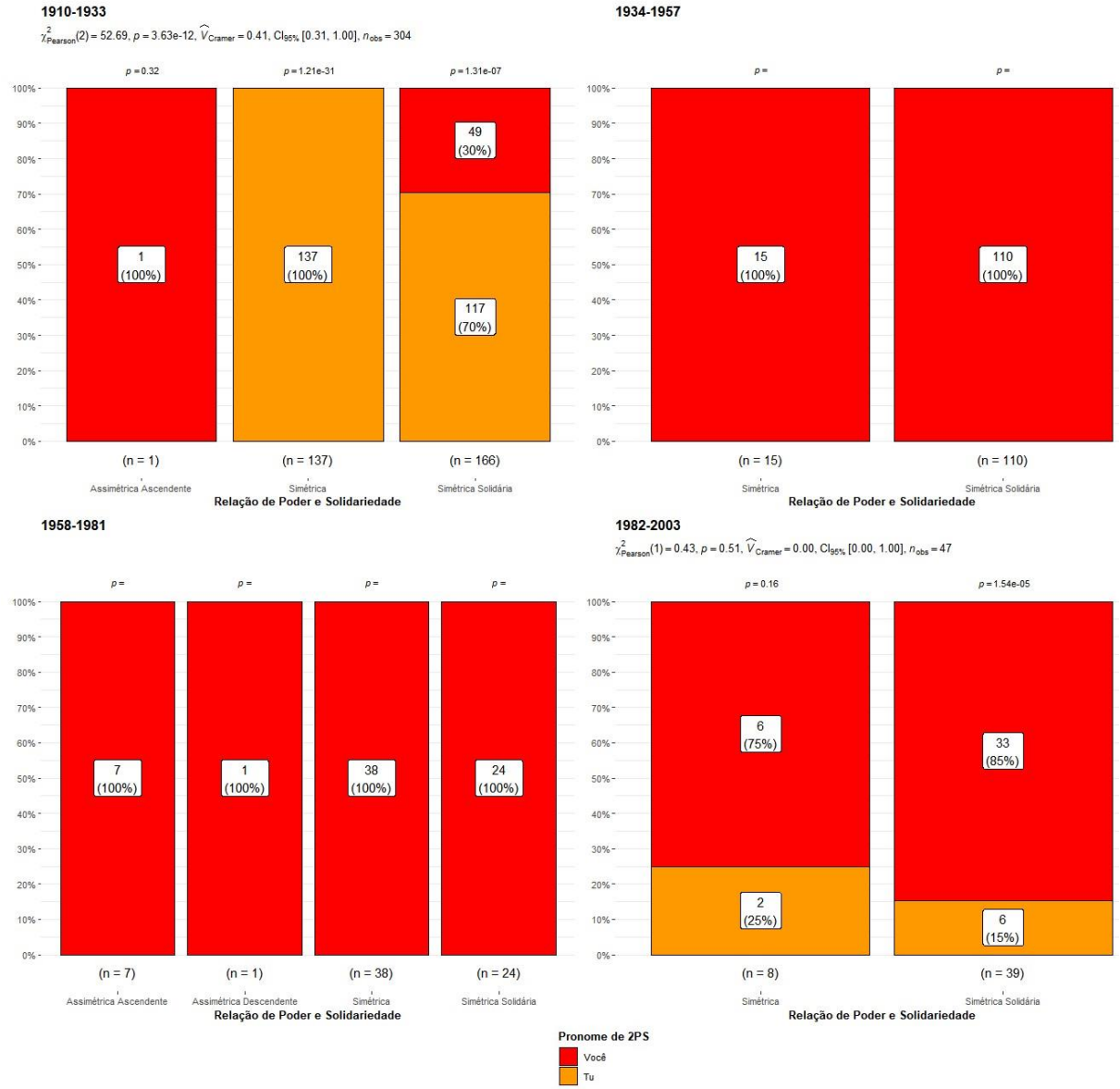
uso um pouco diferente do anterior. No último período analisado, notamos uma coexistência dos pronomes *tu* e *você*, mas com uma preferência pelo *você*, mesmo em subgêneros que tradicionalmente denotam intimidade, como nas cartas de amor e de amigos. Essa transição indica uma expansão no uso do *você*, que passou a ser utilizado em diferentes contextos de maneira mais recorrente, refletindo a versatilidade desse pronome nas interações linguísticas.

Os resultados sugerem uma evolução nas preferências pronominais ao longo do tempo, refletindo mudanças socioculturais e históricas que influenciam o uso dos pronomes. A predominância de *tu* no primeiro período e o subsequente aumento no uso de *você* pode indicar uma mudança no padrão de formalidade e distância social nas relações interpessoais.

4.3.3 Período de escrita da carta e Relação de Poder e Solidariedade

Ao realizar o cruzamento entre o período de escrita da carta e as relações de poder e solidariedade nas cartas pessoais, buscamos compreender como as relações interpessoais e níveis de hierarquia influenciaram as escolhas pronominais ao longo do tempo. Observando o gráfico (11), constatamos que os dados estatísticos indicam uma correlação interessante entre o período de escrita da carta e as relações de poder e solidariedade.

Gráfico 11: Período de escrita e Relação de Poder e Solidariedade



Fonte: Elaborado pela autora

No período I (1910-1933), observamos que as relações assimétricas ascendentes foram caracterizadas pelo uso exclusivo do *você*, enquanto as relações simétricas favoreceram exclusivamente o uso exclusivo de *tu*. Nas relações simétricas solidárias, embora o pronome *tu* tenha predominado com 70%, o pronome *você* também apareceu nesse tipo de relação, apresentando percentual de 30%. Esses resultados sugerem que, neste período, as relações de poder influenciaram as escolhas pronominais, de modo que o pronome *você* predomina em relações de hierarquia e o pronome *tu* em relações de igualdade e proximidade. A predominância de *você* em relações assimétricas ascendentes e de *tu* em relações simétricas

reflete a estrutura social da época, onde as formas pronominais estavam alinhadas às hierarquias sociais e relações interpessoais observadas.

No período II (1934-1957), tivemos o uso do *você* exclusivo em todos os tipos de relação, esse resultado se estendeu ao período III (1958-1981), no qual o pronome *você* também prevaleceu em 100% das realizações em todas as relações. A transição observada do período I para os períodos II e III evidencia a mudança no uso dos pronomes analisados, com o *você*, que possuía no período I menor frequência de uso, tornando-se predominante nos períodos II e III.

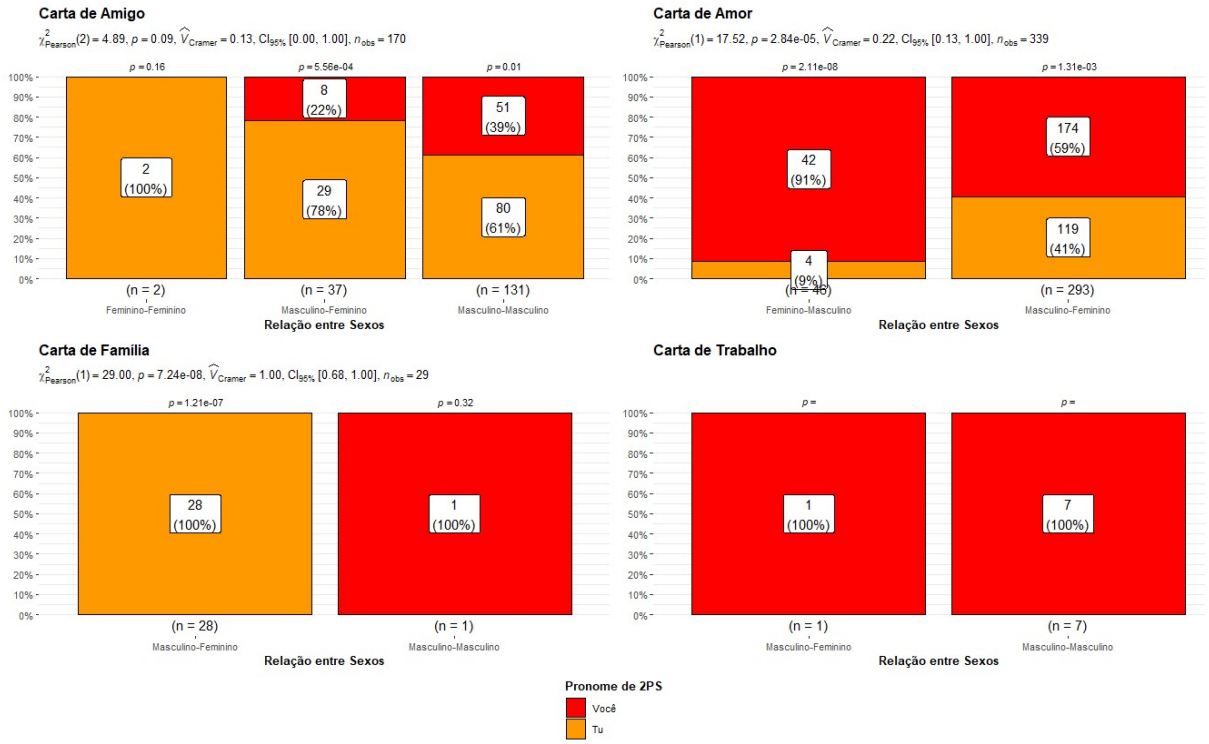
No período IV (1982-2003), percebemos uma variação moderada na utilização de *tu* e *você* nas relações simétricas e simétricas solidárias analisadas. Neste intervalo temporal, constatamos maior predominância do *você* em ambos os tipos de relação, contrastando com o período inicial, onde o *tu* era mais frequente nessas relações. Nas relações simétricas, o *tu* foi utilizado em 25% das realizações, enquanto o *você* esteve presente em 75% das realizações. Nas relações simétrica solidárias, o *tu* e o *você* apresentaram, respectivamente, 15% e 85%.

A partir dos resultados obtidos, percebemos que as preferências nas escolhas pronominais variaram ao longo dos anos. Essa variação no emprego dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito não indica uma substituição de uma forma por outra, mas uma mudança nas frequências de uso, alinhadas às transformações nas dinâmicas de poder e solidariedade através do tempo. Essa variação destaca as alterações nas relações interpessoais e como estas influenciam as escolhas linguísticas ao longo do tempo. Essas variações nas escolhas pronominais refletem a evolução das normas sociais e das relações interpessoais, evidenciando como a linguagem é um reflexo das mudanças na sociedade ao longo dos anos.

4.3.4 Subgênero da carta e relação entre sexo dos missivistas

Ao realizar o cruzamento entre as variáveis subgênero da carta e relação entre sexo dos missivistas, buscamos investigar a influência dessa interação na escolha pronominal nos subgêneros analisados. Através dessa análise observamos como o sexo dos remetentes e destinatários refletem nas escolhas de *tu* e *você* na posição de sujeito, conforme gráfico 12. Analisando as cartas de amizade, família, amor e trabalho, procuramos compreender como a relação entre o sexo dos missivistas se manifestam nesses contextos específicos.

Gráfico 12: Subgênero da carta e relação entre sexo dos missivistas



Fonte: Elaborado pela autora

Nas cartas de amigo, embora os resultados não sejam estatisticamente significativos, constatamos que o pronome *tu* tende a ser a forma preferida em interações de amizade, sendo predominante em todas as relações entre o sexo dos missivistas. Entretanto, ao observar cada tipo de relação, percebemos que nas cartas em que tanto remetente quanto destinatário são do sexo feminino, o pronome *tu* foi utilizado de forma exclusiva. Por outro lado, em cartas de remetentes masculinos e destinatárias femininas tivemos 78% de *tu* e 22% de *você*. Já em cartas escritas e direcionadas para o sexo masculino, tivemos 61% de *tu* e 39% de *você*. Esses dados sugerem que o pronome *tu* é preferido em contextos de amizade, refletindo uma maior informalidade e proximidade nas interações entre amigos, independentemente do sexo dos interlocutores.

Nas cartas de amor, há um indício de uma associação significativa na escolha dos pronomes, com uma forte tendência das mulheres a usar o pronome *você* em 91% contra apenas 9% de *tu*, nas cartas endereçadas a homens, sugerindo maior formalidade das mulheres nesse tipo de relação. Já nas cartas de homens para mulheres, observamos uma divisão equilibrada, com 41% de uso do *tu* e 59% do *você*. Nossos resultados sugerem que, dentro subgênero de cartas de amor, existem variações significativas na escolha pronominal baseadas no sexo do

missivista, indicando que as mulheres tendem a adotar escolhas mais formais em relações amorosas, enquanto os homens exibem uma maior flexibilidade na escolha dos pronomes. Essa variação no uso de *tu* e *você* nas cartas de amor pode refletir normas de formalidade e de gênero nas interações amorosas, com as mulheres tendendo a adotar uma postura mais formal, enquanto os homens mostram maior flexibilidade em suas escolhas.

Nas cartas familiares, observamos que, nas cartas escritas de masculino para feminino, o *tu* ocorreu de forma exclusiva, enquanto em cartas escritas de masculino para masculino, o *você* apresentou exclusividade, entretanto, destacamos que a utilização do *você* em cartas de masculino para masculino ocorreu em realização única, indicando que, apesar de sua presença, é consideravelmente menos frequente neste subgênero. De modo geral, nas relações familiares, há a predominância do pronome *tu* o que sugere mais intimidade e informalidade. Além disso, na análise qualitativa, notamos uma preferência pelas formas de tratamento *senhor* e *senhora* em cartas remetidas aos pais, refletindo o respeito existente nessa relação familiar. A predominância de *tu* nas cartas familiares pode refletir a proximidade e a informalidade típicas dessas relações, enquanto a utilização das formas de tratamento formais como *você, senhor* e *senhora,* indica o respeito específico nas interações com os pais.

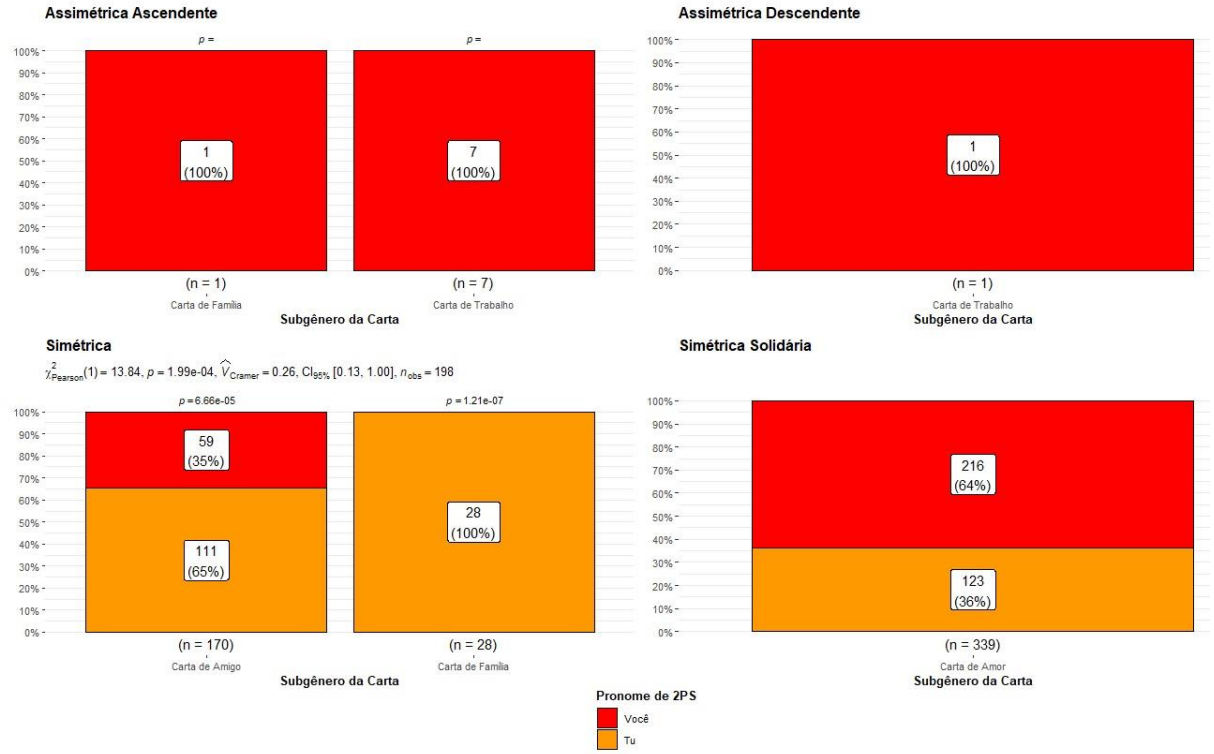
Por fim, nas cartas de trabalho, nossos resultados apresentaram uma uniformidade com relação ao uso de *você*, que foi utilizado de forma exclusiva tanto em cartas escritas de masculino para feminino, quanto de masculino para masculino. O uso do *você* de forma exclusiva em ambas as interações neste subgênero sugere a preferência dos missivistas por manter determinado distanciamento e formalidade com seus remetentes, de modo que a relação entre os sexos não é condicionante para a escolha pronominal em cartas de trabalho. A escolha exclusiva de *você* nas cartas de trabalho sugere que a formalidade e o distanciamento são prioridades nesse contexto, independente da relação de sexo entre os missivistas.

Nossos resultados evidenciam a correlação existente entre o sexo dos missivistas e de seus destinatários e o subgênero das cartas, destacando como o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular são influenciados pelas relações interpessoais e sexo dos interlocutores.

4.3.5 Subgênero da carta e relações de Poder e Solidariedade

A partir do cruzamento das variáveis subgênero da carta e relações de Poder e Solidariedade, conforme gráfico 13, buscamos compreender como as escolhas pronominais são realizadas dentro dos subgêneros de cartas e como as dinâmicas de poder e solidariedade se manifestam nesses diferentes contextos comunicativos.

Gráfico 13: Subgênero da carta e relação entre sexo dos missivistas



Fonte: Elaborado pela autora

Nas relações assimétricas, tanto ascendentes em cartas de família e trabalho quanto descendentes em cartas de trabalho, observamos a exclusividade do pronome *você*, refletindo formalidade e respeito nessas estruturas hierárquicas, elucidando as diferenças de poder entre os interlocutores. Além disso, em nossa análise qualitativa, observamos uma frequente utilização de *senhor* e *senhora* nesses contextos, reforçando a relação de poder existente nesses subgêneros. Apesar do número de ocorrências limitado, nossos resultados corroboram com a Teoria do Poder e da Solidariedade de Brown e Gilman (1960), evidenciando como as relações de poder influenciam as escolhas linguísticas em ambientes profissionais e familiares. Esses resultados sugerem que a escolha do pronome *você* em contextos de poder assimétrico é uma forma de manter uma distância formal e respeitosa entre os interlocutores, alinhando-se com a teoria de que a formalidade é um reflexo das hierarquias de poder nas interações.

Nas relações simétricas, observamos uma mudança significativa na escolha pronominal. Nas cartas de amigo, o pronome *tu* predominou com 65% em relação ao *você* que apresentou percentual de 35%, já nas cartas de família o pronome *tu* ocorreu de forma exclusiva, esses resultados indicam maior proximidade e solidariedade entre os missivistas nesses subgêneros. Esses dados indicam que, nas relações simétricas, como nas interações de amizade e familiares,

o pronome *tu* é preferido, refletindo maior informalidade e solidariedade entre os interlocutores. Nas relações simétricas solidárias, com o subgênero cartas de amor, observamos 36% de *tu* e 64% de *você*, demonstrando ser uma interação que indica poder e solidariedade.

Nas relações simétricas solidárias, representadas pelas cartas de amor, a variação dos pronomes em 36% do pronome *tu* e 64% do pronome *você* reflete na relação existente entre solidariedade, intimidade e poder nos relacionamentos amorosos. Esses resultados apontam para um equilíbrio na interação dos missivistas, de modo que a solidariedade existente nas relações é mesclada com elementos de poder, correlacionando-se com os diversos estágios dos relacionamentos amorosos, sugerindo que a formalidade pode ser mantida mesmo em interações que são emocionalmente próximas, refletindo uma complexidade nas dinâmicas de poder e solidariedade.

Nossos resultados apontam que as escolhas dos pronomes de segunda pessoa do singular não ocorrem de forma aleatória, mas relacionada às relações de poder e solidariedade, bem como ao tipo de relacionamento existente. O uso do pronome *tu* e do pronome *você* tende a ser escolhido de acordo com o nível de autoridade, intimidade e reciprocidade entre os missivistas. Desse modo, acreditamos que o uso desses pronomes nas cartas pessoais são um reflexo de como a dinâmica de poder e solidariedade ocorre na sociedade.

4.4 Sintetizando os resultados

A análise dos dados das cartas pessoais de missivistas alagoanos forneceu um panorama da variação dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e *você* ao longo do século XX, evidenciando que a escolha desses pronomes é condicionada por diferentes fatores. Os resultados mostraram que, enquanto o pronome *tu* predominava nas primeiras décadas do século, o pronome *você* ganhou espaço nos períodos subsequentes, indicando mudanças nas preferências linguísticas dos missivistas alagoanos. A partir da análise, também observamos que fatores como o período de escrita da carta, o subgênero da carta, a relação entre o sexo dos missivistas, o sexo dos missivistas, a relação de poder e solidariedade, o preenchimento do sujeito e o paralelismo linguístico desempenharam papéis significativos no uso dos pronomes *tu* e *você* analisados. Esses resultados demonstram que a escolha pronominal não é realizada de forma aleatória, mas influenciada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

5. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, analisamos a variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e *você* na posição de sujeito, a partir do *corpus* composto por cartas pessoais escritas por missivistas alagoanos nos séculos XX e XXI. Este estudo representa a primeira investigação sobre os pronomes analisados, sob uma perspectiva histórica no estado de Alagoas. Partindo do pressuposto de que a variação entre os pronomes *tu* e *você* é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos, recorremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008), da Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009) e da Teoria do Poder e da Solidariedade (Brown; Gilman, 1960), de modo a evidenciar a correlação existente entre língua e sociedade.

Através da nossa análise de dados, buscamos responder os seguintes questionamentos iniciais: i) há variação dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito na amostra analisada? ii) considerando a existência da variação, existe o condicionamento de fatores extralinguísticos, tais como período de escrita da carta, subgênero da carta pessoal, relação entre os sexos dos missivistas e sexo dos missivistas? iii) Essa variação é condicionada por fatores linguísticos, tais como preenchimento do sujeito, concordância verbal e paralelismo linguístico? iv) As relações de Poder e Solidariedade influenciam a escolha linguística?

Como respostas provisórias às questões formuladas, acreditamos a partir de nossas hipóteses que: i) a variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular na amostra analisada, havendo alternância entre os pronomes *você* e *tu*; ii) os fatores extralinguísticos como período de escrita da carta, subgênero da carta pessoal, relação entre os sexos dos missivistas e sexo dos missivistas condicionam a escolha linguística; iii) os fatores linguísticos como preenchimento do sujeito, concordância verbal, e paralelismo linguístico condicionam a escolha linguística e iv) a escolha linguística realizada pelos missivistas é influenciada pelas relações de Poder e Solidariedade. Para confirmar ou refutar as hipóteses levantadas, analisamos o uso dos pronomes de *tu* e *você* na posição de sujeito, verificando sua frequência de uso e descrevendo os fatores linguísticos e extralinguísticos que os condicionam.

Para o desenvolvimento da nossa pesquisa, visando explorar o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular e seus fatores condicionantes no estado de Alagoas no século XX e XXI, nossa pesquisa analisou um *corpus* diversificado de cartas pessoais. Nossa amostra abrangeu 204 cartas, datadas de 1910 a 2003, totalizando 546 ocorrências dos pronomes *você* e *tu*. O material foi agrupado em cinco conjuntos distintos: cartas de Breno Accioly para Mário de Andrade, coletadas no IEB/USP, de 1942 a 1943; cartas de missivistas da cidade de Coité

do Nóia/AL, de 1970 a 2003; cartas de missivistas não ilustres do Arquivo Público de Alagoas, entre 1966 e 1997; cartas de Graciliano Ramos pertencentes ao Arquivo Público de Alagoas, de 1911 a 1930; e Cartas de Graciliano Ramos, publicadas no livro "Cartas" da editora Record em 2013, datadas entre 1910 a 1952.

Nossos dados, analisados estatisticamente pelo programa computacional R (R Core Team, 2018), revelaram uma distribuição equilibrada dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito, com percentuais de 52% do pronome *você* e 48% do pronome *tu*. Esse resultado sugere que não há uma preferência marcada por uma das formas, de modo que inferimos que a escolha pronominal está condicionada a diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos. Diante dessa distribuição, aprofundamos nossa análise a fim de verificar a influência de diferentes variáveis, a saber, período de escrita da carta, subgênero da carta pessoal, relação de Poder e Solidariedade, relação entre os sexos dos missivistas, o sexo dos missivistas, preenchimento do sujeito, concordância verbal e paralelismo pronominal.

A primeira variável analisada foi o período de escrita da carta, para esta variável consideramos quatro períodos, a saber: 1910 a 1933, 1934 a 1957, 1958 a 1981 e 1982 a 2003. Nossos resultados apontam uma alternância significativa no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular ao longo do tempo. Nas primeiras décadas analisadas, o uso do *tu* foi predominante, entretanto, com o passar do tempo cedeu espaço ao uso de *você*, que passou por um período intermediário de utilização exclusiva e, ao final do século, volta a alternar com o *tu*, que perde a força, havendo nesse período maior predominância do *você*. Essa variação entre os pronomes, ao longo das décadas analisadas, evidencia como a mudança temporal e as consequentes transformações sociais podem afetar os usos linguísticos.

Na análise do subgênero da carta pessoal, controlamos quatro subgêneros, a saber: carta de amigo, carta de amor, carta de família e carta de trabalho. Através dos resultamos obtidos, constatamos uma maior predominância de *tu* associado a relações de maior proximidade e informalidade, como nas cartas de amigos. Por outro lado, nas cartas de amor, observamos a predominância de *você*, contrariando a hipótese inicial de que o *tu* prevaleceria por ser, de acordo com os estudos sociolinguísticos, um pronome utilizado em relações de maior intimidade. Esse resultado nos levou a uma investigação mais detalhada e, através da análise qualitativa, percebemos que as escolhas dos pronomes nesse subgênero parecem ser influenciadas por fatores mais complexo, como por exemplo, os diferentes tipos de relacionamentos amorosos. Essa descoberta ressalta a importância de também considerar as particularidades das relações interpessoais na análise das escolhas linguísticas. Nas cartas de família, tivemos o *tu* como forma pronominal predominante, indicando intimidade nas relações

familiares. Entretanto, na análise qualitativa, identificamos o uso de *senhor* e *senhora* sendo utilizado em referência aos pais, indicando maior formalidade e respeito nesse tipo de relação, de modo que demonstra que, apesar da proximidade existente entre o filho/a e seus pais, o respeito é mantido e revelado através de sua escolha linguística. Nas cartas de trabalho, a forma predominante foi o *você*, identificamos também a presença do uso de *senhor* e *senhora*, demonstrando as relações hierárquicas e convenções sociais existentes no ambiente de trabalho.

Ao analisar a relação entre o sexo dos missivistas, observamos como essa variável influencia em suas escolhas linguísticas. Com isso, constatamos que o *tu* foi predominantemente utilizado nas cartas em que remetentes e destinatários pertenciam ao mesmo sexo, enquanto o *você* teve maior predominância em cartas escritas de mulheres para homens, indicando, possivelmente um maior nível de formalidade, e até mesmo distanciamento social. Posteriormente, analisamos a variável sexo dos indivíduos de modo que nossos resultados sugerem que as mulheres, de modo geral, fazem maior uso do pronome *você*, enquanto os homens, apresentam uma distribuição equilibrada entre os usos de *tu* e *você*, apontando uma flexibilidade linguística nesses indivíduos. Refletindo acerca dessas duas variáveis analisadas, observamos que os resultados obtidos demonstram como as construções sociais existentes em torno do sexo dos indivíduos podem influenciar em suas escolhas linguísticas, apresentando formas linguísticas de maior ou menor proximidade/formalidade.

No que diz respeito à variável relações de poder e solidariedade, nossos resultados revelam como a escolha pronominal reflete nas dinâmicas das relações interpessoais. Em contextos de assimetria, seja descendente ou ascendente, *você* é utilizado de forma exclusiva, se comportando como um marcador de distância e respeito nessas relações hierárquicas. Por outro lado, em relações simétricas, houve o predomínio do pronome *tu*, demonstrando a intimidade e solidariedade presente nessas relações. De forma curiosa, as relações simétricas-solidárias apresentaram maior uso do pronome *você*, indicando que, apesar da proximidade existente entre os missivistas, esse tipo de relação apresenta maior complexidade. Esses resultados corroboram com a Teoria do Poder e Solidariedade, ampliando nossa compreensão sobre como as escolhas linguísticas são condicionadas pelos contextos de poder e solidariedade.

A análise da variável preenchimento do sujeito demonstrou as estratégias e escolhas linguísticas realizadas pelos missivistas com relação ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito. Os resultados evidenciam uma preferência pelo sujeito nulo vinculado ao pronome *tu*, enquanto o sujeito pleno apresenta maior predominância associado ao pronome *você*. Essa tendência, além de estar alinhada com os estudos sociolinguísticos realizados anteriormente, também sugere uma transição gradual no português brasileiro do uso

predominante do sujeito nulo para uma maior explicitação do sujeito. No que diz respeito à variável paralelismo pronominal, nossos resultados evidenciam a preferência pela continuidade da forma pronominal utilizada inicialmente, o que demonstra determinada estabilidade no uso do pronome, indicando que, uma vez estabelecida a escolha do pronome, os missivistas tendem a preservar essa escolha, conforme pontuam os estudos sociolinguísticos.

Visando aprofundar nossa compreensão acerca da variação entre os pronomes *tu* e *você* na posição se sujeito nas cartas pessoais analisadas, realizamos o cruzamento entre as variáveis independentes. Através desse cruzamento, conseguimos alcançar um maior entendimento sobre as escolhas linguísticas realizadas e observamos que a preferência por uma ou outra forma linguística é fruto da interação de diferentes fatores internos e externos à língua.

Ao realizar o primeiro cruzamento entre as variáveis independentes, focando no período de escrita e no sexo dos missivistas, identificamos uma variação nos pronomes de segunda pessoa do singular ao longo do tempo associada com o sexo dos missivistas. Na primeira metade do século XX, tivemos apenas cartas escritas por missivistas do sexo masculino, os resultados demonstram que, nas primeiras décadas, o pronome *tu* era predominante. Contudo, na segunda metade do século XX, notamos uma mudança significativa nesse padrão, houve a inclusão de cartas escritas por missivistas femininas e o pronome *você* emergiu como a forma preferencial para referência a segunda pessoa do singular, sendo amplamente utilizado tanto por homens quanto por mulheres, embora o uso do *tu* persistisse, ainda que em menor escala.

O segundo cruzamento entre as variáveis realizado foi entre o período de escrita e o subgênero da carta pessoal. No início do século XX, no período I (1910 a 1933), o pronome *tu* era a forma predominante, principalmente nos subgêneros que denotam maior intimidade, como cartas de amigos, amor e familiares, indicando uma forte preferência por uma forma de tratamento que sugere proximidade e intimidade. À medida que avançamos para os períodos II (1934 a 1957) e III (1958 a 1981), a utilização do pronome *você* se torna exclusiva, independentemente do nível de intimidade entre os missivistas. No último período analisado, período IV (1982 a 2003), observamos uma distribuição oposta ao primeiro período analisado, no qual, apesar da existência do pronome *tu*, o *você* é a escolha pronominal predominante. Esse panorama acerca do uso dos pronomes reflete não só a mudança ocorrida ao longo do tempo, como também as transformações nas relações interpessoais de cada época.

Ao analisarmos o cruzamento entre período de escrita da carta e as relações de Poder e Solidariedade, percebemos como a dinâmica das relações interpessoais refletem nas escolhas pronominais dos missivistas. No período I, o *você* foi amplamente utilizado em relações de Poder, enquanto o *tu* foi utilizado de forma exclusiva em relações de solidariedade. Nos

períodos II e III, o *tu* deixou de ser realizado e o *você* esteve presente nos dois tipos de relação, tanto de poder quanto de solidariedade. No período IV, tivemos apenas realizações dos pronomes em contextos solidários de relações simétricas e simétricas solidárias, os resultados mostram o retorno do pronome *tu* nas missivas, ainda que em menor escala em comparação ao período inicial. Esses resultados sugerem uma mudança nessas relações sociais, onde as escolhas pronominais refletem mudanças nas estruturas sociais, bem como sinalizam como as relações de poder e solidariedade são reconfiguradas linguisticamente ao longo do tempo.

Na análise do cruzamento entre o subgênero da carta e a relação entre o sexo dos missivistas, observamos tendências distintas na escolha pronominal. Nas cartas de amigo, o *tu* apresentou maior predominância, especialmente em cartas escritas de mulher para mulher. Nas cartas de amor, as mulheres apresentaram preferência pelo pronome *você* ao escrever para homens, revelando determinada formalidade e distanciamento, enquanto os homens apresentaram maior flexibilidade, com o uso mais equilibrado das duas formas pronominais. Em cartas de família, o pronome *tu* foi mais utilizado, sendo a preferência em cartas escritas de homens para mulheres. Já nas cartas de trabalho, os resultados apontaram o uso exclusivo do pronome *você* em todas as combinações de sexos, o que destaca um padrão de formalidade profissional, demonstrando que, nesse subgênero, a relação entre os sexos dos missivistas tem um impacto limitado na escolha pronominal, predominando a formalidade e o distanciamento.

Na análise do cruzamento entre subgêneros de cartas e relações de poder e solidariedade, observamos que as escolhas dos pronomes *tu* e *você* na posição de sujeito nas missivas analisadas estão ligadas a essas dinâmicas sociais. Em relações de poder, como nas cartas de trabalho, o *você* prevalece, denotando formalidade e respeito nas hierarquias estabelecidas. Em contrapartida, nas cartas de amigo, que refletem as relações simétricas, o *tu* é realizado com maior frequência, simbolizando uma relação de solidariedade entre os missivistas. Nas cartas de amor, a coexistência do *tu* e do *você* revela uma interação entre intimidade e formalidade, refletindo as complexidades das relações de poder e solidariedade que permeiam os relacionamentos amorosos. Os resultados reafirmam a teoria de poder e solidariedade, mostrando como o poder influencia a linguagem nos subgêneros das cartas pessoais.

Através da análise de dados observamos que as escolhas dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular não ocorrem de maneira aleatória, mas condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. A distribuição equilibrada entre o *tu* e o *você* evidencia a importância de investigar as variáveis que influenciam essa variação, para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno. Esta análise, fundamental para os estudos linguísticos, nos permitiu explorar como essas escolhas pronominais se ajustam às mudanças sociais e

interpessoais ao longo do tempo, compreendendo como a alternância entre os pronomes analisados reflete em diferentes contextos. Além disso, o cruzamento entre as variáveis evidenciou como os grupos de fatores não atuam isoladamente, evidenciando como esses fatores se integram e influenciam mutuamente a escolha linguística dos missivistas.

Ao concluir este estudo, esperamos ter contribuído significativamente para a compreensão do uso dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito em Alagoas, aprofundando a análise das suas transformações ao longo dos séculos XX e XXI. Nosso trabalho não apenas mapeia a trajetória dos pronomes analisados ao longo dos séculos XX e XXI, mas também reflete acerca das dinâmicas sociais e interacionais que influenciaram as escolhas linguísticas. Desse modo, esperamos que nossa pesquisa contribua para estudos futuros, facilitando a incessante jornada em busca do conhecimento dos usos da língua.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. J. N. **Formas de tratamento no português brasileiro do século XX:** conservação e variação em cartas pessoais do norte e nordeste. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 2019.

BARCIA, Lucia Rosado. **As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal.** Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

BERGS, A. **Social networks and historical sociolinguistics: studies in morphosyntactic variation in the Paston letters (1421-1503).** Walter de Gruyter, 2005.

BROWN, R.; GILMAN, A. **The pronouns of power and solidarity**. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). Style in language. Cambridge: MIT Press, 1960.

CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Wiley-Blackwell, 2012.

CARNEIRO, Z. N. **Cartas Brasileiras (1809-1907): um estudo filológico-linguístico**. Campinas, Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

Castilho da Costa (2012, p. 146-151)

CHAVES, E. **Implementação do pronome você: a contribuição de pistas gráficas**. Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

COELHO, I. L. et al**. Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010

COSERIU, E. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral.** 1ª Ed. Editora Presença, São Paulo, 1979.

COSTA, E. C. C. **Cartas pessoais de pernambucanos dos séculos XIX e XX: o comportamento das formas de tratamento tu e você na posição de sujeito sob o enfoque da historicidade da língua e do texto**. Dissertação de Mestrado. Recife. Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio "evite pronome" no Português Brasileiro**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp. 1995.

FARACO, C. A. **O tratamento você em português: uma abordagem histórica**. Fragmenta, 13: 51-82, 1996.

FARACO, C. A. *História do Português***.** São Paulo: Parábola, 2019.

FRANÇA, R. M. M. **A referência variável ao sujeito de 2a pessoa do singular em missivas mineiras: uma breve investida pelos séculos XIX e XX.** Monografia. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

GOMES, V. S.; LOPES, C. R. S. **Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática**. RELIN, v. 24, n. 1, 2016.

GUY, G.; ZILLES, *A.* **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KOCH, P. **Tradiciones Discursivas y Cambio Linguístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español.** In: KABATEK, Johannes (Ed.) Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Madrid / Frankfurt:Iberoamericana / Vervuert (Linguística Iberoamericana 31), 2008.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LASS, R**. Historical linguistics and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000

LIMA, T. J. S. **Maria eu observei nas palavras que mandastes dizer na carta que tu ainda duvidas do meu amor, mas você não tem razão de assim se expressar": a variação dos pronomes pessoais Tu e Você em cartas de amor rurais do sertão pernambucano**. Monografia. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2018.

PEREIRA, R. O. **O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

LOPES, C. R. S. **Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX**. Alfa, São Paulo,

LOPES, C. R.; RUMEU, M. C. B. **A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX**. LaborHistorico, 2016.

LOPES, C. R. S.; SOUZA, Janaína Pedreira Ferreira de. **Formas tratamentais em cartas do Rio de Janeiro (1870 a 1979).** Comunicação apresentada no I Simpósio do LaborHistórico: História dos pronomes de tratamento no português brasileiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

LOPES, C. R. S.; MARCOTULIO, L.; OLIVEIRA, T. L. **A atuação dos papeis sociais na mudança no sistema de tratamento no português brasileiro: análise de cartas pessoais (1870-1979).** Estudos de linguística galega, 2017.

LOPES, C. R. S. **Sobre a norma e tratamento em cartas a Rui Barbosa.** In: V. A. Aguilera. 2009

LOPES, C. R. S. **Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX**. In. A. Cortina e S. M. G. Nasser, 2009: 47-74.

LOPES, C. R. S. **Retratos da variação entre "você" e "tu" no português do Brasil: sincronia e diacronia.** In: C. Roncarati; J. Abraçado (Orgs. 2008, p. 55-71)

LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S. **A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te**. Linguística, 25: 30-65, 2011.

LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. **De "vossa mercê" a "você": análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas**. In: S. F. Brandão; M. A. R. C. Mota. (Orgs. 2003: 61-76).

LOPES, ET. AL. **A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito**. In: LOPES, C. R. História do Português brasileiro: Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2018.

MACHADO, A. C. M. **A implementação de "você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais do século XX.** Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

MACHADO, A. C. M. **As formas de tratamento no teatro brasileiro e português dos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2015.

MENON, O. P. S. **Implementação do você no século XX, no português do Brasil**. In: Sella, E. C. Roman e A. T. Corbari. (Orgs. 2016: 21-79)

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov.** Petrópolis: Vozes, 2000

MONTGOMERY, M. **Variation and historical linguistics**. In: BAYLEY, Robert; LUCAS, Ceil. (org). Sociolinguistic Variation. Theories, Methods and Applications. Cambridge, University Press, 2007.

MOURA, K. K. **A implementação do você em cartas pessoais norte-riograndenses do século XX.** Natal. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

NUNES DE SOUZA, C. M. **Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística de cartas pessoais das formas de tratamento**. Florianópolis. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

NUNES DE SOUZA, C. M.; COELHO, Izete Lehmkuhl. **O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX.** Revista do Gelne, 15. 1/2: 213-243, 2013.

OMENA, N. **A referencia à primeira pessoa do discurso no plural.** In: PAIVA, M.; DUARTE,E. (Orgs.). Mudança linguística em tempo real. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. **Quarenta anos depois: a herança de um programa na Sociolinguística brasileira.** São Paulo: Parábola, 2006.

PAREDES SILVA, V. L. **Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal.** Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

PEREIRA, R. O. **O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico.** Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

PESSOA, M. B.. **Da carta a outros gêneros textuais**. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D (Orgs.). Para a história do português brasileiro. Rio de Janeiro: UFRJ/LETRAS FAPERJ, 2002. p. 198-205.

RIZZINI, C**. O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

ROMAINE, S. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1982].

ROSA, E. **Sociolinguística Histórica**. Revista de Letras. UTFPR – Curitiba, 2015.

RUMEU, M. C. B. **Variation in the paradigms of 'tu' and 'você' subject and complements in letters from Minas Gerais, Brazil, 1860 -1989.** In: Hummel M, Lopes CRS, organizadores. Address in Portuguese and Spanish. 1.ª ed. GmbH, Berlin/Munich/Boston: De Gruyter ; 2020. p. 227- 249

RUMEU, M. C. B. **Vestígios da pronominalização de Vossa Mercê > Você em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX.**

Veredas On-Line – Atemática – 2/2012, P. 36-55 – PPG Linguística/UFJF – Juiz De Fora - ISSN: 1982-2243

RUMEU, M. C. B. **A implementação do "você" no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel**. Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

RUMEU, M. C. B. **A inserção do 'você' no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG. LaborHistórico**, Rio de Janeiro, 5 (Especial): 15-38, jan. | jun. 2019.

RUMEU, M. C. B. **Língua e Sociedade: a história do pronome "você" no português brasileiro.** Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

RUMEU, M. C. B. **Para uma história do Português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas.** Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

SALES, I. A. **Aspectos linguísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas**. São Paulo. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, A. A. S. **Duelo entre tu e você em cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX1.** Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2019.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, M. **Paralelismo linguístico.** Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, jul./dez. 1998

SCHERRE, M.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C. MARTINS, G. F. **Variação dos pronomes "tu" e "você".** In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.) Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SCHERRE, M. M. P.; ANDRADE, C. Q.; CATÃO, R. de C. **Redesenhando o mapa dos pronomes tu/você/cê/ocê no português brasileiro falado.** In: WITCHS, P. H.; VIEIRA-MACHADO, L. M. da C.; FURLAN, C. K. J.; NOGUEIRA, M. de O. (org.). Conquistas e desafios dos estudos linguísticos na contemporaneidade: trabalhos do V Congresso Nacional de Estudos Linguísticos – V CONEL. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

SOUSA, G. A. **As formas de tratamento de segunda pessoa do singular em cartas do Seridó potiguar.** Rio Grande do Norte. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

SOUZA, C. M. N. **A alternância entre tu e você na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

SOUZA, J. P. F. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX.** Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

TEYSSIER, Paul, **História da Língua Portuguesa.** São Paulo: Martins Fontes: 2001.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006. [1968]